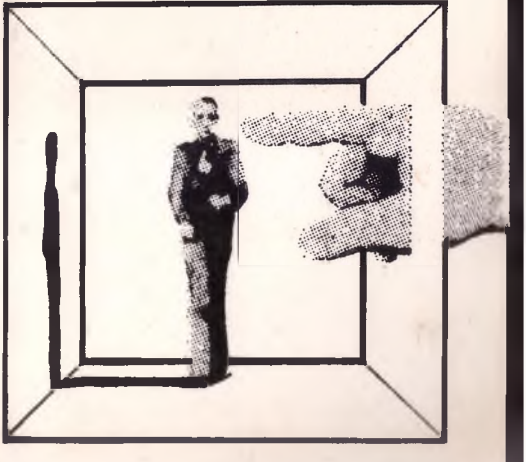
# O VALETE DE ESPADAS

Gerardo Mello Mourão



3ª Edição

EDITORA BRASILIA/RIO

O VALETE DE ESPADAS é um livro que só posso classificar como satânico. É um romance terrível, com segundas intenções. Sem dúvida uma obra que revela as garras de um forte romancista. **TRISTÃO DE ATHAYDE**

É o mais importante livro da língua portuguesa nos últimos cem anos. **SÉRGIO MILLIET**

Um livro belo, áspero, intratável. Sequências de pesadelo kafkiano. **LEONARDO ARROYO**

Gerardo Mello Mourão sabe que as palavras carregam a vida eterna. E das palavras se serve para nos alarmar e nos encantar. **JOSÉ LINS DO REGO**

Estranho romance este que nos mostra o quanto é complexo o nosso mundo e o quanto é incompreensível para todos nós. **STANISLAW PONTE PRETA**

O mais inteligente romance brasileiro. **ANTONIO OLINTO**

**3ª Edição**

**EDITORA BRASILIA/RIO**

Este é um dos romances mais importantes da literatura brasileira, de hoje e de todos os tempos. Numa ficção em geral tão rasteira como a nossa, **O Valete de Espadas** singulariza-se por ser romance imantado por múltiplas polaridades, que se manifestam tanto na sua poética compositiva quanto na gama temática que lhe dá enorme densidade. Como romance poemático, ele se constrói aglutinando os valores do sensorialismo. Mas, ao mesmo tempo, ergue-se como um ato de lucidez demiúrgica: uma grave decisão intelectual comanda a sua construção interna, organizando o ritmo narrativo. Guarda, em sua malha poética, um pouco da música, que é simultaneamente matemática e sonho. Na sua estrutura enlaçam-se o lúcido e o lúdico, o apolíneo e o dionisíaco. Enquanto a inteligência governa a sua arquitetura interna, a sensualidade (no sentido filosófico do termo), de que está perpassado, mostra como **O Valete de Espadas** submete-se àquilo que os ingleses chamam de **the cult of sensibility**. Mais do que simples atributo estilístico, a plasticidade de sua linguagem é o instrumento que permite ao seu Autor visualisar o invisível. Gerardo Mello Mourão parte, nesta perturbadora fábula do nosso tempo, do real para o mais que real, segundo a fórmula latina: **per realia ad realiora.** Este é o motivo pelo qual **O Valete de Espadas** oscila entre o mágico e o lógico, o concreto e o feérico, o real e o onírico, o divino e o demoníaco, deixando transparecer, nesse jogo de polaridades, que Gerardo Mello Mourão concebe o homem como animal simbólico, no qual convivem as potências do racionalismo e as possanças da irracionalidade. A aventura da estranheza vivida por Gonçalo Falcão de Val-de-Cães perfila a revelação conflitiva desta duplicidade, centrada em dois emblemas: o hotel e o convento.

Falou-se, a propósito deste livro, em Hermann Hesse, como se poderia ter falado em Franz Kafka e Gustav Meyrink. Mas o que não se disse é que não se trata de problema de influência, sim de identidade: **O Valete de Espadas** integra a grande família centro-européia do romance expressionista criado, numa hora agônica de nossa civilização, para refletir a situação do homem contemporâneo sob o impacto do absurdo. Com o seu realismo apocalíptico, **O Valete de Espadas** é o maior romance de alusão jamais escrito no Brasil.

**Franklin de Oliveira**

GERARDO MELLO MOURÃO

# O VALETE DE ESPADAS

3ª EDIÇÃO

1977

Coleção Literatura

EDITORA BRASÍLIA/RIO
Rio de Janeiro

Copyright © by Gerardo Mello Mourão
Capa — Paulo de Oliveira
Revisão — Affonso Mondego

Nº 0217

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ)

Mourão, Gerardo Melo.
M89v O Valete de espadas: romance/por/Gerardo Mello Mourão. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Brasília/Rio, 1977.
p. (Literatura)

1. Romance brasileiro I. Título II. Série

77-0218

CDD — 869.93
CDU — 869.0(81)-31

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio ou sistema, em língua portuguesa ou estrangeira, sem o prévio consentimento da Editora Brasília/Rio.

## OBRAS DE GERARDO MELLO MOURÃO

CABO DAS TORMENTAS (poesia). Edições do ATRIL, 1951.
TRÊS PAVANAS (poesia). Edições GRD, 1961.
O PAÍS DOS MOUROS (poesia). Edições GRD, 1963. 2.ª ed., Editora Paz e Terra, 1972.
DOSSIÊ DA DESTRUIÇÃO (romance). Edições GRD, 1966.
PERIPÉCIA DE GERARDO (poesia). Editora Paz e Terra, 1972.
O RASTRO DE APOLO (poesia). Edições GRD, 1977.

### NO ESTRANGEIRO

*Alemanha:* PIKBUBE (O Valete de Espadas). Rowohlt Verlag, 1963.
*França:* LE VALET DE PIQUE (O Valete de Espadas). Editions Gallimard, 1966.
*Iugoslávia:* PIK-PUB (O Valete de Espadas). Editora Zogra, Zagreb, 1969.
*Argentina:* LA SOTA DE ESPADAS (O Valete de Espadas). Editorial Sudamericana, 1975.
*Portugal:* O VALETE DE ESPADAS. Livraria Bertrand, 1976.

O VALETE DE ESPADAS foi publicado em 1.ª edição em 1960, e em 2.ª edição em 1965, por Edições GRD.

*"Não conheço sequer o caminho"*

TOBIAS: 3, V-2

## *NOTA DO AUTOR*

*O intermezzo do Arlequim, que se conta no Capítulo III, redigido pelo autor, foi inventado por Juan Raul Young. O poema do Anjo da Guarda, que se encontra no Capítulo IV é de José Francisco Coelho. A teoria do Elogio da Surpresa, incluída no Capítulo V, é trecho de uma carta de Efraín Tomás Bó, que também contou ao autor uma história da qual resultou a figura de Antônio Guiteras. De uma carta de Napoleão Agustín Lopes é o monólogo de Jezebel ao repetir uma casa e quem sabe se uma infância. De Gofredo Tito Iommi é o poema espanhol do Capítulo VI. Por todas essas inclusões, que não foram intencionais, e por muitas outras coisas, esses cinco, aqui prestando um testemunho, recebam também o testemunho do amigo.*

G.M.M.

# I

# O HOTEL

À pancada da porta atrás de sua saia de linho, os móveis estremeceram. Dentro de mim alguma coisa estremeceu também. Descobri o criado-mudo, uma cadeira de braços, o guarda-casaca. Nunca entendi de estilos de móveis, nem então me preocupei com isto. Bastava-me uma vaga impressão de que eram peças cúbicas, sobretudo a cadeira, que tinha um aspecto grotesco e confortável. Cúbicos... por quê? Por que os seios das mulheres?...

Era incrível minha situação. O normal era que eu tivesse pulado da cama para pedir a quem quer que fosse uma explicação imediata. Mas não. Meu espanto foi lento. Primeiro, a arrumadeira. Depois, os móveis, no momento em que estremeceram. Sim. Ontem à noite eu me deitara com minha mulher — sempre dormimos na mesma cama — ela à direita, eu à esquerda. Realmente, nunca me perguntei porque fazíamos assim, mas era uma rotina e não me parecia necessário justificá-la. Agora, porém, era diferente. Acordar assim, sem mais nem menos, num hotel estranho — seria mesmo um hotel? —, cercado de móveis que não me eram familiares, atendido vergonhosamente por uma arrumadeira

de seio azul... É demais. Fechei os olhos, e foi então que me veio, lúcida e plástica, a obrigação de indagar. E a primeira pergunta que saiu de dentro de mim, creio que a fiz alto, porque ainda me lembro perfeitamente de um tremor nos lábios, no instante em que ela me chegava à boca, como um mergulhador aflito e desesperado que consegue vir à tona. Senti sua chegada convulsa à língua, ao céu da boca, aos lábios. Não sei se murmurei ou gritei. Sei que perguntei imperiosamente, apalpando a cama:

— "Por que minha mulher não está aqui?"

Tudo mais era secundário: os móveis e o diabo. O que me pareceu grave e terrível foi a ausência de minha mulher. Porque não estava ela a meu lado? Hoje, essa pergunta, que fiz com tanta sinceridade, me parece ridícula. De qualquer maneira, era a menos importante que se podia fazer em tal circunstância. Entretanto, sinto-me elegante ao registrá-la aqui, não só por um amor minucioso à verdade, como também para dar àquela pobre criatura, que deve andar me procurando pelo mundo inteiro, o testemunho de minha ternura. Pode ser que ela algum dia venha a ler este manuscrito. E assim, terá ao menos a consolação de saber que não a abandonei por minha culpa, nem fugi com alguma amante, numa dessas aventuras que vemos de vez em quando nos jornais. As mulheres são muito sensíveis a certas coisas, e a só certeza de que não foram trocadas por outra, as deixa quase tranqüilas.

Além disso, ela poderá mostrar estes papéis a minha mãe também. Me dói muito pensar em minha mãe. É uma palavra que escrevo penosamente. E uma das poucas comodidades que me permito é afastá-la de minha memória. Isto, porém, nem sempre é possível, e às vezes, por mais que eu me agasalhe contra sua dolorosa lembrança, ela me penetra como um vento gelado. Hoje, não posso evitá-la. Aperto-a no peito como um cilício querido. E disto tam-

bém presto contas, pelo desejo de ser minuciosamente exato e para dar-lhe uma satisfação. É horrível passar por ingrato e sem coração e fazer os outros sofrerem. E minha mãe, que é tão piedosa, quando rezar à noite o terço em seu oratório cheio de imagens, olhando o grande Coração de Jesus de dedo pálido que toca o coração úmido, ficará resignada. Sabendo que eu não tive a menor interferência nos curiosos acontecimentos que se apoderaram de mim e me fizeram desaparecer de casa — ela ainda é capaz de agradecer a Deus. E se soubesse latim e tivesse como eu este gosto precioso de citar frases, ela diria até o versículo de Job: *"dominus dedit, dominus abstulit"*. Em todo caso, sem Job e sem latim, será mais ou menos isso o que ela dirá.

Se não houvesse essas compensações, eu me arrependeria de a primeira pergunta ter sido sobre minha mulher. Hoje, acho perfeitamente imbecil perguntar porque minha mulher não está aqui. É muito mais justo perguntar porque havia ela de estar ao meu lado. Mas naquela manhã, foi o que me ocorreu. E confesso que só graças a essa pergunta, feita intensamente, foi que me dei conta de minha inexplicável posição. Era impossível deixar-me ficar assim, sem tomar qualquer iniciativa. Vesti-me às pressas, sem olhar para nada, e saí do apartamento, disposto a enfrentar o misterioso acontecimento. A porta bateu atrás de mim, a mesma pancada maciça com que a arrumadeira a fechara. Vi um longo corredor de quartos numerados, e por curiosidade olhei também para a minha porta. Se eu dormira ali, também tinha algum direito de chamá-la *minha*. Além disso, como havia de designá-la? Estava marcada com três algarismos de metal: 4-2-5. Entre o 423 e o 427. Era, portanto, o 425. Veio-me a idéia de fechá-la à chave. Era mais prudente. Empurrei a porta, apanhei a chave pelo lado de dentro e ia saindo, quando vi sobre a cadeira cúbica um chapéu de largas abas amarelas. Reconheci-o. Era o

meu chapéu. Não fixei o terno nem os sapatos. Mas o chapéu era o meu. Parecia falar com sua copa amarrotada. Achei-o tão familiar — tinha um forma de ternura e intimidade tão vivas — que me deu a impressão súbita e pungente de um cão fiel. Tive um pressentimento de que aquele chapéu era a última companhia que não me abandonava, e tomei-o como a relíquia de um mundo morto. Meti-o na cabeça. Sensação de esperançosa estabilidade de um náufrago que se agarra ao último salva-vidas.

Novamente a pancada da porta. O longo corredor. Descobri um elevador, dentro dele uma farda de botões dourados, dentro dela talvez um homem, de onde veio uma voz:

— Bonjour, m'sieu.

Eu estava muito preocupado para responder. Uma resposta é uma coisa séria, mesmo quando se trata de um cumprimento. Há sempre o perigo de responder errado. Por isso, às vezes — muitas vezes — prefiro passar por incivil e não respondo. Todos os erros do mundo se devem a respostas erradas. Além disso, aquele "bonjour, m'sieu", — foi tão débil e maquinal, que não lhe correspondia resposta alguma. De palavras assim, o povo diz que entram por um ouvido e saem pelo outro. As verdadeiras perguntas talvez nem entrem pelo ouvido. Caem no coração e ficam batendo aflitamente as asas, como um pássaro no alçapão.

"Bonjour, m'sieu" — talvez até nem fosse dito por um ser humano. A técnica moderna tem invenções engenhosas. É bem possível que se tratasse de um elevador luxuoso, com dispositivos automáticos, e dentro da farda de botões dourados houvesse apenas um gramofone. O que, de resto, seria bastante. Não respondi, portanto, a essa insignificante fórmula. Sobretudo por uma questão de ordem. A mim é que cabia fazer uma pergunta e receber uma resposta. A porta

do ascensor abriu-se com um assobio pianíssimo de ar comprimido e pareceu-me um suspiro humano. Mais humano que aquele *"bonjour, m'sieu"*. Talvez a pobre máquina estivesse cansada de engolir e vomitar passageiros, dia e noite, tanto mais que parecia tratar-se de um imenso hotel, com centenas de apartamentos. Encontrei-me num hall amplo e claro. Uniformes verdes de botões dourados. Aquele homem neutro e rubicundo deve ser chefe da portaria. Avancei. Em que língua deverei falar? É fora de dúvida que não estou em meu país. Em meu país todos os homens são deliciosamente morenos e de belos rostos compassivos. Estes são ruivos, louros, calvos, narigudos. Todos os sinais de imbecilidade e grossura das raças louras. De qualquer maneira, é preciso perguntar. Ainda ontem estava em minha casa, na pequena cidade da província onde todos me conheciam. Ainda ontem à noite deitei-me com minha mulher. E acordo inexplicàvelmente num hotel estrangeiro. Tenho que saber ao menos como cheguei aqui. Aproximei-me do porteiro. Ia crivá-lo de perguntas. O homem estendeu-me maquinalmente o braço para receber uma coisa que eu tinha na mão. Hesitei um momento, e estendi-a:

— Sim, Senhor. Minha chave.

Êle também deve ter dito *"bonjour, m'sieu"*.

*Minha* chave. É estranho. Eu devia ter dito *sua* chave. Mas tudo isso era secundário. O importante era saber onde eu estava. E por que e como e para quê. Ia perguntar imediatamente.

De súbito estaquei. Quem era aquele homem para me responder? Não. Seguramente ele também não sabia nada. Ninguém sabia. Senti-me perdido, entregue às minhas próprias forças. Fora de dúvida. Aquele homem não podia saber. Ninguém podia saber. Minha situação pareceu-me então ridícula e dolorosa, e seria muito humilhante de minha parte se eu entregasse a solução às informações de um mes-

quinho porteiro. Fiquei em frente ao balcão, e o homem já me olhava com o ar de polida reserva tão peculiar aos de sua laia. Gaguejei um pouco e não sei porque, perguntei em francês:

— S'il vous plait, monsieur — pode me informar a que horas cheguei ao hotel?

Olhou-me com certo espanto, e eu me julguei na obrigação de explicar, o melhor que pude:

— Vous savez, monsieur — para meus negócios é de grande importância saber se cheguei antes ou depois de meia noite.

Notei-lhe o gesto submisso de quem obedece sem pedir explicações — quase desculpando-se por minha embaraçada indulgência — e vi-o curvar-se diante de um fichário ou um livro de registro.

Informou maquinalmente:

— Monsieur Gonçalo Falcão de Val-de-Cães — hora de entrada: 0,00.

— Merci.

Retirei-me. Seria ridículo perguntar mais. Saí com a preocupação ferida por aquele 0,00. Seria zero hora? Seria talvez meia-noite, 24 horas? Passariam talvez alguns minutos, alguns segundos. Como poderia saber a hora de minha chegada? Uma fração de segundos determinaria no caso a diferença de um dia. Maldita coisa o sistema cronométrico! Maldita e imperfeita. Sempre fui contrário ao sistema solar, ao calendário gregoriano, a Copérnico, ao Papa Gregório, a Ptolomeu, a Galileu e outros fantasistas convencionais e teimosos. Tenho idéias muito rigorosas sobre o tempo, o espaço e o movimento, que são assim como três coisas distintas e uma só verdadeira. Me agrada particularmente a teoria daqueles finos filósofos eleatas que proclamaram, em plena Grécia matemática, a inexistência do movimento. É verdade que Diógenes se ergueu diante

da subtil assembléia e avançou. Avançou concretamente, dando dois passos e uma gargalhada, julgando que com isso provava, para todo o sempre, a possibilidade e a existência do movimento. Mas Diógenes era um cínico, e com todo o sofisma de suas pernas não poderá impedir a frase do porteiro e a minha perplexidade: "Hora de entrada — 0,00."

E não havia dúvida que se tratava de mim mesmo. O homem leu meu nome. Gonçalo Falcão de Val-de-Cães. Sim. Não é possível que exista no mundo outro Gonçalo Falcão de Val-de-Cães. E se existir, será uma usurpação. Este nome é meu. Ninguém o poderá usar com a naturalidade e o direito com que o uso. Faz parte de minha pessoa, e é absolutamente impossível que eu tivesse outro nome. Seria um despropósito se eu me chamasse Alcides ou Austregésilo. É verdade que há sujeitos chamados Olindo ou Tiburcio, mas não há dúvida que o nome lhes cai como uma luva.

O porteiro pronunciou claramente meu verdadeiro nome. Agora me dou conta disso com toda a consciência, e sinto como se me tivessem tocado com a ponta do dedo uma ferida viva. Na verdade, o nome da gente é uma coisa tão íntima e delicada, que não pode ser dito assim por qualquer um. Com que direito um vago porteiro de hotel se atreve a proferi-lo? É como se me pusessem nu no meio da rua. Para isso existem os sobrenomes. Verdade que mesmo o sobrenome me faz enrubescer. Mas aqueles que me chamam por ele, dão ao menos uma idéia de pudor. E não é apenas licencioso. É um excesso de poder humano a faculdade que temos de pronunciar os nomes alheios. O Precursor não deu seu nome aos enviados dos fariseus, e disse apenas que era a voz do que clama no deserto. O Mestre também se recusou sempre a dar seu Nome, contentando-se com informar que era o Filho do Homem. São lições terríveis de

que ninguém se aproveita. O porteiro pronunciou meu nome, meu nome denso e plástico, feito de um material reservado e nobre.

Quando eu era estudante, pensei mesmo em fazer uma poesia sobre o Nome. Felizmente rasguei o papel em que a começara. É uma coisa incomunicável. Lembro-me que aparecia um Narciso novo, no lago da própria voz se debruçando para ouvir a harmonia de suas sílabas vivas. Tentava também evocar a cerimônia do batismo, quando o padre derrama água na cabeça da criança, ao mesmo tempo em que lhe pronuncia pela primeira vez o nome com que há de existir e durar e morrer. O nome que vem na água, entra em nosso corpo como num cântaro de barro. É um metal líquido, adquire todos os detalhes de nossa estrutura, cresce em nós e conosco até tornar-se numa sonora solidez de bronze. Talvez não sejamos mais que uma forma de nosso nome.

Essa poesia que nunca escrevi e nunca escreverei, veio-me à lembrança quando o porteiro articulou meu nome. Fiquei de tal maneira envergonhado e revoltado com semelhante impudência, que me retirei.

Encontrei-me na rua e só então notei que estava com as duas mãos no peito, como essas senhoras que se vêem de repente surpreendidas num banheiro. Pus-me a andar de cabeça baixa. Um cigarro. Sempre os trouxe num bolso interno do paletó. Lembrei-me. Deixara na mesinha ao lado da cama, antes de dormir. Era preciso comprá-los. Olhei em redor. Onde descubro uma charutaria? Foi como um esguicho nos olhos. Apertei-os e abri-os várias vezes. Nunca tinha visto aquelas casas. Carros barulhentos, gente, gente, gente. Não era nenhuma cidade das que eu visitara antes. Aliás, eu nunca fora além da capital de minha província, e uma capital de província mal chega a ser cidade.

Onde estou? Como poderei saber ao menos que país é este?

Minha primeira idéia foi perguntar a um guarda de trânsito que vi na esquina. Cheguei a me aproximar dele. Funcionava perfeitamente. Um braço, depois outro braço, agora os dois, novamente um. A cabeça gira e salta. Tudo deve estar sincronizado naquele poste que acende e apaga. O guarda torna-se verde e vermelho, verde e vermelho. Não, este homem não saberá responder. Ainda que eu descobrisse onde está o botão que o faz funcionar tão exatamente — como iria afinal entender sua mímica? Naturalmente ele combinará várias vezes aqueles gestos, pois não é possível que saiba outros. Não. Ainda que ele me responda, eu não o entenderei. E falar, é claro que não pode. Tem um apito na boca. Dará um assobio agudo, talvez em momento inoportuno e poderá perturbar gravemente o trânsito. Encontros de carros e fatalmente algumas mortes. Tudo por causa de uma pergunta minha. Deus me livre! A quem perguntarei? É ridículo. Me tomarão por louco. Eu mesmo — que teria dito em minha terra se alguém me pegasse pelo braço, no meio da rua, para indagar:

— Pode fazer o favor de me informar que país é este?

Seria ridículo. Além disso, quem me garante que minha pergunta poderia ser respondida? Sim. Talvez toda essa gente esteja na mesma situação. Talvez ninguém saiba que cidade é esta. Talvez chegaram todos a 0,00 hora, da mesma maneira que eu. Olham para o alto, procurando ler os nomes das ruas. Se conhecessem a cidade não precisariam disso. Outros tomam ônibus e automóveis, provavelmente porque não sabem o caminho. Bom, mas ao menos alguns devem ser naturais daqui. Os condutores de carros, pelo menos. Além disso, vejo lojas abertas e cafés. Há caixeiros e garçons. Estes, sem dúvida, devem possuir a preciosa informação. Sim. Não. É bem possível que te-

nham chegado como eu. Assim como eu despertei num quarto de hotel — por que não podem eles ter despertado na direção de um carro ou com um avental de garçon? É até provável que a mesma aventura extravagante nos tenha ferido a todos no mesmo instante. Pois, por que seria eu justamente o escolhido? Não sou melhor nem pior do que eles. De qualquer maneira, devo perguntar. Os garçons sempre sabem de tudo e são polidos. Ao mesmo tempo, preciso comprar cigarros, e é um pretexto para entrar num café.

É um vasto salão cheio de espelhos. Luz amarela e murcha com exóticos reflexos. Vou me sentar naquela mesa onde há uma grande mancha de sombra. Sento-me. Não devo tremer. É tão natural sentar-se num café. Posso pedir um drinque. Ou dois.

Em frente à minha cadeira, um grande espelho. Primeiro vagamente, senti meu vulto refletido. Objetos poderosos e impertinentes os espelhos! Sem qualquer consulta à nossa vontade, cinicamente nos reproduzem, violando às vezes intimidades e solidões. Vi meu rosto e fui tentado a conhecê-lo. Encontrei-me com feições angustiadas, as pupilas úmidas. O nariz estava mais longo e o alto arco das sobrancelhas fazia círculo com o roxo das olheiras. Sempre achei bonito ter olheiras. Meus lábios estavam pálidos, mas belos. Era um rosto doloroso, mas iluminado de uma amarga beleza. Tive a impressão de estar maquilado, com máscara de algum raro creme evanescente, desses que se aplicam às senhoras elegantes nos Institutos de Beleza. Certos galãs trágicos usam rostos assim. Ontem mesmo minhas feições estavam muito diferentes. Não que sejam outras. São as mesmas. Mas é fora de dúvida que nunca foram assim. E isto me assombra, pois nenhum rosto me pode ficar tão natural como o que tenho hoje. É incrível que meu semblante não tenha sido sempre assim.

com esses traços soberbos e mansos de heroísmo e ternura. A única explicação é que talvez nunca tenha usado convenientemente o meu rosto. E se não conheço sequer as linhas e os tons da própria face, que trago desde que existo, como hei de conhecer uma cidade a onde sou tão recente e mal chegado? Ou se este rosto mudou, e eu apenas estou esquecido do que até aqui tenho trazido? Mas se tão instável fosse a fisionomia do homem, por que espantar-me da mutação de coisas precárias e alheias como o espaço das cidades?

Sei de um adolescente no país da Grécia, que, debruçado sobre os regatos, contemplava e aprendia sem cessar a formosura de seu rosto. Ainda hoje os imbecis o chamam de vaidoso, como se fosse vão tentar a gente conhecer-se. Talvez Narciso esperasse que as águas correntes levassem a pele das máscaras que cobriam a nudez da mera face. Ou que, lavada a fronte pela luz das águas, surgisse a face do anjo. O fato é que naquele aprendizado de amor, sobre a beleza do pescoço moreno e dos cabelos negros, a flor de sua verônica ensaiava desabrochar.

Nada é mais nobre no corpo do homem que o seu semblante. O próprio Mártir, quando quis agradecer a uma piedosa mulher um favor extremo, prestado no caminho da morte, ofereceu-lhe Seu retrato estampado numa toalha. Mas o certo é que ninguém cogita de conhecer a face humana. A tal ponto, que as próprias testemunhas de Sua presença não nos sabem dizer da figura do Mártir. Apenas Pedro recorda e nos recorda, na face desconhecida, a divina fôrça: "Eu vos anuncio a *força* de Jesus Cristo"

O garçom curvou-se com ar servil. Não. Nunca. A este homem nunca pode haver sucedido nada de extraordinário. Seu rosto é completamente neutro e estúpido, e não

há mistério algum em seus olhos. Seus? Serão seus, individuais e próprios? Não. São iguais aos do porteiro do hotel. Tem uma boca e um nariz inteiramente insensíveis. É estranho que, em vez do apito, como o guarda do tráfego, ele tenha nos lábios uma fórmula:

— S'il vous plait, Monsieur.

Fiquei curioso para ver a face dos outros, e olhei as mesas em redor. Um bigode maior, um bigode menor, mas todos do mesmo feitio. As senhoras e senhoritas provavelmente pintaram os lábios com um mesmo batom São faces de um clichê coletivo. Quem será o autor desse clichê? São rostos sem mistério. Mas estão longe de ser francos. Os rostos verdadeiramente francos abrem janelas para o mistério. Não são assim despejados. Seria humilhante comparar a trágica serenidade de meus olhos, a aflição de minha boca, a doçura negra das olheiras e a orgulhosa nobreza de minha testa, com essas caras levianas e postiças. Talvez as tiram, limpam e colocam de novo como dentaduras falsas. É mais cômodo, não há dúvida, para certas funções. Sobretudo nada de grave lhes acontece. É evidente que estão todos despreocupados e pacíficos. Talvez mesmo muitos deles se chamem Pacíficos. As mulheres se chamarão Tranquilinas, ou usarão esses apelidos pequeninos, feitos de celulóide ou papelão, que se dão às bonecas e aos cachorrinhos de luxo. Nenhuma delas se poderá chamar com estes mágicos nomes de Lúcia, Leonarda, Magdalena ou Clara. Há muitos nomes que as mulheres poderiam ter. Nomes doces e reservados, nomes ardentes e voluptuosos. Maria e Josefina e Joana e Rita e Berta e Gabriela. É impossível que essas vagas mulheres tenham estes nomes adoráveis. São nomes que só pronunciamos tremendo, numa ternura de lar ou num frêmito de alcova. Não. Nenhuma delas se chamará Abigail. Nem Maura, nem Tatiana nem Margarida nem Raquel. Nem Ruth! E tantos, tantos outros. Tenho

medo de chorar ou desmaiar quando enumero mulheres. Mas estas não. Não me comovem. Só podem trazer apelidos banais e feições de papelão.

Como pude pensar num instante que essa gente tivesse sido colhida pela mesma aventura que me golpeara? Basta olhar para a minha face e para a deles. A face do Mártir era tão diferente da dos outros judeus, que Pilatos apresentando-o soube apenas dizer: "Ecce Homo!" A máscara de dor o identificava. Homem. Um homem. Estas são caras públicas. Não são caras de homens. Ainda assim, dependo de todos eles, pois se não quiserem, ninguém me responderá.

O garçom já me encheu a xícara com um café aromático e fumegante. Trouxe-me cigarros e fósforos. Saboroso tabaco. Há coisas que só podemos gozar queimando-as. E deitamos fora uma fumaça deliciosa. Só conseguimos o perfume da coisa, quando a fazemos arder e a deitamos fora. É preciso perdê-la para adquiri-la e desfrutá-la. Lenta fumaça...

Impossível! Não me lembro absolutamente de haver pedido café e cigarros. Já ouvi muita anedota sobre a argúcia dos garçons, que são capazes de adivinhar os pedidos de um freguês. Mas comigo... Estou certo de que não me pode ter decifrado. Contudo, é igualmente certo que o café está aqui e que eu estou fumando. Sai de minha boca a densa nuvem azul do cigarro. Não. Ainda que minha intenção fosse realmente tomar café, não cheguei a pedir. E mesmo que eu houvesse falado — em que língua o teria feito? Como lhe teria sido possível entender minhas palavras? Fora disso, é a primeira vez que o vejo, e nunca estabeleci com ele uma convenção para nos comunicarmos.

Como poderíamos ter combinado chamar este líquido negro de café? Isso só é possível entre homens que se conhecem há séculos e séculos. É de se ficar perplexo. Mas talvez os seres humanos disponham de antenas sutis e métodos refinados de comunicação que nos escapam ao conhecimento. Não é também impossível que ele me tenha reconhecido, recordando remotos milênios em que estaríamos juntos. O que é certo é que não nos falamos. Mas que importa?

Apesar de ser um privilégio da espécie humana, não será a palavra um sistema grosseiro de comunicação? É verdade que temos desprezo e certa piedade pelos animais porque não falam. Mas é verdade também que os animais se entendem entre si muito melhor do que os homens. E sabem fazer finas coisas de que somos incapazes. É um fato evidente até na sabedoria de nossos lugares-comuns. Os críticos de jornal, por exemplo, não acham elogio maior para as cantoras líricas do que chamá-las de rouxinóis. As dançarinas ficam muito sensibilizadas quando as comparam a borboletas. Eu mesmo persegui certa mulher de ancas altas e tornozelo fino, que trazia uma lisa beleza de égua adolescente. Nenhuma de nossas fêmeas saberá fazer o amor com o requinte delicioso das gatas e nenhum de nossos machos conhece a perfídia sexual dos gatos. Falar não significa superioridade. Quantos homens viveram oitenta anos, falando todos os dias, o dia todo, e nem uma de suas palavras permaneceu. Outros, que falaram muito, e de quem só guardamos três ou quatro sílabas que conseguiram pronunciar na hora da morte. De milhares de palavras — milhões — que se falam diariamente, talvez apenas de século em século se aproveite uma. Vive-se às vezes uma vida inteira procurando uma palavra. E se a encontramos, é quando estamos agonizantes, e geralmente então já perdemos a fala. E talvez só por isso a achamos. É preciso queimar todas as palavras, perdê-las, para salvar uma. E

quantas vezes a palavra não estraga justamente nossos mais belos pensamentos e anula nossas mais vivas expressões. E o que acontece quase sempre aos poetas. No fundo do coração experimentam expressões que têm a nitidez da neve. Quando se transformam em palavras, aparecem grosseiras e sujas. As palavras tocam nas coisas, como carvoeiros em lírios. E isto — para não pensar nos que falam sem a menor responsabilidade, nos que nunca mediram nem tomaram nas mãos uma palavra para sentir-lhe as dimensões, o peso do volume e a geometria da forma.

Ah! demorar com uma palavra na boca o dia inteiro sentindo-lhe o gosto e, em vez de lançá-la fora, engolir lentamente, gole a gole. Ou então erguê-la à luz num fascínio de fulgor à lúcida opulência de esmeraldas ardentes. São tão perigosas as palavras — ai de mim! — que não sei, entre os homens, de vida tão perfeita como a dos monges cartuxos. Quase como a dos animais. Nunca sentiríamos tão intensamente o olhar tranqüilo dos bois, se eles falassem de seu sossego. Enfim, poderíamos escolher outro meio de comunicação. A dança, por exemplo. Me parece uma linguagem muito mais pura e natural. Haveria também o perigo de acabarmos banalizando e esbanjando gestos supérfluos. Talvez até seria melhor um instrumento que não dependesse exclusivamente de nós. Uma flauta. Seria, provavelmente, um método mais econômico de convivência. Pelo menos nos libertaria de convenções absurdas. Teríamos das coisas uma expressão sempre nova, harmoniosa e plástica — e a rotina seria mais difícil. E se inventássemos algumas palavras, elas não ficariam gastas e insípidas. Os poetas as encontrariam saborosas e frescas. Hoje elas geralmente estão podres, e têm, quando muito, um ar de conserva em lata. São fora da moda, e têm várias camadas de vestidos antiquados, como certas moças-velhas solteironas. Uma flauta. Teríamos, sem dúvida, o cuidado

de afinar o instrumento todas as vezes que o fôssemos usar. Uma flauta.

Mas de que maneira o garçom comunicou-se comigo? Talvez eu haja feito um gesto, graças ao qual ele me trouxe cigarros. E agora? Quem sabe se isso não vale uma senha para que eu o interrogue? Minha resposta pode estar a dois metros de mim, pendurada na boca deste homem. Será bastante levantar a mão para a colher. Entretanto, o que fiz foi levantar a mão para entregar-lhe uma nota. E fiz calculadamente, tirando de propósito uma graúda. Sempre me desagradou indagar a importância das despesas. E no momento era mesmo providencial. Tratava-se de uma casa elegante, e aceitariam, sem dúvida, a moeda de meu país, devolvendo-me o troco em dinheiro da terra. E eu teria então a resposta desejada. Sorri, satisfeito comigo mesmo pela maneira sutil com que ia assim fazer a minha pergunta, prescindindo de palavras. Convenci-me de que enfim as cédulas do Banco Nacional serviam para alguma coisa mais que as mesquinhas manobras de compra e venda e as estúpidas manias numismáticas. Estendi com certa satisfação a nota de quinhentos. O garçom pegou, olhou admirado, examinou, e por fim, curvando-se respeitosamente, retirou-se. Entregou-a a outro garçom e este passou à Caixa. O Caixa, por sua vez, examinou-a, para depois entregá-la ao *boy*, que desapareceu por uma porta de vidro, voltando momentos depois, com o troco numa pequena bandeja. Emoção, quando o garçom se aproximou. Deve ter tido de mim uma impressão pouco normal, tamanha foi a sofreguidão com que agarrei o troco.

A única coisa de que me lembro é que chorei. Duas grandes lágrimas. Chego a espantar-me de que as lágrimas então não tenham sido de sangue. Apanhei apenas duas

ou três moedas — odiosas moedas de meu país — e levantei-me nervoso e rápido. A máquina da gerência fizera sem dúvida uma perverso esforço de cálculos e câmbios. Voltei com a idéia de ter esquecido alguma coisa. Era o meu chapéu. Suas tristes abas amarelas tremiam sobre a cadeira cúbica. Entre o sorriso intrigado do garçom que se inclinava sobre a extraordinária gorjeta, e o bico brilhante de seus sapatos, corria uma onda de decepção. Tragadas estavam minha esperança e minha pergunta. Boiava apenas um chapéu amarelo de copa amarrotada.

Caminhei longamente. Tinha terror de mim mesmo.

A cidade deve ser antiga. Velhas ruas estreitas e encaracoladas. Não sei de suas casas, e da única vez que levantei os olhos, lembra-me um peitoril de pedra, de onde uma rapariga de preto desmanchava um malmequer, jogando no passeio as pétalas rotas. O que olhei foi as pedras da rua, e estas conheço-as uma por uma, para sempre. Desde então aprendi uma ternura inefável pelas pedras das ruas. Não conheço um bulevar sequer por sua denominação ou seus edifícios. Mas pelas pedras do calçamento identificarei qualquer beco do mundo. Em cada um desses blocos silenciosos há uma gota de suor ou de sangue e um pedaço de caminho. Os homens lhes deram a forma de suas mãos e o rastro de seus pés. Um contato irremediável e íntimo conosco forneceu-lhes este valor sentimental tão humano e tão puro. Já me tomaram por louco, quando uma noite, na esquina de certa travessa mal iluminada, deitei-me para encostar o ouvido a uma vetusta pedra da sarjeta. Ouvi dentro dela um marulho de água presa, valsa que embala e atormenta, tom de canção moribunda. Talvez nem a música dos cravos antigos, falsos como cromos vitorianos, tenha esta pureza de água que é a canção das pedras.

Naquele dia eu a escutei pela primeira vez, acompanhei-a pelas ruelas, num interlúdio de alvoroço e lassidão. De repente foi uma algazarra de crianças. Não sei se eram meninos ou meninas, eram crianças, metiam alegremente os dedos na cabeça loura de anéis, riam claro, na inocência azul das raças puras. Senti uma inevitável necessidade de cumprimentá-las, e tirei o chapéu, num largo gesto afetuoso de saudação. Talvez nem me hajam notado. Nesse instante também as perdi de vista,, porque o chapéu amarelo, entre a cabeça e as mãos, me trouxe de novo a hora em que eu o esquecera no café. Onde estou? É preciso decifrar este mistério. A primeira e única vez que me atrevera a perguntar, os homens se haviam negado a responder-me. Nem tomaram conhecimento de minha interrogação. Não a entenderam ou não quiseram? Quem sabe se não se riram? Serão estúpidos ou cruéis? Talvez a culpa seja minha, por não ter perguntado diretamente. *Una pregunta, hay que saber plantearla.* E eu estou certo de que perguntei com todo o coração. Tenho a consciência limpa, e se há alguma culpa é dos que fracassaram, rasgando e pervertendo a resposta. Resta-lhes a desculpa de que o dinheiro não foi feito para essa espécie de comércio. Quanto a mim, foi a primeira justificação que lhe encontrei até hoje. Não será suficiente, diante do aparato dos Bancos e da voracidade capitalista, mas neste terreno de justificações, que podemos exigir? Já não digo de minhas aventuras, mas de minha própria existência, que ainda não consegui justificar. Mais do que isso: ainda não a pude constatar. E mesmo que algum dia eu a possa sentir e positivar, é fora de dúvida que nunca a poderei demonstrar. O que, de resto, pouco adiantaria. Por enquanto, ora a coloco num estado germinal, idéia preparatória de algum plano que virá a ser, situação provisória de um fantasma interino — ora a coloco melancolicamente, na foz de um rio que dentro de alguns metros

já não existirá, desmanchado no abismo do mar. Muitos acharão isso estranho e pensarão que ando entregue a fantasias especiosas. Mas creio que ninguém pensa de maneira contrária, pois a verdade é que nunca pensaram sobre isso, o que afinal é uma leviandade sem perdão. Não encontro ninguém para falar de tais negócios, e sou obrigado a recorrer a velhos livros, e encontro todos, poetas e profetas, perplexos da mesma angústia.

Pode ser pernóstico, mas é confortante citar frases, e muito a propósito lembro-me de duas do Rei David. Numa ele diz que somos deuses — *"dii estis"* — e noutra nos reduz à categoria dos jumentos: *"sicut jumentum"*. Haverá quem se ria disso. Não eu. Não posso. E como hei de rir, se ontem me deitei tranqüilamente em minha casa, e hoje acordo, por malas artes, num país que não sei? Devia estar ao lado de minha mulher, tomando agora o café que Caetana nos trazia. Caetana foi minha ama de leite. Onde está minha mulher com seu pescoço branco e cheiroso? Onde está Caetana? Onde estou eu?

Preciso tentar uma segunda vez. A quem perguntarei? Os guardas de trânsito e os garçons estão fora do caso. Os múltiplos problemas de uma pergunta. Estamos cercados de perguntas por todos os lados, como as ilhas pelo mar, nos compêndios de geografia. Cada um de nós é realmente de um material de ilha, e o único contato possível, quando conseguimos o estabelecimento de certos arquipélagos noturnos, é com o elemento líquido, marinho, das perguntas. Primeiro, quando descobrimos a envolvente pergunta e nossa condição um tanto humilhante de conteúdos. Só agora percebo que estou dentro de uma pergunta, talvez de muitas. É o meu fim, mas sinto que apenas estou principiando. Perceber a existência da pergunta não é nada,

embora seja o principal. Resta ainda todo o corpo do problema. Havemos de descobrir *a quem* fazê-la, *como, quando* e *onde*. Só então podemos julgar ter feito alguma coisa. Verifico ainda depois disso que não fiz nada e não adiantei sequer um passo, apesar de ter chegado ao tempo e ao lugar certos. Falta o mais terrível, o mais doloroso. Falta o heroísmo. A coragem de *plantearla*. Dificilmente a conseguimos, e mesmo assim, quantas vezes nosso heroísmo chega tarde demais ou cedo demais, ou diante de vagos garçons que não podem! Quantas vezes o gastamos pròdigamente entre os filistinos, por assuntos sem forma e sem amor, esperdiçando entre a lama e os porcos seu fruto temporão.

*Hay que saber plantear una pregunta.* Mas quantos são os chamados ao heroísmo? E dentre estes, quão poucos serão os escolhidos? Devemos, portanto, guardar uma rigorosa economia heróica. Não é menos verdade, também, que devemos estar dia e noite de vigília, esperando a hora do heroísmo. Ai de nós, se um dia, um minuto, nos esquecermos e retirarmos as mãos dos copos da espada! A única atitude que nos é lícita é a desses cavaleiros de bronze na praça pública, que através noites e dias conservam sua posição estática, com as armas na mão e o olhar imóvel. Eles nunca precisarão lutar, o que de resto pouco importa. São heróis perfeitos e suas estátuas são quase sempre maiores que suas vidas.

Nos caminhos da Espanha, houve também um cavaleiro andante que sabia de heroísmo. Era um herói perfeito. Não era o bater-se que lhe interessava. Para seu apetite, até que se bateu muito pouco e com escasso êxito. Mas não deixou de ser o maior dos heróis e o príncipe dos Cavaleiros Andantes. É que estava sempre desejoso e vigilante, sempre pronto para a luta, tanto assim que nem para dormir se desaparelhava dos ferros e armaduras de sua profissão

guerreira. E é apenas isso o que nos compete fazer: escudo em guarda e lança em punho, esperar dia e noite a nossa hora.

Às vezes me pergunto porque os homens não são feitos de pedra. Somos de água, e nossa forma, que nunca é nossa, assume linhas exóticas de tristes cântaros, de jarros alegres ou de tanques sinistramente cúbicos. Os continentes tirânicos nos modelam com raras elegâncias de manhã, e à noite já nos deformam. Quanto a mim, já não tenho as mesmas curvas e os mesmos ângulos depois desta aventura. Só agora percebo em minhas raízes recém-arrancadas e sangrentas a natureza de um espaço antigo. *Me doy cuenta de una residencia nueva.* Dói muito a condição dos homens. Está sujeita a todo um jogo de engrenagens inesperadas. As plantas e os animais são mais felizes, porque morrem com muita facilidade. As orquídeas do Equador e as jandaias cearenses não saberiam viver um dia nas regiões polares. Não aceitam a mudança. Seria a metamorfose. E entre a metamorfose e a morte, preferem a morte.

Mas isto são filosofias e não estou aqui para filosofar, e sim para saber que cidade é esta. E afinal — será mesmo o essencial saber onde estou? Talvez nem seja lícito procurar a resposta. O melhor será esperar naturalmente por ela. Deixar que chegue com espontaneidade e com surpresa. O tempo mesmo há de trazê-la. Esta é, de resto, a única justificação e o único dado de existência do tempo.

Senti-me cansado. Posso deixar tudo para amanhã. Afinal já caminhei através dezenas de ruas, tenho os pés

doloridos e começa a anoitecer. Além disso, falta-me a serenidade indispensável a uma solução destas. Tudo aconteceu tão perturbadoramente, que outra não pode ser a causa de meu fracasso e de minha indecisão. Eu não tinha o direito de me levantar da cama e andar pelas praças tumultuosas como um cão perdigueiro atrás da perdiz. O que me competia era cruzar os braços e as pernas, cerrar os olhos e esperar tranqüilamente que a coisa acontecesse. Os homens se gastam muito. Penso nos grandes templos silenciosos.

Sei de um marinheiro alemão, que caminhou léguas e noites para visitar o templo da deusa Khali, no Indostão. Levava as mãos cheias de encantamento, e as trouxe vazias e geladas de desencanto. Nada adiantara seu esforço, pois a deusa permanecera muda diante dele. Os deuses não dão audiência. Nos visitam quando querem, e nossa tarefa é aguardar sua visita.

Reconhecendo as pedras das ruas que percorrera, cheguei ao meu hotel. O mesmo porteiro estendeu na mão gorda a chave fria:

— S'il vous plait, Monsieur.

É preciso comer e ficar deitado entre estes móveis cúbicos até dormir. Seja como for, estou cansado, e amanhã não tenho que trabalhar. Sobra-me assim o tempo, e poderei passar o dia inteiro meditando sobre minha situação.

A lâmpada da cabeceira é de um verde leitoso e emoliente.

Dolorosas e lentas as pálpebras me deslizam nos olhos como se não fossem minhas.

Vejo ainda sobre a poltrona a mancha mole e inerte de duas asas amarelas. É o meu chapéu. Adormeço.

# II

# O NAVIO

Aqui estão as minhas mãos. Tenho medo de feri-las, mas devia romper com elas este espelho terrível. Me olho. Miro meus olhos, comparando-os com os dos loucos que me mostraram certa vez no hospício. Têm redes de estrias pardacentas, avermelhadas, e nestas redes se debatem como duas borboletas cativas. Mas são *meus* olhos, e não estão mortos e não me enganam.

O pequeno espelho palpita no fundo de sua moldura branca ao lado do beliche. Porque é um beliche, suspenso entre as alvas paredes de tábua de um camarote. De forma que estou num navio.

E o hotel? E a cidade das pedras pálidas, das pedras arquejantes, da arrumadeira cujos seios azuis nunca mais terei em minhas mãos e nunca mais em minha boca? Qual seria o seu nome e qual o nome da cidade de ontem? Há duas coisas certas: uma é que estou em pleno mar, outra é que perdi para sempre o tempo de conhecer aquela cidade. Não sei se é remorso ou se é saudade. É o coração na ponta dos dedos, machucando-se em tudo que eu toco: na grade fria do beliche de ferro, na fria ponta do lençol, nas lâminas curvas do ventilador,

na face fria
do espelho duro,
no trinco de gelo
de ouro gelado
no batente frio
o portal a testa os olhos os dedos.

Entre algodões com éter, entre seringas, a branca voz do enfermeiro não era voz. Era uma borboleta tonta de asas cegas no teto baixo da enfermaria. Agora tem a nitidez do giz no quadro negro. "O doente está melhor". Depois aproximou-se de mim, e percebi que o doente era eu. Ele se assentou na beira de minha cama e sua voz tinha um cheiro áspero e bom de maresia. Apalpou-me a testa, que senti enfaixada. Sua mão tinha em meu rosto a pureza da espuma. A carícia dos rudes rescende à maresia. Falava.

Eu tinha tido um colapso do coração e caíra à porta do camarote. Pedi-lhe um espelho. Sempre desejei ser um desses tipos lívidos, que nos cinemas e nos hospitais militares exibem à nossa admiração um rosto desmaiado e glorioso, emergindo de alvas faixas e gazes e esparadrapos, sob cujas brancas asas palpita uma cabeça negra atingida pelo inimigo e pelo heroísmo na manhã da batalha. Deixei cair o espelho. Meus olhos ficaram nele e se espedaçaram também.

Sua mão era peluda e triste. Apertei-a ansioso e perguntei:

— Onde estamos?

— Estamos no mar. Em pleno mar.

Sua voz era de sal e maresia e a resposta pronta e clara me encheu de assombro. No mar, em pleno mar.

Tinha ombros largos e violentos e apesar da mansidão de certos gestos, nutria um ar selvagem entre o bigode e os dentes. Não posso compreender o que o tenha levado a ser enfermeiro. Se eu o tivesse visto nalguma esquina, tê-lo-ia apontado. Seria belo acompanhá-lo com a vista e o sorriso, como acompanhamos certas senhoras magníficas. Por que não é antes um marinheiro, um lenhador, um caçador? Como eu o entenderia, seu torso cabeludo ao sol do Atlântico, mordendo a bigodeira abundante entre rolos de amarra e cordoalha úmida! No tronco dos jequitibás seu machado cantando e a carne vegetal dos lenhos rexinante e pálida. E num riso de músculos e braços baquejando colossos. Ou sua silhueta saltando de barranco em barranco, com a Winchester a tiracolo e o seco da descarga e a buzina de chifre e o susto dos caitetus e dos marrecos. Em vez de tudo isso, é um tímido enfermeiro de avental e carapuça branca. Talvez o agite ainda um vago prazer bravio, e em suas narinas trema, junto aos leitos de moribundos, o faro do cão de caça ao pé da presa perdida. Mas ele mesmo é um homem perdido. Extraviou-se de sua profissão, e está banido do tempo. Os que perdem seu lugar no espaço, trocam de tempo. Aqui, não há como não ver na doçura postiça de seu rosto aqueles traços de velhas gravuras em aço. Deveria ser um bretão dos velhos tempos e estar nalgum antigo livro de figuras. E aí está. Numa prosaica enfermaria moderna, manipulando xaropes e sinapismos, longe de sua natureza de aventura e legenda. Devia ser uma figura de livro, e daí lhe vem este ar de falsificação e este nariz de cartolina. Quando o olho de perfil, me parece mesmo todo feito de papelão. É um homem perdido, e agora percebo que quase todos o são.

Relembro certos médicos, garçons, padres, engraxates e juízes. Perderam-se no labirinto das profissões. Muitos dos que deveriam passar a noite na terrível conversa com

os deuses, ficam carregando bandejas nos restaurantes. E vice-versa. Poucos exercem a sua profissão. As profissões é que os manobram. São empregados nelas. (Nem sequer é o destino. Estes que se entregam sem lutar contra o destino, nem podem dizer que lhe conhecem o sabor. Porque o destino, é preciso domá-lo, com ódio ou com amor, mas domá-lo). Ah! grande tempo em que cada um tinha uma profissão manual! Então os homens tinham sangue, as mãos sempre ensinadas pelo coração. Havia oleiros, ferreiros, marceneiros, ourives, gravadores e também sacerdotes e também soldados — homens que sabiam matar e morrer, com a coragem de forjadores e a elegância dos pedreiros erguendo uma fachada de cantaria. Agora, há lenhadores de gestos suaves alisando doentes nas enfermarias. Certos padres me dão a impressão de trazer sob a sotaina as saias da cozinheira, e certos capitães trazem no olhar bucólico a vocação pacífica dos pastores de ovelhas. E os juízes, que quando não trazem o ar natural de charlatães e curandeiros, apresentam a cara repugnante dos ladrões noturnos. Por isso é que há feições irremediavelmente ridículas. Como se as linhas do rosto estivessem movidas por uma distração fatal. Alguns foram talvez tão distraídos, que não trocaram apenas de profissão, mas até de tempo, de país e de sexo. Há casos dolorosos. De quantos deles nunca saberemos se é preciso rir ou chorar!

Recordo a trágica anedota que me contava um conde italiano sobre certo guarda de estrada de ferro cuja função consistia em percorrer os carros de um trem, para fechar os postigos que alguém houvesse esquecido abertos. Durante vinte anos, todas as tardes, ia ele, de vagão em vagão, batendo com uma pequena vara nas portinholas cerradas. Depois deste tempo aposentou-se, sem que jamais tivesse podido fechar uma única janelinha, pois ninguém as esquecia abertas.

Tenho para mim que só então percebeu a falsidade de sua profissão e se matou. Se bem que o conde não me tenha contado este desfecho, é impossível supor um outro, admitindo que o guarda se deu conta de sua lastimável comédia.

De resto, a mim me importa um caracol o fim de semelhante guarda, cuja existência, afinal, é bastante contestável. Trata-se, provavelmente, de uma ficção literária em que estou perdendo tempo. Foi com essas filosofagens que perdi para sempre a possibilidade de saber ao menos o nome da cidade de ontem. Sua memória é uma ameaça pendurada sobre o meu futuro. Se alguma coisa há que honestamente me possa desviar da nova aventura misteriosa em que hoje me encontro, é o remorso. E não é só o fracasso que me dói. Ontem, ainda não sentia isto bem. Agora é que sei: não só perdi uma cidade, mas perdi a minha cidade. Quase digo as minhas cidades, porque esta de ontem, já a amo e dela tenho saudade, como se há longo tempo a quisesse. Talvez um pouco de meu sangue o tenham bebido suas pedras silenciosas.

Mesmo este navio, — há tão pouco que o contemplo e já o sinto como uma planta parasita no coração. E como o haveria de esquecer?

Deve haver um cabide sob a copa — mas da branca parede da enfermaria, como magicamente sustentado, como um girassol no inverno, pende meu chapéu amarelo de abas largas. E isto é outro mistério. Nada do que era meu me acompanhou nesta viagem. Nem meus parentes nem meus livros. E a perda de alguns deles me parece agora mesmo mais dolorosa que a de minha mulher e minha mãe. Por exemplo aquela pequena biografia de São Gerardo Majella, cheia de fabulosos milagres e a História de Carlos Magno e os 12 Pares de França. O mesmo direi de algumas velhas cartas, um álbum de poesias e aquele cromo desmaiado de

Margarida Maria Alacocque, com seu longo hábito de freira e sua palidez de amante insaciada. Isto pode parecer falta de coração. Afinal, mãe e esposa são coisas muito preciosas. Mas como as poderemos amar, se são elas que nos amam e nos possuem, e não sabem receber no silêncio da alma o cântico de rosas que trazemos? Às coisas sim, podemos amar, com toda a força do amor fecundo e inútil. Há objetos com pálpebras fechadas sob as quais estremece o olhar silencioso das cadelas rendidas. A esses sim, é possível amar. E dentro deles som algum contamina a pureza da música do amor. Quando temos no coração um sino cheio de amor, não há mais lugar para que outras pessoas ai ponham sua paixão. Ou amamos ou somos amados.

Ainda que não seja exatamente assim, o certo é que sinto na boca o gosto amargo de ter perdido aqueles objetos, que agora, sem mim, nada valem e serão decerto arrolados entre os trastes velhos do sótão.

Insisto em que talvez não seja tudo assim como deixei dito, mas é fora de dúvida que constato apenas o que se passou comigo. Não me dou ao trabalho vão de construir teorias. *Experimentar las cosas y darme cuenta de ellas — eso es lo unico licito y lo unico posible.*

De forma que a única coisa que me acompanhou foi meu chapéu. Está ali. Estranho que eu não lhe dê um nome, como a um filho. Objetos assim, seres assim, com um destino e uma natureza própria, não se podem designar apenas com o nome apelativo. Precisam de um substantivo próprio, como os países e as pessoas. Um desses nomes doces e selvagens que se pronunciam entre os dentes e lembram aventureiros ingleses ao sul de Tahiti. Poderia dar-lhe um nome, como dão aos navios. As canoas dos portugueses são esgalgas como mulheres e dançam entre as ca-

traias sombrias. Os navios têm nomes gloriosos feitos para bergantins da Gasconha.

Chamam-se "Repulse" ou "Renown", como as fragatas dos flibusteiros em velhos tempos. Gaviões do mar que se alimentavam da pólvora do bacamarte e do rum da Jamaica. Baronetes de Liverpool, de origens inconfessáveis, que entravam nas docas trazendo nos mastros, como velas, damascos e alfaias preadas no mar.

Os barcos dos portugueses, conheço-os do cais e chamam-se "Inês" ou "Mariana". Mas a esses piratas de enormes casacos marinhos, conheço-os do cinema e dos livros. Sei que eles morriam pronunciando o nome de seus veleiros, como uma senha para o outro mundo. Eram, até à hora da morte, habitantes de seus navios.

...Sim...

Nunca mais hei de morar senão debaixo de meu chapéu.

Agora começa a me preocupar outra idéia — quanto tempo deverei viver assim? E é o diabo, porque se me empalho com isto, não sobra tempo nem jeito para as outras tarefas: o nome do navio, os portos de partida e de destino e as condições e meios de meu embarque imprevisto. Sem contar outras descobertas secundárias, como a razão e a espécie da doença que me confina nessa enfermaria, etc. Mistérios é que não me faltam. O que me falta é a terra debaixo dos pés quando começo a esquadrinhar essas coisas sutis que ainda estão por vir e não sei se virão.

Não garanto que seja verdade. Mas é, provavelmente, um desperdício e uma falta de ordem, consumir as horas procurando o tempo futuro, quando o que devo procurar é o tempo passado. Só o que se perdeu é que pode ser procurado. É uma tolice fazer cálculos e projetos sobre o dia de amanhã. Não só porque nos faltam todos os elementos necessários a semelhante cálculo, mas simplesmente porque o dia de amanhã não existe.

Mergulho a pena no tinteiro. A pena vem molhada. Não há dúvida que há uma certa sucessão nas coisas. De outra maneira a pena não sairia molhada. Também não se pense que um acontecimento seja escravo do outro. Não é assim. Porque então nem o passado nem o futuro valeriam coisa alguma.

O futuro porque não existe, e o passado porque seria apenas uma vil máquina de fabricar os dias seguintes. É preciso não escravizar um ao outro. E é preciso estabelecer incessantemente a relação que os equilibra. Seja como for, me parece imoral ocupar-me com o dia de amanhã, antes de me ter ocupado suficientemente com o de ontem, o de anteontem e todos os outro dias passados. Se eu me pergunto quanto tempo viverei neste navio, nada posso responder. Mas se eu indagar quanto tempo não vivi assim, então a coisa é outra. Tenho diante de mim o passado. Uma experiência. Uma coisa real e viva, um elemento sólido que posso tocar e manejar e examinar à saciedade.

O que preciso é achar todo o meu tempo perdido e recompor tudo. Um corpo esquartejado em milhares de pedacinhos. Mas todos continuam palpitantes de vida. É preciso encontrá-los todos, depois juntá-los num trabalho minucioso de pesquisa e cirurgia. Sei que alguns desses pedaços estão aqui mesmo, encravados em minha carne. E é a minha desgraça. Porque são eles que me aguilhoam, para se reunirem aos outros que andam dispersos. Preciso reaver o meu tempo mal gasto. Pobre Proust! É terrível. Também eu o vejo, esse asmático pesquisador do tempo perdido, ofegando sobre sua inútil tarefa. Me lembro de Malte Laurids Brigge. O desgraçado chega quase a se esquecer de Deus, no duro trabalho de se aproximar dÊle. Pobre Proust! Na penosa tarefa de procurar o tempo, ele se esqueceu do tempo. Talvez haja nisso uma certa volúpia, mas tenho medo. Cheira a traição.

Bem pode ser que o barco vá para as Espanhas. Tantos deles têm já tomado este destino e, pois, não é difícil que este mesmo de lá se haja partido e torne agora a casa, como um velho gato aquático e nostálgico. Demais, os navios talvez tenham uma alma e melhor do que eu conheçam seus caminhos. Não há razão alguma, de ordem lógica ou moral, que impeça uma embarcação de ir ou de voltar à Espanha. É mesmo perfeitamente justo que esteja navegando para lá. Mas quanto a mim — que tenho eu a fazer em semelhantes terras? Por outro lado, quem sabe não estamos precisamente é partindo das Espanhas?

Muita coisa acontece a quem inclui em seu itinerário os portos desse país, em cuja cor de limão tantas vezes perdi os olhos no velho mapa da escola. Trata-se de um povo onde todas as mulheres usam rosas entre os dentes e se chamam todas Maria — las del Carmen e las del Pilar, Rosario e Consuelo, Augustias e Dolores.

Bem que seria densa a vida ao lado de raparigas que se chamem Angustias e ergam grandes olhos patéticos sobre um rosto andaluz, desses que o poeta cantara "con el cutis amasado en aceituna y jasmin".

Mas, seja como for, que tenho eu de fazer pelas Espanhas, onde, aliás, sempre acontecem aos forasteiros coisas que não os olhos de Dolores e Rosarios. Segundo sei, trata-se mesmo de um país de surpresas. E ai daqueles que para lá se botam ou de lá se partem, quando outros lhes eram os caminhos.

Sei até de um profeta que, destacado certa vez para pregar a penitência em Nínive, se derrotou de sua missão e embarcou para um porto espanhol, onde esperava talvez deleitar-se melhor com moles mulheres que com duros pecadores. Vai daí, desenrolou-se uma tempestade, os sábios marinheiros deitaram sortes e logo se soube que os perigos armados sobre o barco provinham do falso passaporte do

profeta. E tanto isso era certo que, mal o jogaram ao mar, uma baleia o engoliu, espreguiçaram-se os ventos e as ondas se amansaram. É verdade que foi depois vomitado sobre a praia e escapou ileso, por fôrça de alguns salmos e da misericórdia do Senhor. Mas bem lhe fez o susto e mais devera acontecer-lhe, pois quem o mandou raspar-se da missão que recebera e derivar a um país onde não era querido ou requerido por ninguém?

Quanto a mim, porém, nem eu sou Jonas nem me mandaram a Nínive a converter pecadores. Assim, se para as Espanhas navego sem dever, espero ao menos que não me ocorram tempestades nem lançamentos ao mar. Isto, aliás, pode perfeitamente acontecer, pois se não diligenciei providências para este embarque, também não sei de as haver tomado para evitá-lo e, desta forma, não é surpreendente que me venham a ter por um intruso a bordo. Não há dúvida de que sou um clandestino e nem sei mesmo como desembaraçar-me da Polícia Marítima no primeiro porto. O mais provável é que me descubram e que minha próxima residência seja assinada no ventre de uma baleia. Isto é o que acontece a quem vai para as Espanhas sem ser chamado.

Chego a temer este país fatal e o meu desejo agora é que o navio não se dirija às suas costas perigosas. Aliás, é possível até que ele venha de lá e, neste caso, estamos é partindo das Espanhas. Mas este também é um perigo: não se deve sair de Espanhas sem missão oportuna. Sei de centenas de capitães e milhares de soldados que um dia se partiram de seus portos, numa armada tão poderosa, que foi chamada de invencível. Mas como não era a hora e o caso de se expedirem, uma tempestade como a de Jonas os destroçou e sepultou no mar. É verdade que se de Espanhas me vou saindo, não há de ser por meu juízo e vontade. O mesmo, porém, podiam dizer aqueles soldados e capitães, que

também embarcaram por ordem de um Rei a quem nunca, sequer, haviam visto. E nem por isto lhes foi menor o castigo. O certo é que, em matéria de Espanhas, tanto o ir como o vir são temerários. De um e de outro podem resultar borrascas e o mais seguro que tenho a fazer é fugir deste navio com seu risco de naufrágio entre águas espanholas. Mesmo porque, quaisquer que sejam suas rotas, o fato é que, como Jonas, não tenho razões para estar neste barco, com a agravante de não serem meus precedentes tão bons como os do profeta, para esperar salvação da eficácia de um salmo ou da misericórdia do Senhor.

Não. Nem todos os navios giram em torno de Cadiz e os há de todas as nações e todos os roteiros. Sempre os houve com as mais diversas missões e a alguns, que conheci nos livros, cheguei mesmo a admirar e querer bem. Especialmente os de um capitão mercante que os levava aos mares do Sul, que deles tanto contou e que, por amor a suas quilhas, de polaco se fez inglês. E isto, não só porque seria ridículo apresentar-se alguém como capitão da marinha polaca, mas sobretudo porque aquele aventureiro encontrara no mar a sua pátria.

Assim, talvez estejamos a caminho dos mares do Sul, onde, em vez de espanholas com rosas entre os dentes, nos assistam, à sombra das palmeiras, raparigas morenas com hibiscos nos cabelos e redondos seios nus, que ao meneio do umbigo se oferecem às brisas de Tahiti. Mas isto é literatura, e muito dela se tem feito — e da pior — sobre o assunto, desde que um pintor francês, bêbado e pungente, descobriu entre os coqueiros as cabanas de palha e as praias de coral onde se banhavam as douradas crioulas do Pacífico.

Não. Assim como os Pireneus, os mares do Sul já não existem mais. São mais antigos e mais falsos do que aqueles

outros onde os Conquistadores se arriscavam, entre piratas das Caraíbas, com os comboios de prata do Peru. É mesmo possível que este seja o último buque peruleiro e estejamos perdidos nas Antilhas, com quinhentas arrobas de prata nos porões, tomadas por um bucanero feroz a um marquês de Castela, cuja filha levamos, com seu séquito de aias, trancada no camarote a bombordo. É uma hipótese, como tudo o que me rodeia, e eu mesmo fui talvez seqüestrado pelos flibusteiros. Não há, de resto, outra explicação para o que me aconteceu: fui seqüestrado.

A porta do camarote está aberta e o corredor deserto. Não vejo machadinhas, nem lanças, nem adagas, nem bacamartes. É possível que o pirata esteja justamente aguardando a abordagem de uma corveta real e, neste caso, seus homens se encontram, com todas as armas, dispostos no convés. Talvez uma luta me salvasse agora. Sou um homem e detesto a covardia. Mas a verdade é que, pacìficamente enrolado nos meus dias, jamais saí dessa espécie de covardia militante em que viviam os homens de minha terra. Antigamente, não. O homem tinha sempre à cinta, ao alcance da mão, a sua espada e o seu duelo. E eu, tão capaz de espadas e pistolas, amaciei as mãos no trato das manicures. Foi talvez por isto, por não ter lutado, que perdi a minha residência. A mesma coisa, aliás, aconteceu àquele varão da terra de Huss, de quem se diz que era justo. Não duvido de que o fosse, mas era também rico, e, por certo, residia demais em sua riqueza, da qual um dia o tiraram de repente. E então, deshospedado de seus bens, chegou ele à conclusão de que a vida do homem sobre a terra tem de ser uma milícia. Mas não. É inútil buscar exemplos e comparações, se já nem tenho a vida sobre a terra, desarvorado no mar. Além do mais, neste deserto corredor de bordo, não me aparecem inimigos nem floretes.

Também está deserto o passadiço. A bombordo, a estibordo, à popa, à proa, ninguém. Apenas o mar. E eu dêle nada sei e em vão me vêm à memória os adjetivos, os poetas e os escritores em geral, as epopéias e os verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba, verdes mares que brilhais como líquida esmeralda — e tantas outras coisas que pouco ou nada têm a ver com o mar em que me encontro. É uma paisagem pascaliana, o rumoroso monotom geminado ao silêncio aterrador dos espaços infinitos, que se perdem, eles mesmos, no mar. Tudo o mais me restou incomunicável e o mar — não o dos poetas e cronistas, mas o de meu encontro — é um espetáculo de perplexidade. Seu rumor, patético como o silêncio, nada responde e a angústia espantosa se perde na amplidão das planuras infinitas, onde sobre um mistério outro mistério se debruça. Uma assombrosa assombrada solidão, tão incomunicável, que eu apenas o sei líquido e plano e incomensurável e azul e verde.

E quem me diz que este navio vai com destino à terra? Ensinam as geografias que maior é o mar que a terra, já que de águas se cobrem três quartas partes da superfície do globo. De forma que o mais seguro mesmo é fundear em Port-Royal: — no dramático cálculo de probabilidades de seu pálido doutor, segundo o qual tenho três possibilidades de não sair do mar, contra uma apenas de encontrar a terra. Resta a esperança de que a geografia esteja errada, pois, quanto a Pascal, seu raciocínio é de matemática exatidão. Salvo se outros países, outras terras houver, não conhecidas, e neste caso continuam em erro as geografias com sua incompleta relação de continentes.

Isto posto, navegamos talvez a terras novas e o hálito de Colombo nos enfuna as velas. Mas aqui é que cresço em confusão: que tenho eu a fazer numa praia ignota, entre

selvagens seminus ? Não disponho de fé nem de império a dilatar e não saberei dar uma única resposta às perguntas que hão de fazer os nativos atônitos. Talvez seja melhor assim, pois ao menos nada de falso lhes ensinarei. Poderei, quem sabe, plantar ao pé de seus outeiros, em rústica madeira talhada a enxó, a cruz de Cristo, que os fitará como eu, silenciosa e inexplicável.

E já será bastante.

Quem me assegura, ainda, que o navio há de vogar à flor do mar, se tanta é no espaço a dimensão horizontal, como a vertical. Bem pode ser de súbito arrebatado para os altos ou para as profundezas submarinas.

Sei mesmo a história de um jovem profeta que foi certo dia seqüestrado num carro de fogo que se perdeu no céu, e dele nunca mais se teve notícia. Dizem que no fim dos tempos voltará a aparecer, o que é perfeitamente lógico, pois então sucederá também o fim dos espaços. Eu, porém, não estou para carros de fogo e diligências nas nuvens, pois se tanto já me afligem estes complicados turismos horizontais, que seria de mim, embarcado em viagens sidéreas ou às profundas das águas e das terras?

No deck superior, mirando a boreste, era a cabine do telegrafista. Abri mansamente a porta e o homem alto, magro, espadaúdo, continuou curvado sobre as fitas de papel em que o aparelho ia gravando, em música monótona, traços ininteligíveis. Por fim, levantou a cabeça e perguntou secamente:

— Que veio fazer aqui?

Picado pela descortesia, respondi ríspido:

— Quero enviar um telegrama.

Sacudiu os ombros e ia novamente se inclinando sobre a mesa, como se desejasse voltar às suas decifrações, quando repeti com ênfase:

— Quero enviar um telegrama.

Voltou-me, então, os olhos e mastigou com dureza:

— Não tenho tempo.

Enchi-me de indignação e energia e protestei:

— Sou um passageiro, senhor. Paguei a minha passagem e tenho direito a ser atendido.

Soltou uma gargalhada:

— Não o atendi nem atenderei, porque sabia que ia lançar mão desta mentira. Não fosse isto, e já teria providenciado seu telegrama e a resposta de que precisa. Afinal, para passar um telegrama não é indispensável ter pago uma passagem. Mas se alguém invoca falsamente este argumento, para justificar um direito, é porque este direito não está nas raízes de sua consciência. O sr. afirma que tem direito de enviar um telegrama porque pagou sua passagem. Ora, o sr. não pagou a passagem, logo não tem o direito de telegrafar. Sua mentira o desmente.

— Não vim aqui para desmantelar sofismas, mas para encomendar um telegrama — contestei — e, sendo o senhor o telegrafista, esta é a sua função.

— Além disso — continuou, como se eu não houvesse falado — já lhe informei que não tenho tempo. De onde vem o senhor?

— Isto é assunto meu — respondi formalizado.

— É perfeitamente justo — concordou ele — mas não tenho tempo. Depois, não sou, propriamente, o telegrafista do navio. Sou o chefe.

Tive um assomo de esperança:

— Se é o comandante — exclamei — tanto melhor; peço-lhe desculpas por minha impertinência. Preciso de sua ajuda.

— Não. Não sou o telegrafista, nem o comandante, nem o piloto, nem nada parecido. Sou o chefe, quer dizer, o dono. Este navio é meu e a grande preço o comprei. Para comprá-lo, vendi mesmo todos os meus bens, inclusive a casa, a mulher e os filhos que possuía. Se não vendi a alma, tenho-a, entretanto, empenhada como garantia de posse do navio. Em compensação, ao comprá-lo, comprei tudo que lhe dizia respeito: os ventos, as rotas, os mares, os tripulantes e os próprios passageiros, uma vez que seus rumos estão em minhas mãos.

Começava a assustar-me, certo de que tinha diante de mim um louco, com poderes que eu não sabia ainda ao certo até onde iam, quando ele acendeu um curto cachimbo de cereja, trancou à chave a porta da cabina e colhendo-me os ombros com suas mãos poderosas, sentou-me numa cadeira de braços e começou como se fosse fazer um longo relato:

— Não sou um louco, como está pensando. Fui sempre um homem saudável, bem humorado e jovial, estimado por todos na tranqüila cidade de Alabama, onde nasci e vivi até pouco tempo. Sou um sujeito tão normal, realizando tão tìpicamente o homem comum de minha terra, que já me chamavam de Mister Alabama.

— Mister Alabama — repeti.

— Sim, sou Mister Alabama, e não me interrompa, mesmo porque não conseguirá que lhe diga senão aquilo que for estritamente necessário. Sou Mister Alabama, milionário. Este é o navio mais moderno do mundo e custou ao país que o construiu alguns bilhões de dólares. Trata-se da primeira "omninave", que tanto percorre a superfície do mar, como qualquer "piróscafo", como voa à estratosfera ou navega submerso pelas entranhas das águas. Fui convidado para seu primeiro "raid" e talvez a esta hora estaria de volta, se não fosse o incidente que tive com o telegrafista que me fez uma descortesia. Indignado, comuniquei-me com

o Governo, dei ordem para venderem todos os meus bens. comprei o navio pelo dobro do custo e com ele o direito de conduzi-lo aonde bem entendesse. Comprei-o com suas máquinas e seus homens e o senhor mesmo há de ter sido incluído na transação. Não adianta protestar, fiz um contrato perfeito, válido para todos os fins de direito, ao qual um tabelião, de público e raso deu a sua fé. E eu lhe dou a minha de que o senhor em nada me interessa, embora lhe seja preferível manter-se comigo em boa paz. Garanto-lhe mesmo que minha companhia há de ser amena e a viagem proveitosa. Olhe esta carta — e curvou-se sobre um enorme planisfério de tons azuis, percorrendo-o com o dedo — estamos precisamente na intersecção do paralelo que marca, entre o Equador e o Capricórnio, a cidade submersa de Sheol. Com esta alavanca, estou cerrando as calotas A e B, de forma que, dentro de alguns segundos, a omninave será um enorme cone duplo, descendo em pião para o fundo do mar.

Senti apenas um ligeiro abalo e correndo à escotilha percebi que a embarcação, já toda coberta pelas águas, descia num mergulho vertiginoso. Tentei fazer-lhe várias perguntas, mas Mister Alabama apenas respondia:

— Não tenho tempo.

Eu mesmo não sei quantas horas ou minutos levou a alucinante descensão. Perdera a noção do espaço e, assim, já não sabia mais do tempo. Era talvez por isto, por não ter mais o espaço, não o possuir na realidade de suas dimensões, que Alabama também não tinha tempo.

— Onde estamos? — perguntei com angústia.

Com o cabo do cachimbo ele indicou um ponto do planisfério e de repente, como se um vulcão de fogo explodisse do fornilho enfumaçado do cachimbo, desenrolou-se aos meus olhos, num painel de clarões, uma cidade fantástica.

O navio devia estar parado. À sua volta, numa feira de luz, erguiam-se praças sem limites, onde esgalgos palá-

cios estremeciam acesos. As paredes incorporavam-se como lâminas de labaredas verticais, altas e lisas, em exatos retângulos e em lívidos paralelogramos entre laranja e azul. Da mesma substância pareciam feitas as paredes do navio, pois eu já não distinguia, das ruas cheias de vultos que começavam a transitar ao nosso lado, a cabina do telégrafo agora sem dimensões e sem fronteiras.

— Onde estamos? Vamos embora! — exclamei sem me conter agarrando o braço de Alabama. E pela primeira vez, num terror pânico, como se no forno das entranhas todo o meu ser estivesse ardendo, a caminho das cinzas, senti até os ossos que estava aprisionado. E não havia nada mais forte em mim do que o desejo de evadir-me daquele reino inesperado.

Alabama sacudiu-se numa gargalhada e mostrou à nossa frente: num imenso hall que parecia construído de água-marinha temperada a fogo-fátuo, um bando de mulheres tragicamente belas e lascivas cercava um homem grisalho, de olhos desesperados, que ao mesmo tempo as atraía e repelia. As bacantes lhe subiam aos ombros, penduravam-se ao seu pescoço, agarravam-se à sua barriga e às suas coxas, provocantes e lúbricas. E ele, desejado desejando as desejosas, furiosamente e sem cessar, empinava uma taça de vinho que parecia colada à sua boca e que nunca se esvaziava.

— Eu o conheci em minha terra — explicou Alabama. — Nunca em sua vida desejou outra coisa, senão isto: vinho e mulheres.

— Então deve estar satisfeito — ousei comentar. O indivíduo dirigiu-me um olhar tão doloroso, que jamais esquecerei, e Alabama tornou, rindo sem piedade:

— Não. A taça tem um furo embaixo.

E era verdade. Mas havia a compensação das mulheres. Antes mesmo, porém, que eu completasse meu pensamento, já Alabama emendava, desfigurando-se de rir:

— E as mulheres, não...

Ia censurar-lhe a vulgaridade com que se atrevia a contar-me, sem que tivéssemos intimidade para tanto, uma anedota grosseira, quando me dei conta de que não era uma anedota.

E o horror, momentâneamente distraído, desencadeou-se em todas as fibras, como se todas as raízes do ser me convocassem as mais esquecidas energias. Agarrei-o, violentamente, pela gola e gritei:

— Vamos embora!

E no mesmo instante, diante de sua recusa, como ensinado por uma sabedoria imemorial, avancei sobre a alavanca que ele movera para fazer descer o navio, certo de que ali estava a manobra para a emersão. Ele lançou-se sobre mim antes que eu a alcançasse e lembro-me que rolamos no chão várias vezes, até que consegui arremessá-lo a distância, com uma força tão espantosa que ainda agora não sei se fosse minha. Dominei afinal a engrenagem e apenas tive tempo de sentir apagar-se a cidade maldita e perceber a embarcação subindo pelas águas, quando ele, recomposto, avançou sobre mim, rangendo os dentes.

E não sei se foi o golpe de seu punho de pedra ou de seus olhos incendiados.

Segurava-me o pulso com a mão peluda e triste. O médico estava evidentemente bêbado. E falava uma língua que não sei. Dizia ásperos monossílabos, compreendi que praguejava e ria e me apontava com escárnio. Tinha as unhas amareladas de tabaco e os dentes eram negros. Com a ponta do dedo abaixou-me a pálpebra inferior de um dos olhos. Senti um bafo de álcool e um odor repugnante a charuto apagado. Minha pupila teria talvez a cor de seus dedos. Resmungou qualquer coisa ao enfermeiro, soltou uma praga em sua língua gutural. Tive de repente um

terror inexplicável. Um pressentimento de que daquele homem cruel dependia talvez a minha vida.

Não sei quando o puseram. Talvez nunca. É possível que tenha vindo de minhas entranhas o pequeno termômetro brilhante com seu sabor de vidro. Sob as pestanas entristecidas gotejava dos olhos o mercúrio.

Dos dentes pardos do doutor ergueu-se o bigode vermelho, num sorriso feroz. Ria-se de mim e tinha um raio de sabedoria fulgurando nos óculos.

Desde então, não sei mais do que enumerar:

a dura luz dos ferros que ferviam numa panela brilhante;

sólido olor de agulhas e algodões no pulmão;

num dístico em gás neón estes dois versos:

> "tome, doutor, uma tesoura e corte
> minha singularíssima pessoa";

meu cérebro dentro duma redoma, na mesa da biblioteca, ao lado de um cinzeiro onde morriam duas pontas de cigarro;

meu braço apertado;

e sua voz de sabre: "o coração";

e um coração azul tatuado nas costas de sua mão, com uma flecha atravessada;

e uma angústia de capas de cadernos e palmas de cactus, entre datas longínquas e corações flechados e Laurinda e Waldemar e Joaquina Francisca Iracema e Osvaldo;

e nada mais.

# III

# RUA ANGÉLICA DAS DORES

É muito vós a precisáveis ver! Entre as 5 e as 6, entre as Ave-Marias, precisáveis ir ver a solitária rua de árvores altas. Na hora do crepúsculo há um frêmito de pássaros e um milhão de vozes na profundez das folhas. Um guarda passeia, lerdo e estúpido, para cima e para baixo. Do peitoril da janela a brancura redonda de um seio escapulindo e um peignoir vermelho.

Como ela me chamava!

Ai! o amor também não foi, e ela o chamou com gestos mais ardentes, com cabelos mais frescos, na primavera ao longe.

O amor também não foi.

De vez em quando há um bater de venezianas repentinas e um ruflo de asas de pombas assustadas pelas espingardas de caça, que o comissário de polícia vem na ronda.

Agora entre gerânios, entre tinhorões, entre cabeças louras e morenas, desabrocham de novo as janelas azuis.

Quereis comprar a primavera, o outono, o aroma dos crepúsculos e a canção de coral das madrugadas?

Ave-Maria, que vem da Igreja do Bom Jesus.

Umas cantarolam baixinho uma cantiga morta.

Outras se benzem, outras rouquejam palavrões, obscenas e cínicas, e outras, na manga do peignoir enxugam uma lágrima roxa.

Os rádios se rompem em grandes vozes de tangos argentinos que contam histórias perdidas de amores perdidos de moças perdidas.

E nas profundas árvores, em milhões de gargantas, a passarada canta

um cântico longo, crepuscular e gemebundo,

que lembra um canto gregoriano de Parce Domine ou o som de uma velha e arrastada canção de barqueiros do Volga.

Na hora do crepúsculo, entre as 5 e as 6, vós precisais ir ver a rua das mulheres perdidas.

Agora então é que não sei mais nada. Da primeira e da segunda vez posso ao menos dizer como dormi num lugar e amanheci em outro. Encontro ao menos a noite e o sono como pontos de referência na interrupção misteriosa. Agora não. Nem posso dizer que estava ontem na enfermaria do navio, e hoje pela manhã na Rua Angélica das Dores. Tanto posso ter saído do navio há 24 horas, como há mil anos. Tenho no sangue o fervor de uma lembrança. Seu cheiro agudo e familiar pode ter nascido comigo e pode ter sido aceso apenas neste instante.

Mas ainda não foi o tempo propriamente que me escapou. Nem mesmo a sua noção. O que há talvez é um excesso de população arrebentando suas fronteiras. Estou invadido por legiões de hotéis, de casas, de navios, de des-

troços, de enfermeiros e de enfermarias. E me lembro demais de todas estas coisas. É uma nova unidade de marcar o tempo, de resto a única justa. Cada homem devia ter um calendário próprio e um relógio próprio. O governo exige que eles trabalhem de 11 às 4, e um servente de cáqui distribui as horas no grande relógio do hall. E os desgraçados aceitam. Para não serem demitidos da repartição dos Correios e Telégrafos, eles se demitem da vida. Às vezes é a nona hora dentro de seu coração, e eles a vendem pela mentira de um relógio que marca as 11.

Quando criança, sempre me perguntei porque todos olham com este ar de ridículo respeito para um objeto que estaria tão bem entre as mãos dos meninos. É ridículo, mas não há remédio: mesmo os homens mais distraídos, assumem subitamente um ar de sisuda concentração no momento em que consultam o relógio de pulso. E com que dogmática solenidade se arranca dos calendários a folhinha de um dia que muitas vezes ainda não se acabou e não se acabará para sempre. É certo que fui sempre um menino triste, mas arteiro como o diabo. "Este menino tem parte com o demônio". E um dia eu botei o calendário da sala de jantar no lugar do papel higiênico do W. C. Ainda hoje me parece excelente a idéia.

E é isso mesmo. Nada mais posso saber. Apenas, que me dei conta de mim, em certo instante, residindo em sua cama, em seus braços, em suas pernas, seus lençóis, seu quarto, uma bacia branca e uma cortina cor de rosa. Entre as maçãs do rosto residindo. Na residência de sua pele, quanto tempo morei?

Hoje ainda, me surpreendo sozinho, falando da escrava melodia de seus olhos, do peignoir desatado entre rosas e pêssegos. E eu estava deitado sobre edredons de Betânia, e ela se ergueu toda nua, trazendo num seio um vaso de

alabastro, uma libra de perfume de nardo puro derramou em minha cabeça, ungiu os meus pés e com seus meros cabelos enxugou-os. Desde então nasceu-me o medo de morrer, pois uma unção de sepultura me rescende para sempre da cabeça aos pés. É uma semente de sacrilégio em todos os meus gestos. Não apenas o pecado, mas o sacrilégio.

O seu ventre beijei e a sua boca e a ponta de seus seios. E lhe fiz muitas carícias, muitas coisas sem nexo e lhe pedi amor. E ela disse: — não sabes? Sou pública. Não me deverias pedir amor.

Mas eu, que sentia borbulhar-me até a garganta o amor, respondi:

— Ai! se soubesses quem é este que está te pedindo amor, se soubesses o que te peço, me pedirias uma esmola, e eu te daria um beijo nas entranhas.

Beijei-a de novo e não pudemos mais falar.

E eu me deitava a seu lado e sobre as costas nuas, com a ponta dos dedos escrevia palavras que nunca revelarei. E o cativeiro e a liberdade e as coxas e os pés amorosos e o silêncio de seus cabelos espalhados na almofada.

A malva do aba jur esverdeava sobre o travesseiro a fulva onda de seus cabelos. Era um perfume de folhas sobre os ombros nus. O sopro de uma beleza sinistra e perigosa asselvajava o brilho de seus olhos, mais verdes sob a lâmpada verde. Todo o rosto brilhava e a sua boca era perversa e fina como a boca dos anjos. Um fulgor de esmeralda ardia na face e no seio e em toda a ondulação de seu corpo. Era talvez o cheiro profundo do heliotrópio, este brilho de sortilégio dos perfumes, que envolvia o seu corpo num véu de labaredas finas.

Tenho faro de mastim. Quantos cães não te farejam, ó fêmea de ancas nuas, ó de espáduas castanhas tâmaras amadurecendo o sexo !

Quando ela se levantou, do anjo e da cadela incorporada, e atravessou o quarto toda nua, carregando no braço uma anágua de seda, o beijo de seus passos, as pantufas de cetim esmagando o tapete, sonolência de gata caminhando, vi-me subitamente tocado por um clarão de inocência e cinismo. E tomei-a nos braços, e do fundo do coração lhe disse:

— Cheia de graça.

E ela me fechou a boca com uma chuva de beijos. E a deitei de novo. E era um ritmo de primavera entre a cintura e as ancas.

Depois veio — de onde? — do fundo dos abismos? — uma neblina silenciosa enrolando as coisas e a mim e a ela num mesmo volume. E eu não sei mais onde começavam minhas mãos e onde suas pernas. A carícia não era um limite e talvez mesmo meus dedos alisassem apenas seus lençóis ou suas sandálias. Estávamos infinitamente juntos. Mas era sob sua fascinação que eu repousava. Tudo era indistinto, e pendia uma amorosa opressão, da beleza caótica de seus cabelos, de seus ruivos pés. E agora seus olhos, e agora sua boca, seu pijama, a cama de madeira fresca, as fronhas bordadas, seu sexo dourado e triste, se volviam para mim, unidos como as águas do mar, para submergir as últimas ilhas.

Um último estremecimento, um volume deslisando como se uma boca a estivesse sorvendo do fundo dos abismos. A lâmpada balanceou. Impossível falar. Para os acontecimentos mais profundos da vida, ainda não achamos os nomes.

Mas não tenho o direito de ressuscitar em vão aquela angústia. De qualquer forma seria em vão. Onde e para que procurar o nome de uma coisa que o não tem? Pois afinal me lembro que não se passou nada. O que guardei bem foi o espanto de seus olhos, quando a fitei de repente

com o sobressalto de quem se sente chegado estranhamente de um estranho mundo. E era tão simples, tão infantil sua face admirada, que só então a percebi dentro de todo o seu encanto, puro de minhas emoções.

Não sei se o que mais vi em sua fronte adolescente foi o mistério de sua profissão ou a cegueira dos que por ela passam diariamente, pisando por umas horas as pétalas violadas, para partirem indiferentes, levando na sola dos sapatos a úmida marca dos lírios pisados. Tudo isso ela trazia nos olhos. Não precisava dizer quem era. Não precisava o mobiliário típico, o perfume peculiar, as paredes cobertas de tricromias e toda aquela elegância barata e inconfundível das prostitutas.

Há qualquer fluido misterioso, um vago ar de sacerdócio que identifica imediatamente as hetaíras, criando em torno delas certa atmosfera especial de palpitação e de perigo. É o mesmo prestígio, o mesmo ambiente de ameaça que se estabelece em torno das virgens e de todos os que se empenham na luta — positiva ou negativa — do sexo: as freiras e os uranistas, as adúlteras e os padres, as viúvas e os onanistas.

Tentei descobrir e coordenar as coisas. Não. Não era a primeira vez que me acontecia despertar num bordel, com uma aventureira desconhecida. Isto é até muito comum a certos rapazes solteiros. Coisas de bebedeira, que no dia seguinte não sabemos quando e como começou. Aquele cheiro penetrante que paira no ar de todas as casas de mulheres, de envolta com o vapor de extratos ordinários, dos defumadouros, do permanganato, dos sabonetes fortes, a rescendência pegajosa e noturna da semente humana. De olhos fechados, roçando a redondez de suas ancas frias, eu compunha o ambiente e farejava sua nuca tristíssima.

Era uma pensão de meretrizes, como todas que eu conhecia. Estaria eu ali depois de alguma bebedeira? Mas

não. Há muito tempo não me embriago. Não me lembro absolutamente de ter entrado ontem à noite nalguma farra. Sou, de resto, um marido exemplar, e desde que me casei abandonei aquela vida de noitadas.

Percebo que sou casado. Não é esta a minha mulher.

E então, como se os objetos desprendessem do âmago uma inesperada melodia, primeiro em *adagio*, agora num *andante* e enfim num *allegro furioso*, toda a minha intrincada história me ressoa no sangue. O hotel com sua mucama de seio azul. O navio com sua enfermaria e seu terrível doutor e sobre o divã meu chapéu de amargas abas amarelas.

De forma que estou deitado com uma puta. Não é minha mulher. E por que não? De resto, quem poderá afirmar dessas criaturas imponderáveis, que nunca se entregam de todo: "é a minha mulher"? Quem as possuirá tão plenamente que possa dizer: "é minha"? Basta atentar neste fragmento de acaso que constrói o encontro de um casal, comprometido a uma união sacramental e perpétua, — para compreendermos como deve ser frágil um laço que dependerá sempre, em sua origem, de um fragmento de acaso. É por isso que são tão freqüentes as traições. A tal ponto, que o velho Will dizia, com irônica resignação, que esta desgraça:

"lies on the hazards of all husband that marry wives."

Já anotei por aí que é um tanto pernóstico este gosto de citar. E às vezes perigoso, como no caso presente, em que a ironia do velho comediante poderia ser tomada, por indivíduos maliciosos, como uma profissão de fé coridônica. Mas o fato é que gosto de citar. E quantas vezes não estacamos diante de uma palavra escrita há séculos, e cheios de inveja daríamos a vida pela alegria de tê-la pronunciado primeiro.

Neste assunto de mulher, li um dia, não sei onde, a exegese um tanto retórica, mesmo assim justa, que Deus a tirou das costelas do homem, isto é, de perto do seu coração, para que ele a amasse, e de baixo de seu braço, para que ele a defendesse. Sei de um russo elegante, para quem as mulheres são seres cuja única vocação é a de *portadoras de perfumes*. E é assim que elas estão na Bíblia. Sulamita ou a Rainha de Sabá, Maria de Betânia ou as Marias do Sepulcro, só aparecem no Testamento de Israel e no Evangelho, como "portadoras de perfumes".

Quando Zaratustra as queria apenas para divertimento do guerreiro, estava, no fundo, repetindo as canções da Bíblia, e poderia murmurar, à doçura de seu aroma, a mesma saudação, a mais alta saudação que o arcanjo encontrou para A que ia ser mãe de Deus: cheia de graça.

Tudo isso pensei e fitei seus grandes olhos líquidos. E me surpreendi, murmurando à flor de sua orelha:

— Ave, ... cheia de graça!

E pela segunda vez ela me fechou a boca com uma chuva de beijos. E a deitei de novo. E era mais uma vez um ritmo de primavera entre a cintura e as ancas.

Da angústia como de um fermento emergia agora, necessária e ácida, uma pergunta: por que estou no quarto desta mulher?" Mas uma onda de vergonha me subiu à face e me enchi de pavor, à idéia de que dezenas de vezes em minha vida já eu despertara entre putas e no entanto nunca me preocupara em indagar porque me encontrara ali. Que raro el hombre, caray! As coisas mais decisivas lhe acontecem, e ele em geral só as estranha e examina quando representam a quebra de uma rotina. É a quebra da rotina que os assusta. Não se interessam pelo que fazem, pelo que lhes ocorre. Querem saber apenas *como* fazem ou *como* acontecem. E o resultado é este: todo mundo pro-

cura *como* viver. Mas viver *o quê* — não sabem. E dizer que estes mesmos homens condenariam um químico que começasse a misturar ácidos e sais com toda a precisão, ignorando apenas se dali sairia um medicamento ou um corrosivo. Ai! os homens que fabricam de sua vida um veneno para sempre! Tudo por não quererem saber o que é isto que vivemos. Só se lhes dá de como hão de viver. Levai esta colocação para todas as profissões e situações da existência. Que seria de um palhaço que apenas soubesse como riem as platéias, mas ignorasse as palavras que as fazem rir? E um propagandista perfeitamente hábil em sua arte, executando-a maravilhosamente, faltando-lhe apenas o que anunciar. Pois são assim. São todos assim os homens. Aquilo que os assusta não vale nada. E ao contrário, as coisas que deveriam fazê-los tremer de horror, passam desapercebidas aos seus olhos. Poucos mergulham nos poços quotidianos. O espantoso caroço do quotidiano permanece inexplorado e quase ninguém conhece o seu semblante inédito e terrível. E vice-versa. As chamadas coisas extraordinárias são, na realidade, punhados de insignificância absolutamente banais. Por isso riem dos poetas. Eles falam mais freqüentemente de medusas e estrelas e noite — que de aviões e automóveis e moedas. Ora, dizei-me: — serão acaso os automóveis e as moedas mais freqüentes e mais reais que as estrelas e a noite?

Tenho-a ainda estendida ao meu lado, suas longas mãos me percorrendo. Mais do que a mim mesmo, tenho-a presente. E com ela o misterioso acidente que num instante ilógico decidiu fazer-nos para sempre de um sexo e não de outro. E com ela o enigma das que fazem do amor a fascinante blasfêmia de uma profissão.

Dão-lhes vários nomes. Madalenas e Traviatas, as que trocaram de caminho. Os romanos diziam prostitutas, as que estavam expostas diante de todos. Ai! dizei-me se

há vocação mais terrível do que esta — vocação dos ídolos e das sarjetas.

Nas salas do bordel paira aquele mesmo terror sagrado que nos sugerem os templos, e creio que os eruditos poderiam rever a civilização dos egípcios e dos gregos, ou mesmo a vida das tribos ainda selvagens, para descobrir a origem religiosa da prostituição. Muito antes mesmo dos ritos de Baco, elas terão sido as sacerdotisas em cujo seio ardiam as últimas chamas da emoção religiosa nas festas do tempo mítico. Ao clarão das fogueiras onde assaram a carne cheirosa dos veados, começam os jarros de vinho mosto, começa a dança, a promiscuidade e, noite a dentro, a experiência do amor, a perigosa interrogação aos deuses: por que fizestes de mim um macho e de minha irmã uma fêmea? E na pureza de seu coração, negociavam a emoção indagadora e na noturna festa cada um queria saber o que era e o que era o outro. E a mulher, transviada de seu caminho para o caminho de seu irmão, o transportava para um tempo de objetos miraculosos e inaugurais.

Depois, à medida que o homem se afastou de seus pensamentos primitivos, as hetaíras foram abandonando os templos. Creio que foi no período da decadência grega que as expulsaram definitivamente de sua condição religiosa e as tornaram em instituição social.

O barco foi então sacudido por uma voz que partia das ilhas ou do mar:

Θαμους' Θαμους'
Παν μεγας τεθνηκε*

Elas tinham deixado de existir. Foi o fim de um mundo. Eram mortos os faunos que as esperavam nas noites dos bosques da Helade. O Grande Pã é morto.

(*) Támos, Tamos, o Grande Pan morreu.

Os deuses e os semi-deuses gregos e romanos eram as prostitutas e seus amantes. Júpiter ou Jaturna, Afrodite e Mercúrio, Febo e Juno. E dos egípcios e dos índios e dos louros bárbaros que sonhavam os límpidos lupanares do eterno Walhala, com uma passarada de wyllis e walkyrias.

Mas agora o Grande Pã é morto.

As últimas deusas prostitutas, Tyndaris e Lydia, Délia e Cinthia e Leuconoé, agonizam na Roma de Augusto ao pé do altar de Adonis e Cybele, de Serapis, de Isis e de Mythra, os deuses do Oriente, do Egito, da Pérsia e da Grécia, que pareciam, assim, haver combinado todos um rendez-vous de morte à sombra do Capitólio. À beira do túmulo do grande Caio, o Imperador prostituto por excelência, o *"moechus calvus"* de seus soldados, de Calpúrnia, de Marco Antônio e do povo, dos áugures e dos deuses. É morto o grande Pã. Mas o mundo não poderia subsistir sem elas — as que estão expostas diante de todos, com sua nudez e sua tragédia, para lembrança de nossa origem e de nossa queda. E então, com a mesma voz que anunciara entre as Achinades e o Epiro, o vento mediterrâneo trouxe o vagido do novo deus que nascia nos dias de Tibério.

Cantado há milênios pelos profetas de um povo ardente e anunciado pelo último poeta do Grande Pã, o novo deus nasceu do ventre de uma mulher que não o concebera de seu marido, o carpinteiro José.

Estava tão alheado de seu corpo, que ela com um afago me chamou:

— Quer descansar um pouco?

Não sei se me entendeu. Sei que a agarrei tempestuosamente e disse:

— Não. Sou dos que não podem descansar. Tenho de descobrir uma coisa. Talvez me pudesses explicar.

Sorriu com humildade:

— Sou uma pobre mulher e apenas sei de carícias e amor. É verdade que tenho conhecido muitos homens, alguns se pareciam contigo. Mas nenhum tinha tanta amargura no rosto. Aos outros sempre saberia dizer alguma coisa. Mas o fato é que nunca me perguntaram nada. Alguns, é verdade, contavam-me histórias e às vezes as relembro antes de dormir.

— E que espécie de histórias te podem ter contado?

— Realmente apenas uma não esqueci de todo. Queres ouvir?

E sem aguardar resposta, começou:

— Como podes supor, tenho muitas visitas. Gentes de todas as terras. Ou pensas que és o único estrangeiro no país? Poderia falar-te de marqueses e aventureiros de todas as raças. Mas eu mesma não esqueço facilmente. Lembro-me de um italiano de perfil aquilino, mais forasteiro do que todos, pois do próprio Inferno viajava. Vinha às vezes também do Paraíso. "Amor, ch'a null'amato amar perdona", — costumava dizer-me, ou "Amor mi mosse, che mi fa parlare". Nunca o pude compreender bem, por isso guardei melhor a história que me contou Oscar. Lembro-me dele, especialmente uma noite em que veio acompanhado por um grupo de amigos. Lembro-me. O espírito de Oscar, como em seus belos tempos, antes do cárcere de Reading, o lúcido espírito de Oscar envolto em seu famoso corpo, em suas magníficas roupas, envolto em seus cravos vermelhos e seus perfumes. Naquela noite, trazia de um lado o eterno cravo vermelho, e do outro uma certa Margarida, que eu conhecera como meretriz em Cortona, uma italiana de alvas mãos e trágicos olhos. Estavam ainda o Bispo Agostinho e François Villon, o Conde de Lautréamont com Gérard de Nerval, Aloysius Bertrand e Jean-Arthur e mais alguns outros, cujos nomes não sei. Creio que havia um pintor holandês, (1) sim, um grego e um francês (2) e um

vago frade carmelita espanhol (3). Lembro-me também, sem dúvida, de um rapaz de 20 anos, belo e triste, que costumava marcar encontros fantásticos com o demônio, do qual ouviu certa vez esta verdade: "é mais fácil encontrar uma pérola na casa dum joalheiro do que no fundo do mar."

Interrompeu-se, para sorrir com certo orgulho:

— Todo mundo diz que não tenho memória e às 9 horas já não me lembro do que me aconteceu às 7. Até mesmo o russo Alexandre Kuprin, um de meus melhores amigos, diz isso. Mas estás vendo que de alguma coisa me lembro. E as coisas que esqueço, é porque não têm significação para mim. Tenho até uma ótima memória para as coisas que me interessam. O velho Fiodor notou isso, lembrando o dia em que Raskolnikoff quis ler noutra parte aquela história de Lázaro, que só se deve ler no livrinho de João. Eu logo indiquei onde era. Mas isso não importa. O que vem ao caso é a visita de Oscar àquela noite, com seus amigos e sobretudo aquela aparição morena que os acompanhava, com os grandes olhos e a boca mística das crioulas mediterrâneas. Entraram em silêncio e recordo que Charles Baudelaire quis dizer qualquer coisa a Blake, mas Oscar impôs silêncio com a mão, e apontando para a estranha que se apoiava ao braço de Lautréamont, disse: — "esta que aí vedes, chamada por alguns de Santa Maria Egipcíaca, venerada nos altares dos bascos e até celebrada por um poeta de Pernambuco, é Sara Cigana." Notei que a cigana era das de minha profissão, e fiquei mais à vontade. — Em seguida, Oscar continuou, apontando para ela:

— De sua boca ouvi o que vos vou contar e sua presença é testemunho do que direi.

A cigana aquiesceu com um movimento de cabeça e Oscar começou :

— Pelo entardecer chegaram à cidade de David, chamada Bethlehem, porque José era da casa e família de

David. E por isso subira da Galiléia, da cidade de Nazaré, com sua esposa Maria, que estava grávida, para se alistar no recenseamento de Cirino, em cumprimento ao decreto de César Augusto.

Como era penosa a subida pelas ruas! Os pés dos viajantes doíam, inchados e ralados. E os brancos pés de Maria, como pombos feridos gemiam nas alpercatas aflitas. A dolorosa mulher caminhava se arrastando. As correntes de sua missão estupenda a prendiam ao chão de Bethlehem, e o peso de um Deus ansioso a esmagava.

As estalagens estavam cheias, mas ainda assim se arranjava um lugar. Porque todos eram forasteiros e cheios dessa solidariedade repentina das viagens e dos albergues. Acomodava-se o impossível e até fariseus ilustres cediam um canto de seus aposentos reservados a saduceus e publicanos retardatários. Dava-se um jeito em tudo, para não deixar ninguém sem abrigo. Para bem cumprir a ordem de César, o povo de Deus se fazia fraterno e cordial naquela fria noite de dezembro. Também — que judeu teria coração para deixar ao relento algum compatriota com aquele tempo de ventos gelados?

Com um suspiro de alívio, o casal de Nazaré bateu à porta da primeira estalagem. Dentro, homens e mulheres se arranjavam, as famílias de Israel, gente de Judá e Samaria, da tribo de Dan e da estirpe de Levi, do ramo de Manassés, do tronco de Zebulon e da herança de Efraín, da cepa de Neftali e da casa de Benjamin — de todas as tribos, comendo a sua ceia e bebendo os cheirosos vinhos do Cedron.

O rosto de Maria era um sorriso e um gemido. A sombra de Deus que avançava de seu seio já lhe cobria o rosto e toda ela era aquela sombra do corpo que vinha vindo.

José, saudando o homem que chegou à porta para vê-lo, pediu uma pousada para si e para a mulher. De um grupo de fariseus que ceiavam a um canto com as esposas e filhas, um venerável sacerdote se ergueu e perguntou ao recém-chegado:

— Quem és tu?

— Sou um carpinteiro de Nazaré, senhor.

— E esta mulher que te acompanha, tão moça para ser tua, de quem é o filho que vai ter?

José tornou-se grave, e cheio de sagrado respeito ergueu os olhos e apontou para o céu:

— Do Deus de Abraão, Isaac e Jacó...

Nem terminou. De um lado uma gargalhada, de outro uma injúria, de outro ainda um clamor de cólera:

— E pretendes fazê-la dormir sob o mesmo teto de nossas filhas e de nossas esposas?...

Bateram a porta, e o carpinteiro pôde ainda ouvir as duas sílabas de uma palavra horrível. Uma dor imensa apunhalou-lhe o coração, uma dor maior que a que sentira ao descobrir a esposa intacta com o ventre grávido, numa noite de envenenadas suspeitas...

Mas com santa resignação consolou a esposa:

— É que são forasteiros, Maria. Vamos à casa de gente da terra, e algum cômodo nos arranjarão.

Tentou levar a mulher nos braços, mas não teve forças. Só Ela podia suportar o pêso de um Deus.

Bateram à porta de uma casa de família e uma honesta senhora os veio ver:

— Quem és, viajante?

— Sou um carpinteiro de Nazaré, senhora.

— E de quem é o filho que esta mulher está para dar à luz?

Novamente José levantou os olhos e apontando para o céu, disse:

— D'Aquele que tirou Moisés do Egito e Daniel da boca dos leões, do Deus de Abraão, Isaac...

Nem pôde terminar. A honrada senhora com um grito de horror fechou a porta e da rua ainda os pobres puderam ouvir os brados do pai de família que clamava pelo desrespeito ao lar, seu lar, em que o carpinteiro quisera introduzir uma mulher das que a Lei mandava apedrejar juntamente com seu filho clandestino.

E o casal conseguiu arrastar-se mais uns passos. De uma velha casa de beco tremia no alto uma lâmpada vermelha. Maria arquejou:

— Não posso mais.

A lâmpada vermelha tremeu de novo na janela quadrada. Era o emblema dos prostíbulos. José avançou pela porta a dentro e houve um alvoroço na sala. Homens e mulheres desceram, e quando viram Maria, dolorosa e vacilante, correram a ampará-la. E de todos os lados gritavam:

— Vai-nos nascer uma criança! Preparemos o caminho, preparemos a casa! Um leito para a mãe!

A sala estava cheia. Prostitutas semi-nuas se incorporavam nos leitos de pedra sobre enxergas miseráveis, e um silêncio atônito ocupava o lôbrego bordel. Soldados, caravaneiros, pescadores, assalariados, bandidos e rufiões se abotoavam e se recompunham cheios de misterioso respeito e de natural caridade.

Ninguém perguntava nada, a não ser como servir melhor. Não havia preconceito nem orgulho. No meio do salão, sobre túnicas inconsúteis de judeus e mantos de beduínos, sobre capas romanas e peles de camelo de aventureiros gregos, sírios e trácios, sobre vestidos de mulheres e velhos damascos desbotados, num leito improvisado reclinaram a grávida.

Desapareceram os copos, os dados de jogo e os vestígios de pecado. Nos quatro cantos da sala acenderam-se as piras e o incenso defumou o ambiente. Em poucos minutos um vagido ecoou e uma mulher aparou na capa de um decurião romano, bela como uma rosa, a criança recém-nascida.

Outra prostituta, de profundos olhos azuis, da raça de Rahab, a tomou em seus braços e passou aos soldados. E de mão em mão, a criança passou aos aventureiros gregos, aos beduínos, aos publicanos, aos romanos, aos rufiões, aos vagabundos e aos bandidos e a todas as mulheres do bordel. Havia também um vagabundo grego, que se lembrou então de perguntar a José:

— Como é o nome de teu filho?

Então o carpinteiro falou:

— Seu nome é Jesus. Não é meu filho, mas Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. O que agora nasceu, é o verdadeiro Messias, lírio e rosa, filho de Deus e Deus mesmo.

Homens e mulheres não ouviram mais. Soldados e prostitutas caíram de joelhos e choravam e davam graças ao Senhor, e ao som das harpas e dos tamboris que ainda há pouco modulavam canções obscenas cantaram um cântico novo que dizia:

— Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

— E todos acreditavam e todos achavam espantosamente natural o acontecimento. Porque no fundo de seu coração o esperavam com humildade.

Oscar falou e partiu, tão intempestivamente como chegara. Lembro-me ainda que, à saída, um velho espanhol

a quem chamávamos D. Miguel, observou: — "E foi assim que nasceu o Menino Jesus. Só mais tarde é que o Evangelista São Lucas, que era um intelectual, por preconceitos livrescos, preferiu dizer que Cristo nasceu num estábulo, a dizer que nasceu num bordel. Talvez também o Evangelista tenha previsto que hoje, depois de dois mil anos, a situação é a mesma. E Jesus voltaria a nascer numa casa de mulheres."

E o velho Léon, que tinha um extraordinário amigo chamado Cain Marchenoir, comentou: — Mas Jesus nunca se esqueceu das prostitutas. Se entre elas nasceu, foi com elas, com samaritanas e pescadores, com mendigos e leprosos, — com vagabundos e vagabundas — a ralé das suburras, — que fundou a sua igreja...

Terminou de falar, e fitou-me com seus profundos olhos lacustres. E foi como se neles eu visse o novo Pã que nascia. Que sob o signo da prostituição entre um Deus e uma mulher da classe baixa de Nazaré, nascia. O novo Pã, gerado no útero da formosa e humilde judia, *traviata* do caminho dos homens para o de Deus, nascia. A esposa de José se fazia prostituta de Deus. E Jesus de Nazaré, bendito fruto do ventre da prostituta virgem, passou sua vida de apostolado e fundou sua religião com elas. Verdadeiramente fundou-a com rufiões e proxenetas, meretrizes e endemoniados, contraventores, publicanos, mendigos, leprosos, cegos, coxos, vagabundos e vagabundas, — a escória social e a ralé dos subúrbios. Para dar uma lição de perdão, ele escolhera a meretriz que ia ser apedrejada. Para uma lição de amor, escolhe a marafona da casa de Simão. E as escolhe para ir ao seu túmulo, como escolhera a vagabunda de Samaria e a puta de Magdala.

O novo Pã quer que o mundo volte ao estado de pureza inicial do homem. E lhe traz pelas ruas evangélicas a figura

das prostitutas. Mas foi em vão que as meretrizes da suburra o amaram. O mundo decadente, apesar da violência do exemplo, esqueceu-se da possibilidade do milagre. Esqueceu-se da possibilidade de conversão. Esqueceu-se de que a inocência se repete. Foi feita para se repetir. O mundo decadente ameaça de novo a religião do Grande Pã de Belém. E elas, as que ele escolheu para nos acompanharem como a própria voz da memória, estão de novo expulsas e aviltadas.

Eu as vejo aqui, com seu rosto de amargura e seus olhos mortais.

— "Ave, puta, cheia de graça!"

Bai-shun-fú é como as chamam numa língua da Ásia, o continente místico onde se guarda ainda tanto rastro do pensamento primitivo do homem.

Bai-shun-fú quer dizer: mulher que vende a primavera. Suas mãos que me cobrem de pétalas são hábeis no sagrado contrabando. Traz em cada curva um depósito de pétalas e tem uma experiência de amor e de ternura, que aprendeu com amantes de todas as raças e de todas as idades. Com os marinheiros que trouxeram o desejo de trinta semanas no mar. Com os jovens e os velhos, os que amam pela primeira vez e os que amam pela última vez. Os bandidos e os puros, os que lhe trazem a virgindade e os que lhe levam o cansaço, os remorsos e o requinte. Pensai na doçura dos embarcadiços, dos estivadores, dos marceneiros, dos salineiros, dos estudantes, dos engraxates, dos condutores, dos soldados, dos artistas, dos comerciários, dos transeuntes, pensai nos padres que se esgueiram, nos sacristães hipócritas, pensai nas grossas mãos dos operários que em seu corpo se tornam macias como plumas.

Em dezenas de línguas lhe disseram "eu te amo", que quando ela adormece sozinha, sua boca murmura a uma estrela do céu: "eu te amo".

E eu não a decifrei. E cada um de seus gestos começou a me devorar.

As mulheres perdidas vieram como velhas estampas comovidas das páginas da Bíblia.

As madalenas são as eternas portadoras de perfumes para os pés dos profetas que andaram nos caminhos de cactus.
Ó pálidas irmãs, perdidas entre os porcos, eu nunca me esquecerei de vós,
eu me abaixarei sobre a lama e darei a frescura de meu beijo mais infantil às pétalas mais enlameadas,
eu guardarei meus dedos de criança para recompor as corolas feridas, eu verei as rosas desmaiarem e os lírios enrubescerem, e os lírios serão rosas e as rosas serão lírios.
Eu sei de histórias esquecidas nos romances sem nome,
eu sei que fostes as únicas que lestes a palavra do mestre sobre a areia,
eu sei — oh! como sei! — dos últimos mistérios, dos frutos que mordestes, das noites sem luar e sem estrelas,
e do amor, o último e mais santo, apodrecendo como as maçãs rejeitadas ao pé das figueiras estéreis!
Vós enchestes de fel os vossos cântaros.

Outros cantarão as mães de seios cheios, os lírios sem milagre e sem sangue,
eu rasgarei as últimas bandurras em vossas janelas fechadas, e serei o cantor das cegas violadas.

As madalenas esperam as crianças sem mãe, para os grandes carinhos espontâneos,
as madalenas banharão os profetas de pés ralados e os adormecerão nos leitos inconscientes das alcovas surdas.
As madalenas têm um beijo para os desamados e um carinho para os mendigos:
Eu vi vossas mãos sobre os leprosos e as chagas se fechando,
Eu encontrei aberta a vossa porta para todos os cansados, de noite e de dia,
Vós me amastes e me punistes, vós me conduzistes, de candeia na mão, pelas velhas escadas escondidas
e me recebestes como o irmão fatigado e doente.
vós sois... vós nem sabeis quem sois! trazeis a dor pelos cabelos como vos trazem os gigolôs farouches,
exiladas do país do ódio, exiladas do país do amor,
ó pálidas irmãs,
nós cantaremos nas longas procissões, de velas acesas, as ladainhas dos mártires,
e ao som dos violinos de prata,
quando as últimas túnicas desaparecerem, mostrando os corpos nus das lividas amadas,
Satanaz bondissant nous livrera son sceptre!
Les anges qui attendent les sanglants pèlerins
nos enviarão as Verônicas compadecidas e sobre o linho branco das toalhas, nossa face quedará, patética:
nós somos a máscara de Cristo em sangue en los panuelos de la dona che piange,
nós nunca saberemos bem quem somos:
eu vim para dar-vos o consolo de meu canto mais puro,
vós viestes para o primeiro encontro de minha alma;
rosis coronatus cecini lilia convallium,
eheu! me miserum, o filiae Israel, filiae doloris,
confortai-me com frutos e com flores, que eu desfaleço de amor,

nós chegamos à fonte das águas,
nós chegamos à fonte da dor!

De repente ele emergiu do silêncio de uma cortina e apareceu na alcova. Digo de uma cortina, mas é bem possível que tenha deslizado de alguma janela. Tinha feições aquilinas e malignas e era muito jovem. Vestia uma redingote e trazia nos ombros uma pelerine. Era uma figura dessas que devem ter passado à janela de nossas avós adolescentes. Dessas que encontramos nos livros de infância. Pelo ar insinuante, pela sutileza do gesto e o sorriso requintado, identifiquei-o logo como o Pagem. E hoje ainda o chamo de Arlequim.

Não tive tempo sequer de reprovar-lhe a inexplicável intromissão, pois ele aproximou-se e cheio de curiosa fidalguia, com estudada reverência perguntou-me:

— Deseja alguma bebida?

Nem mesmo consultei minha vontade, e mais para desembaraçar-me de sua insolente visita, respondi com secura:

— Não!

Inclinou-se com a mesma reverência caprichosa e retirou-se com a elegância de seus sapatos silenciosos, que seriam de seda ou de veludo.

Não tive tempo de recompor-me do espanto, pois no mesmo instante já estava de volta, com uma bandeja de prata, onde entre dois altos copos de ouro espumava um púcaro de vinho francês. Instalou tudo numa pequena mesa de rodas, que avizinhou da cama.

Ela mantinha-se impassível, como se o conhecesse há muito. Mas eu, que não estava para farsas, volvi-lhe indignado:

— Retire-se! Ou não entendeu minha resposta? Não pedi nem quero vinho!

Sorriu com a mesma ingenuidade maliciosa e perguntou:

— Talvez queira algumas rosas, senhor...

— Muito obrigado. Também não quero rosas nem nada.

— Desculpe, senhor — e afastou-se saltitante, em seu passos de pantomima.

Sobre a nudez de minha pele rolavam seus braços viçosos.

— Quem é este Arlequim? — perguntei.

— Sei apenas que passa os dias por aqui — respondeu ela.

E nesse instante já ele estava de volta. Vinha afogado numa braçada de rosas, brancas, vermelhas, amarelas, que atirou aos pés da cama, deixando, com disfarçada negligência, que uma nuvem de pétalas caísse docemente sobre nossos corpos nus.

Desta vez incorporei-me tempestuosamente sobre os travesseiros e interpelei-o com toda a indignação:

— Quer acaso divertir-se à minha custa? Não tenho tempo para vinhos nem para rosas e recusei muito claramente seus importunos oferecimentos.

Ia talvez dizer algumas coisas mais violentas, mas já ele se curvara com seu sorriso insinuante, cortando-me a palavra e a energia;

— Desculpe, senhor. Talvez tivesse feito melhor oferecendo-lhe músicas e danças.

— De forma alguma! Retire-se, que também não quero música nem dança.

Retirou-se de fato. E agora a medida do passo era resoluta e firme. Convenci-me de que afinal não voltaria mais com suas impertinentes gentilezas. Comecei a ponderar o espanto daquela visita. Havia certa doçura em sua voz e uma espécie de fulgor em seus olhos, uma poderosa sugestão, o prestígio de uma sedução qualquer na finura de sua boca e na luz de sua fronte.

De repente, como se uma brisa lunar soprasse no aposento, foi o ar docemente bulido. Um presságio de flauta. Nas trêmulas paredes acendiam-se, tênues e pálidas, labaredas cor de malva. São elas! Vêm chegando como chegam as aparições. Chegam e dançam e é a dança das ninfas sobre as águas e a um governo de cítaras e flautas ou gotejam ou fluem os meneios. Embriaga-lhes o ouvido o ritmo, e do ouvido desce aos dedos dos pés um fio de seda que rege os tornozelos. Uma compõe no ar a rosa frágil e a força faz-se débil e a moleza de um requebro logra adiante o capitel de uma coluna sob os braços de outra. Pássaros, flores, abelhas, corpos, películas de águas já feitas, já desfeitas, dançam e dançam, e a música ora sorve, ora restitui as figuras escamoteadas, com exatidão e com ludíbrio.

De súbito é a dança, o fruto: está tudo imóvel, estático, como um sorriso que se paralisa no rosto.

Aproximou-se. Com a mesma doçura e o mesmo encanto, perguntou:

— Quer ficar aqui para sempre, senhor?

Olhei-o trêmulo de emoção. Bailavam ainda as sombras na parede e ainda mexia-se o ar com a suspeita das flautas. Faziam-me a mesma pergunta. Fitei a companheira e seus olhos rasgados de volúpia faziam também a mesma pergunta. Pois o prestígio de Arlequim era um sopro de presença em tudo:

— Quer ficar aqui para sempre, senhor?

Do forno do ser, como uma brasa na boca veio-me a resposta:

— Sim.

— Então siga-me um instante.

Tomou-me nos braços com uma força subitamente espantosa. Foi rápido e violento. Tive apenas o tempo de

ver tremer um fulgor de perdição em seus olhos, quando me agarrou e atirou-me pela janela para o meio da rua. Estava expulso.

Era a hora do crepúsculo, entre as 5 e as 6. A placa de ágata, como um cravo azul na parede dolorida. Li o nome:

RUA ANGÉLICA DAS DORES

Um perfume de jasmineiros condensava o ar. Atrás de cada veneziana amarela um querubim recolhia as asas. Roxas e azuis e verdes e vermelhas, e muitas brancas branquejando sob a negra humidez de seus cabelos. Era a primeira vez que eu via as asas dos anjos. E estremeci e num sopro de pureza, alvoroço de medo e de alegria, desejei contemplar suas faces.

E houve um clarão em todas as janelas e só a face dela, na amargura de sua beleza, entre os fulvos cabelos despenteados por um vento sinistro — só a sua face como a sanguínea de Verônica — entre esmeraldas partidas fulgurou. Caí no meio da rua e não sei mais nada.

# IV

# O CONVENTO

Do fundo do sono, o bem-belelém de um sino. Era como se eu estivesse escapando de naufrágio, agarrado ao corpo das badaladas, emergindo com elas do mar. Ninguém me disse nada. Mas antes mesmo de abrir os olhos, eu já estava absolutamente certo: estou num convento. Como me chegou esta certeza, nunca saberei. Certos conhecimentos não têm idade nem data. Fazem parte de uma espécie de patrimônio natural. Talvez sejam herança imemorial. Talvez se trate de uma ciência simultânea com os acontecimentos.

Sei que estou num convento. Nunca o ouvi antes, mas não me engano: este bem-belelém matinal é do convento e de forma alguma se poderá confundir com a alma grave e pungente dos sinos da igreja. Estão acordando a comunidade. Nunca mais esquecerei este sino. Embora o único recurso para exprimi-lo seja este, um pouco bárbaro, da onomatopéia. Dem-delerém-bimbão-balarão. É espantoso como tenho a nítida sabedoria de que é a primeira vez que me encontro neste lugar sagrado, eu, tão hóspede de taver-

nas e bordéis — ainda ontem adormeci na rua das mulheres — e ao mesmo tempo parece que estou rigorosamente afeito à vida destes monges, que até os conheço um por um, e sei claramente o que e o como das coisas que ali se fazem. É que naquele lugar se cumprem as tarefas do homem, o verdadeiro serviço para o qual foi nascido. Sua sabedoria deve, portanto, residir no homem, como o instinto no animal. E só por distração os homens não a cumprem, entregando-se ao aprendizado fútil e penoso de obras que não são as suas.

Sei que são 4,25 da manhã — hora de despertar — e que o irmão Bonifácio irá de cela em celà — agora mesmo está batendo à minha porta — dizendo em sua voz gregoriana a senha matinal dos monjes:

— Tu, autem, Domine, miserere nobis.

Respondo a contra-senha:

— Deo gratias et Mariae — e ele passa adiante para saudar o meu vizinho de cela, que é um seminarista vigoroso e alegre. Sua voz de barítono reboa pelo corredor, sonora e cheia:

— Deo gratias et Mariae.

Essa troca de fórmulas misteriosas dá ao dia que começa um aspecto militar, de sentinelas trocando senhas no reduto da conspiração. Vai começar a luta. Contra Deus ou contra o Demônio. Penso na maravilha desta língua e desta frase: o primeiro nome que pronuncio é o de Deus, e já na circunstância dativa da oferenda e do sacrifício. É o Seu Nome, o Nome puro como Ele, sem a mácula acessória do verbo e da preposição, contendo em Si mesmo ação e ato e raiz e fruto — Deo.

Mas não tenho tempo para tais cogitações, pois sei muito bem que disponho apenas de 20 minutos para a toalete. Há o regulamento com sua disciplina minuciosa. Por baixo dos lençóis enfio minha calça preta e num instante

estou de joelhos. Pelo sinal da Santa Cruz. Três Ave-Marias em honra da Imaculada Conceição da Bem aventurada Virgem Maria. Agora tenho os braços abertos em cruz, e saúdo a Estrela da Manhã. Salve, Rainha, vida, doçura e esperança nossa, salve! Só a ponte de vossa esperança poderá conduzir os exilados para lá do vale do degredo. Mas depois do desterro, que será?

Me deito sobre o chão frio e com o rosto na terra, rezo ao Sangue de Jesus um Padre-Nosso. Aperto nas mãos, na boca, o crucifixo gelado e juro com fervor, tres vezes:

— Morrerei, Senhor, pelo amor de Teu amor, porque pelo amor de meu amor Te dignaste morrer.

Beijo o chão com a humildade de quem se abate até o pó, com a orgulhosa ternura de quem afaga sua própria substância.

Na bacia de ágata branca mergulho o sabonete rosa e as mãos e o rosto. O cheiro limpo da toalha e a cabeça tosquiada. De cabeça baixa atravesso a longa galeria. Vai começar a luta. Parece que só agora é que desperto, em espírito e em verdade. Estou aqui para lutar contra Deus. Enquanto não o vencer e não lhe mostrar a força de meu braço, não poderei enfrentar o Outro, o Deus cornudo, agílimo e fascinante. Sobre a batina preta, o rosário de contas vivas me açoita as coxas. A carne se eriça debaixo do cilício de ferro. Sou homem, poeta e macho. Canta dentro dos ossos um sangue de sacerdócio, um júbilo sem morte, a exultação guerreira e vitoriosa. Sou de combate e violência. Hay que apurarse.

4,45

Percebo que o dia está aqui cuidadosamente dividido. Apalpo e o encontro repartido em 35 unidades. Pendem sobre minha cabeça, como estalactites, os minutos. É pre-

ciso dar conta de cada minuto. esgotá-lo e espremê-lo, do vinho de suas uvas viver. Não há que buscar o tempo no passado ou no futuro.

Carpe diem. E eles entravam como abelhas na capela crepuscular. E eu os via através de suas roupetas negras, moços e velhos, confessores, missionários, pregadores, apóstolos, noviços, frades, clérigos e leigos, cheios de carne ardente e sexo tempestuoso, violentos, compungidos, no fermento da agonia e do mistério, felizes e trágicos como os bêbedos. O dia estava dividido em 35 partes. A medida do tempo era a balança. Só pensavam na eternidade e no entanto nunca a noção do tempo foi mais exata. Nunca o tempo foi mais economizado e repartido, tão submetido ao peso e à medida e tão apreçado e valorizado como entre eles. Tomavam o tempo a sério. E com tudo isso, o tinham na conta da mais insignificante bagatela. Só a eternidade valia.

O relógio cantou seu quarto de hora. Eram quatro e quarenta e cinco, e a voz ondulante do padre reitor começou a oração da manhã. Num som de órgão, as frases latinas do Angelus Domini engrossavam o ar. Depois vieram muitas outras orações, uma pausa e o relógio. São 5,15 e começa a meia hora de meditação. A voz jovem e matinal do corista se estende sobre os religiosos ajoelhados, lendo o texto evangélico que servirá de tema. Há um frisson de lascívia e as palavras rescendem num frêmito dionisíaco:

MARCOS XIII:

33 — Estai de sobreaviso, vigiai porque não sabeis quando será o tempo.

34 — É como se um homem em viagem num país estranho, tendo deixado a sua casa e tendo dado autoridade aos seus servos, a cada um o seu trabalho, tivesse mandado também ao porteiro que vigiasse.

35 — Vigiai, pois; porque não sabeis quando virá o dono da casa, se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã.

36 — Para que, vindo de repente, não vos ache dormindo.

37 — O que digo a Vós, digo a todos: vigiai.

Sim, dionisíaca. Esta que parece de uma secura ascética, é a passagem mais dionisíaca do Pã de Nazaré. Cantavam poetas "coronemus nos rosis antequam marcescant" "carpe diem" e da rosa e do dia nem uma pétala perdei nem de sua uva o vinho, bebei e dançai e entregai-vos ao ócio entre amigos e amigas a relva as alfombras e fresco marulho e as múrmuras águas cascatas de prata as pedras redondas de musgo verdoso e a fonte de Tibur e as sílfides nuas, sereias, nereidas, egérias na ilha encantada coroado de rosas e o favo dos dias e as lendas e os beijos e a rua de ontem, angélica rua seus braços cheirosos, que fazem os monjes sepultos aqui? Ó Circes, Ulisses, ó burro Odisseu! — Por que é que hoje não acordei novamente na casa das putas? — Mas — que estou fazendo? É a hora da meditação. "Vigiai, pois." Desta hora, como das outras, como das menores palavras e dos últimos pensamentos, darei contas. Quando o monstro da eternidade abrir a boca, ai dos que comparecerem de mãos vazias, ai dos que não lhe poderão levar as mancheias de tempo! "Vigiai, pois." Eu não sei de meu tempo. Andei por uma estranha cidade e não aprendi seu nome. E por inexplicável navio e não

aprendi seu rumo. Por misteriosa mulher e não aprendi sua posse. "Vigiai, pois". Amanheci inexplicavelmente neste convento. Adormeci na sarjeta, ave, cheia de graça, tu autem domine, miserere nobis. Tende piedade de mim, vós que brincais comigo e arrancais da terra as minhas raízes e as deixais expostas a todos os ventos. Resido em vossa fantasia. É a irresidência e a irresidência é o movimento contínuo para a paz contínua.

Agora os vejo. Ensinai-me a meditar como os outros. Com o doce punhal de vosso amor apunhalais suas medulas e seus corações. Eu não me amo e tenho pena de mim e de tudo. Bem que eu podia não ter nascido. Bem que a febre me podia devorar e o cancro me comer e a tísica povoar o meu pulmão e a morféia pastar no meu rosto. Que pensarei de vós, senão que não me amais? Que brincais comigo e eu sou como os cachorros das crianças.

E se isto não for um convento, mas um grande teatro? De qualquer forma tenho o meu papel a representar. Estão profundamente recolhidos e cobrem o rosto com as mãos esverdeadas. A pele é transparente, de uma in uberância densa como o sono. São como vasos ébrios e o cheiro mosto se avoluma. Só minha cabeça leviana passeia no ar. Não estou para meditações nem para frades. Nem para deuses. Com que direito me arrancam de meu lar, de meu país, e me arremessam sem mais aquela no seio de Abraão dum mosteiro qualquer? E apesar de tudo, eu tinha a minha residência. Não são estes genuflexórios, nem esta capela, nem estas imagens. Nem estes padres absortos. Eu os acuso pelo seu silêncio. As imagens e as paredes. São todos, diante de minha perplexidade, pequenos e mudos. E o que eu precisaria era de uma substância onde o coração pudesse viver, alguma coisa, alguém em cujas veias o meu sangue corresse mais do que nas minhas próprias veias. Um Deus. O que está aí é muito ocupado. Sua mão sobre mil

rostos, mas nenhum recebe a carícia pessoal, particular, aquela que daria a morte e a vida para sempre. E como poderá Ele sentir na grande mão a resposta de cada rosto, o frisson de cada cútis ao roçar de seus dedos? Um Deus que é Rei, mas não é Pai e não conhece cada um de seus filhos. Há os que se entregam a Ele. Um cego que guia outro cego. Nos genuflexórios...

Na parede branca o relógio canta de novo seu quarto de hora. A voz do corista em recto tono anunciava a segunda parte da meditação, propondo o texto do amor:

Lucas XV:

11 — Um homem tinha dois filhos.
12 — Disse o mais moço a seu pai: meu pai, dá-me a parte dos bens que me toca. Ele repartiu os seus haveres entre ambos.
13 — Poucos dias depois, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para um país longínquo, e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente.
14 — Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidades.
15 — Foi encostar-se a um dos cidadãos daquele país, e este o mandou para os seus campos guardar porcos.
16 — Ali desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lh as dava.
17 — Caindo, porém, em si, disse: quantos jornaleiros de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui estou morrendo de fome!
18 — Levantar-me-ei, irei a meu pai e dir-lhe-ei: pai, pequei contra o céu e diante de ti:

19 — já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.

20 — Levantando-se, foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai viu-o e teve compaixão dele, e, correndo, o abraçou e beijou.

21 — Disse-lhe o filho: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

22 — O pai, porém, disse aos seus servos: trazei-me depressa a melhor roupa e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés;

23 — trazei também o novilho cevado, matai-o, comamos e regozijemo-nos,

24 — porque este meu filho era morto e reviveu, estava perdido e se achou. E começaram a regozijar-se.

25 — Seu filho mais velho estava no campo; quando voltou e foi chegando a casa, ouviu a música e a dança:

26 — e chamando um dos criados, perguntou-lhe que era aquilo.

27 — Este lhe respondeu: chegou teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.

28 — Ele se indignou e não queria entrar; e saindo seu pai, procurava conciliá-lo.

29 — Mas ele respondeu a seu pai: há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para eu me regosijar com meus amigos;

30 — mas quando veio este teu filho que gastou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.

31 — Replicou-lhe o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu;

32 — entretanto cumpria regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão era morto e reviveu, estava perdido e se achou.

Houve. Não há dúvida que houve um lar e uma herança e uma partida para país longínquo. Mas de tudo isso, eu nada posso explicar. Os fatos permanecem como pontos soltos sem colocação no tempo e no espaço. Sim. Uma alavanca e um ponto de apoio, uma data, uma rua, um gesto e seria possível levantar este mundo de mistério. A verdade é que estou só, insoluvelmente só. Pobres de vós, que vos trancais num quarto, meteis a chave no bolso, pegais o lápis e escreveis: "estou só!" Nem os eremitas da Tebaida nem ninguém. Com o coração populoso de ressonâncias, comerciando com homens e com deuses, eles se diziam solitários. Só — estava Adão. Ele nunca estabelecera contacto com o mundo e nada sabia em volta de si. E nada conhecia fora de si. Depois do primeiro contacto, o pecado, o compromisso — contraem-se vias de comunicação inelutáveis e as coisas acontecem como num correio, em que as cartas chegam, mesmo contra a vontade do destinatário.

É preciso olhar para os lados e cerrar as pálpebras sobre os olhos vazios. E poder murmurar: "sou inocente. Nunca foi alguém assim. Sou o primeiro solitário do mundo." Depois, achar, no fundo do coração, que não é bom estar só. E adormecer e acordar com um Deus à cabeceira, e à sua primeira palavra responder com ira: Não! E fechar o punho contra Ele, o confiscador da solidão. E, perdida a liberdade, escolher ao menos a própria servidão. Dizer à árvore: Maldita! mas deliciar-se em seu fruto.

Estou profundamente só, na inocência da origem.

De mim mesmo não saio, me apego aos meus limites e desvairadamente me amo. O princípio da solidão é o amor. E é isto o que me cabe, a minha herança. Ficar só. Por esta solidão me identificareis como filho de meu pai. É a marca de minha espécie, como o silêncio unindo duas notas musicais. Do outro lado ficou alguma coisa que talvez contenha mais de mim do que eu mesmo. A solidão é o eco dos rumores. A pele arrepiada onde um beijo foi. A solidão é a saudade. Estou profundamente só. Estou profundamente só, estou morrendo de fome e tenho de voltar. Levantar-me-ei e irei. Estou cheio de amor. A solidão é a chegada do amor. Mas ai de mim, que nem sei o caminho da volta! Antigamente forneciam anjos aos rapazes que saíam de casa para as longas viagens. Desamparado e sem guia, também eu chamo por vós. Não sei se sois todos terríveis e ofuscantes. Sei de um poeta que chorava os tempos de Tobias, quando um de vós, radiosíssimo, parava à humilde porta da casa, para a viagem ligeiramente disfarçado e já não mais temível, jovem para o jovem que de dentro curioso o espiava. Longínquos tempos! Quanto a mim, nem mesmo aquele a quem fui confiado consigo encontrar. Talvez tenha escapulido de sua tarefa, pois às vezes o suspeito na passagem de uma brisa e saio ao seu encalço. É uma inversão de papéis e não deixa de ser trágico. Mas também não sou o único, pois conheci um poeta alto e magro, que me contou a seguinte história:

Tossindo pela noite a dentro,
em todas as horas
como um tísico
escondendo-se nas esquinas — meu Anjo,
meu antigo Anjo da Guarda
vem me pedir conselhos,

vem me preocupar,
cansar meus ouvidos de sua tosse,
meu olhar em seu difícil contorno;
o tempo não pode com esse anjo
enquanto houver sombras.
o tempo nada poderá.
Suas órbitas cerradas,
as asas onde minhas mãos seguram um náufrago:
Deus faria desse barro muitos homens.
Pessoas piedosas temem sua tosse,
suas faces transparentes
fazem alusões a remédios,
enchem-me de pena.
As crianças tomam esse anjo por um bêbado,
apedrejam suas asas sem vôo, sem vida.
Meu anjo desertou das fileiras da guarda,
encontra-se de preferência
pelas tabernas e nos mercados,
vendendo, por qualquer preço, sua seráfica túnica.
Dorme no chão, na chuva, no pó,
tossindo pela noite
em todas as horas,
vou muitas vezes vigiá-lo,
levar-lhe chá, meu casaco
e tanta paciência.
Algum dia se me virem
na escadaria de pedras
do jardim de cogumelos,
meu olhar velado, o rosto sombrio,
meu anjo da guarda está chorando,
está tossindo como eu
noutros tempos de solidão.
Não sabe mais da harpa que aprendeu,

antes de vir à terra,
antes de me conhecer.

E à minha fé, que já tenho visto o poeta à noite, por botequins e distritos, obrigando-se ao comércio de mulheres e polícias, para encontrar e recambiar seu anjo vadio e transviado.

5,45

Da vasta algibeira da cimarra tirei o lenço. Não sei há quanto tempo estava chorando e desejando. As mãos saídas da cogula tremiam agora nas folhas finas do Breviário. São 5,45 e vai começar o ofício das matinas. Traçando com o polegar uma cruz sobre os lábios, vi e murmurei:

— Abre, Senhor, a minha boca para bendizer Teu santo nome: limpa também meu coração de todos os pensamentos vãos, perversos e estrangeiros: ilumina meu entendimento, inflama meus afetos, para que eu possa recitar este ofício com empenho e devoção, e mereça ser ouvido na presença de tua divina majestade. Por Cristo Senhor nosso. — Senhor, em união da mesma intenção divina pela qual louvaste a Deus na terra, eu te consagro esta hora.

Depois começaram a deslizar as evocações da grande lingua *coronemus nos rosis,*

— attendite, populo meus, legem meam: — inclinantes aurem vestram in verba oris mei —

canta o salmo a salmodia, os levitas salmejam e

...suscitavit testimonium...

...et legem posuit...

e uma lei foi posta, foi imposta uma lei e o juiz e o acusador e o réu — quem cumpriu a lei? — a lei foi imposta — onde está a lei? —

Minha lei é fugir de meu lar e buscá-lo para sempre. Não residir e estar só. Nalguma parte se abrirão dois braços para dizer Bem vindo sejas! Em minha testa estalará um beijo de sangue, que não será de nenhuma delas. Virá das salas caiadas um canto de talheres, pratos e pratas e o vinho grosso e familiar borbulhando nas bocas de cristal e o cheiro de viandas assadas da cozinha fumegante. "Trazei-lhe a melhor roupa e vesti-lha e ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés", e meu filho se achou, não importa o meu dinheiro que esbanjou com as meretrizes e as tabernas, por perder tudo me achou, ele sabia a ciência dos baralhos e das roletas, este é o meu filho bem amado...

Onde estará meu Pai? Aquele de cuja Carne a Ressurreição Sou Eu? Na raiz de minha Carne Sou Homem e ali hei de ser quem sou na vida.

Ora, o filho pródigo nem era filho nem pródigo. Um herói de parábola. E se tudo não passar de uma parábola? A simples contingência desta pergunta, implica uma hipótese. Tudo é parábola.

...Et tentaverunt Deum...

Estão subindo os salmos, sou máquina de rezar, psalterium jocundum cum cythara e tentarei a Deus, da boca do leão, livra-me, Senhor, da pedra do deserto ao monte da filha de Sião segundo os desejos de seu coração eu lhes perdoei. Eu te ouvi no centro da tempestade e te provei junto à água da contradição. Por tua fé te salvaste, era feita de medo e de mentira. Pelo teu ódio e pelo teu amor, como o fogo que inflama a floresta, como a chama que incendeia os montes, o teu amor te salvará.

6,30:

É a campainha alegre. O sacerdote de ampla casula roxa aos pés do altar. Vejo as duas velas amarelas, as flores nos jarros de vidro azul, a lâmpada vermelha e o Crucifixo dourado onde o Cristo amarelo se inteiriça numa agonia fria de metal. Vejo o cálice e o Missal de marroquim e as sacras, vejo o padre prostrado e vejo a sua voz de maquinal plangência, a morte quotidiana recitada na grande língua:

Confiteor,
Eu, pecador, me confesso a Deus,
o Deus que alegra a minha juventude,
julga-me, Deus,e separa a minha causa,
estou profundamente só,
por que me repeliste e por que ando assim triste?
Lançai a vossa luz e a vossa verdade, que me conduzirão
e me levarão ao vosso monte santo e aos vossos
tabernáculos;
e eu vos cantarei em cítaras e flautas, em
berimbaus e sanfonas e em todos os instrumentos
de corda e sopro vos confessarei;
como era no princípio, agora e sempre e por todos os
séculos,
eu pecador, me confesso a Deus,
Kyrie eleison, Criste eleison,
Gloria in excelsis Deo, laudamus Te, Benedicimus
Te, adoramus Te, glorificamus Te, agradecemos-Te
por seres glorioso como És,
ó Cordeiro de Deus que tiras os pecados do mundo,
miserere nobis, que tiras os pecados do mundo,
acolhe a nossa deprecação,
Cordeiro de Deus, em quem havia mais de João Batista
do que no próprio João Batista.

Tu solus Dominus, Tu solus Sanctus, Tu solus Altíssimus;

Limpa o meu coração e a minha boca, ó Todopoderoso; que limpaste os lábios de Isaías com carvão aceso, assim me purifica.

Permanece. Em minha boca e em meu coração permanece, para que eu possa pronunciar sem morrer palavras de teu Evangelho.

"Eis que os filhos do mundo são mais hábeis que os filhos da luz". Granjeai-vos amigos com as riquezas vãs, para que, quando vierdes a desfalecer, vos recebam nos tabernáculos eternos."

Nada entendo, Senhor,
Laus Tibi, Christe,
louvor Te seja dado pela minha burrice;
ainda tenho a Fé, tendo o Amor e creio em Deus Padre Todopoderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor — Jesus Cristo — filho unigênito de Deus. Que nasceu do Pai antes que os séculos nascessem. Deus de Deus, Luz de Luz, Deus vero de Deus vero. Gerado e não criado, da mesma substância do Pai, por intermédio do Qual todas as coisas foram feitas. Que, por causa de nós, homens, e por causa de nossa salvação, desceu dos céus.

Cairei de joelhos pela glória visitada, da substância que é a mesma do Pai e a minha mesma. Porque Ele se encarnou pelo Espírito Santo da Donzela Maria: e se fez Homem. Foi também crucificado por cada um de nós: sob Pôncio Pilatos padeceu e foi sepultado. E ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e subiu aos céus e está sentado à direita do Pai. E novamente há de vir, com glória, julgar

os vivos e os mortos: e seu reino não terá fim. E creio no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho é justamente adorado e glorificado; que falou pelos Profetas. E creio na Igreja que é a única e é santa e é católica e é apostólica. Adoto um só batismo, para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro.

Que Vos hei de oferecer, que tenho eu que de Vós não o tenha? E de Vós, que tenho, melhor do que Vós mesmo, a vida de Vosso Filho, carne de Vossa carne, de Vosso sangue, sangue, espírito de vosso espírito? Eu me lembro do rito de meus pais, do mistério do vinho e da água e

> minhas mãos lavarei entre os inocentes; e dançarei, Senhor, em redor de Teu altar:
> para ouvir aqueles que Te louvam e proclamar as Tuas maravilhas.
> Amei, Senhor, a beleza de Tua casa, o palácio de Tua corte;
> Não deixes que minha alma se perca com os ímpios nem com os homens que têm pecado no sangue,
> Em cujas mãos há iniqüidade e cuja mão direita está cheia de subornos;

subornados estão e com falsa moeda. E a moeda de nada me serviu e o garçom a trouxe na pequena bandeja e eu me vi num espelho e saí pela rua, debaixo de meu chapéu.

A campainha — Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth,

a Vós, portanto, Pai Clementíssimo,

o filho pródigo volta, lembrai-Vos de abraçá-lo à sua chegada, lembrai-Vos de alegrá-lo com a presença de seus amigos e amigas, ele vem faminto de amor e quer se comunicar com todos como Vós comunicais aos vossos amigos a chegada do pródigo.

Sois Aquele que Se comunica com os amigos e que nunca os esquece, Aquele que

na véspera de Sua paixão, tomou o pão em Suas santas e veneráveis mãos e com os olhos levantados para o céu, para Vós, Deus, Seu Pai onipotente, dando-Vos graças, benzeu-o, partiu-o e deu-o aos Seus discípulos, dizendo

uma carícia extrema quando as borboletas estremecem no sexo e a glória dos hormônios se harmoniza e o pão do amor no vinho do amor...

Quem sou eu para fazer o que fizestes e não morrer?

De mim, Vos ofereço o que destes,

a hóstia pura, a hóstia santa imaculada, o pão santo da vida eterna e o cálice de salvação perpétua. Mandai

levar estas ofertas pela mão de um anjo Vosso

e lembrai-Vos de todos os que foram chamados a comer desta carne e beber deste sangue, dos que partiram para a morte e não podem morrer e o Vosso júbilo fará estremecer seus ossos. E lembrai-Vos de nós, ó

Padre nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje e perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, amém

Ah! se florecesses em mim como uma árvore!

Cordeiro de Deus,

Cordeiro de Deus,

Cordeiro de Deus,

tem piedade de mim

e meu coração encontrará a paz

e Te amarei.

Eu Vos invoco, eu cheio de inquietação e de dúvida, apenas porque dissestes:

Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Sem ela eu não serei livre. E sem a liberdade, Tu mesmo és um alguazil e meu gesto será de covardia e pavor de que Tua presença não venha a ser processo e condenação. Porque só por amor. Só por amor.

Senhor, eu não sou digno. Não sou digno de que entreis em minha casa: mas dizei uma única palavra e minha alma será salva.

Não. Não sou digno. Te deveria sentir em minha lingua como um beijo de mulher. Estás em minha boca como uma palavra que quero pronunciar e não posso. Me esforço por Te amar, e é vergonhoso. É vergonhoso que eu não morra de amor. Não sou digno e o terror de não Te receber é agora o terror de Te haver recebido. E serás Tu mesmo? Se fosses Tu, não deveria eu agora estar fulminado? Ou serás apenas esta sofreguidão insatisfeita, este medo de não Te amar bastante, este pressentimento, este desejo de arder e a tortura de Te buscar e nunca Te encontrar? Por que não Te posso eu pedir, com o coração na voz, que me beijes com o beijo de tua boca, porque Teu amor é melhor do que o vinho?

Boaventura. Perguntar-te como o seráfico Boaventura: "se estas coisas são tão doces para quem as pensa, que não serão para quem as saboreia?"

"Faz-me saborear pelo amor, intimamente, o que externamente experimento pelo conhecimento, faz-me sentir pelo afeto o que provo pela inteligência.

Ó dulcíssimo Jesus! traspassa com o delicioso punhal de Teu amor a medula de minha alma, até que ela realmente se inflame, enlanguesça e se liquefaça e com saudade de Ti se desmanche, deseje dissolver-se e ser contigo. Que só de Ti tenha fome, ó pão da vida celeste, que desceste do

céu. Só de Ti tenha sede, fonte de luz eterna, torrente de verdadeira volúpia."

"...e os Seus não O receberam"...

"...Deo gratias"...

7,00:

Ação de graças até 7,15. Me lembro ainda hoje que fiquei ajoelhado e não rezei e desejei profundamente rezar.

7,15:

Esquisito. Nunca tinha reparado numa cama. Erguida sobre os pés de ferro, deve ter ficado a noite inteira, como uma bandeja, oferecendo às noites antropófagas o meu corpo. Toda a ciência milenária da comodidade, que até os monjes cultivam, inconscientemente, neste aparato de colchões e travesseiros e lençóis e cobertores.

Arrumar a cama depressa. Café com leite, pão com manteiga, fatia de carne e banana. Eu nunca teria a idéia de colher aquele grãozinho, descascar, torrar, moer e fazer esta infusão. Quem tirou o primeiro leite da vaca e bebeu e misturou no café e fez esta manteiga. Seguramente foi alguém que nunca se atormentou consigo mesmo. Alguém que tinha tempo.

Sabor estranho, de coisa muito velha, esta xícara podia ser um vaso de flores. A forma é de um jarro e nunca peguei numa xícara assim. Ou talvez. Porque, a rigor, não me lembro como eram as xícaras antes. Vamos para o pátio. Passear silenciosamente entre as flores. Entre os salgueiros e o cheiro da resina e o cemitério do convento. Muito se fala e muita lenda e muita literatura sei sobre a melancólica poesia do Campo Santo. Em minha terra tam-

bém havia um cemitério, parece que cada cidade tem um. Me lembro mesmo de alguns túmulos, muitos até feitos em vida pelo candidato. De todos que consigo reconstituir agora, me fica a impressão que os defuntos e seus parentes são pessoas de notável mau gosto e avarentas de originalidade. Nunca conseguem construir para aquela demorada habitação um monumento realmente piedoso e compungido. São sempre inverossímeis casamatas de pedra e cal, ou montanhas inacessíveis de granito e mármore, onde se erguem anjos de museu, falsos Cristos e honestas Madalenas, preocupadas em esconder o seio de pedra em cascatas de cabelos.

Dificilmente ficamos sabendo se se trata do sepulcro de um homem ou de uma mulher; de um velho ou de um adolescente, de um asceta ou de um rufião. A única coisa que se pode distinguir de pronto é se o inquilino teve ou não muito dinheiro — o que, aliás, já é saber muito, pois, em via de regra, vou metendo os donos de mausoléus no inferno e os moradores de cova rasa no céu.

Verdade que há ainda as inscrições para facilitar a identificação. Mas estas são também de uma incapacidade às vezes impraticável.

Não há dúvida que certas senhoras chegam a colecionar quadrinhas dessa literatura sentimental e há mesmo senhores que consagram a vida à especialidade dos epitáfios. Outros, mais competentes, embora nunca tenham pensado na própria morte, fazem eles mesmos o seu epitáfio e o deixam em cuidadosa caligrafia entre os papéis do testamento que os parentes piedosos executam as pressas. Trata-se de uma literatura raramente fúnebre, mas sempre funesta e laudatória, em que os interessados se esquecem da condição de mortos e apregoam a excelência de suas vidas. Como no caso do virtuoso fidalgo que para si compôs esta jóia de apresentação

*"Aqui jaz o corpo apenas*
*do Marquês de Maricá*
*— quem quiser saber-lhe d'alma*
*nos seus livros a achará."*

O pior é que isto deve ser verdade. Conheci pessoalmente alguns desses homens inteligentes e aureolados que raciocinam livros. A impressão é que realmente esses senhores não têm alma, ou apenas possuem uma alminha de traça ou de cupim, pastando páginas neutras. Claro que há os devoradores de palavras e até os anjos lhes trazem sangrentos livros para a nutrição. Mas estes não andam por aí, compondo epitáfios próprios ou alheios. Têm mais o que fazer. Talvez alguns deles estejam plantados nos palmos de terra destas covas cobertas de relva, à sombra das cruzes de madeira. Em cada uma delas há um nome e uma data. E uma indicação para todas no alto do portão:

"exultabunt ossa humiliata."

A tristeza está apodrecendo nos ossos e um júbilo de ressurreição se prepara nas tíbias e nos tarsos, metatarsos e perônios e uma semente de danças aguarda o seu dia na paz da sepultura.

Não sei se logo em seguida ou se já à tarde encontrei uma folha de papel. Devia ser o horário seguido naquela casa de oração e mistério. Guardei-o e tenho de transcrevê-lo agora. Pois, apesar de ter vivido sob seu jugo, suas divisões perderam para mim — creio mesmo que nunca tiveram — os contornos e os limites do tempo. Como as crianças que descem as escadas pelo corrimão e não se inteiram dos degraus. Mas nem por isso posso dizer que o tempo é indivisível. De vez em quando, um momento qual-

quer de um dia longínquo ergue-se e brilha na planície nebulosa e uma luz repentina recorta o seu perfil de há tanto tempo esquecido. É um tempo vivo. Outros episódios, se é que os houve, desaparecem às vêzes para sempre. Não serviram para alimentar o tempo, que desta forma pereceu. É inútil procurá-lo. Ele não se perdeu — ele não existe, simplesmente. Talvez nunca tenha existido. As lembranças são feitas de acontecimentos, sem elas não há lembranças e sem lembranças não há tempo passado. Mas ai de nós! Quando ao contrário existem as lembranças, o tempo se multiplica sobre calendários fantásticos e férteis e trazemos séculos nas mãos.

Sei de um jovem francês assim sobrecarregado de lembranças, que um dia exclamou:

"J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans." Realmente, ele devia ter mais de mil anos e sua idade o matou. De forma que o tempo dos cronômetros e dos calendários não corresponde ao da memória, ao verdadeiro. A própria sucessão dos acontecimentos tem nos relógios uma ordem e no coração tem outra.

Tenho agora diante de mim a velha folha de papel que desdobro tremendo. É o horário do convento que eu hei de ter obedecido durante tempos que não sei. Muitas daquelas minuciosas divisões de horas e minutos não subsistem e para mim aquele dia, pesado e mensurado, é feito de lacunas. De um acontecimento a outro, há poços de sono.

Copio, porém, o curioso horário ou regulamento:

4,25 — despertar e toalete;
4,45 — Angelus, oração e 30 minutos de meditação;
5,45 — Breviário;
6,30 — Missa;
7,00 — Ação de graças;
7,15 — arrumar cama, café e recreio;

8,00 — Primeira Conferência;
8,45 — recolhimento e notas sobre a conferência;
9,00 — primeiro terço;
9,30 — leitura espiritual;
10,00 — segunda conferência;
10,45 — recolhimento e notas sobre a conferência;
11,00 — Breviário;
11,30 — 10 minutos livres;
11,40 — oração da tarde com exame de consciência;
12,15 — almoço;
12,50 — ação de graças com Te Deum;
13,00 — recreio;
13,45 — visita ao Santíssimo;
14,00 — leitura espiritual;
14,30 — meditação de joelhos no quarto;
15,00 — 2º terço e tempo livre;
15,30 — Via-Sacra;
16,00 — Breviário;
16,50 — jardinagem e merenda;
17,30 — 3º terço e visita ao Santíssimo;
18,00 — Angelus e Capítulo das culpas;
19,00 — leitura espiritual na Capela;
19,15 — Bênção do Santíssimo;
19,45 — jantar;
20,15 — recreio no corredor com o Padre Mestre;
21,00 — oração da noite, com exame de consciência;
22,00 — Bênção do Padre Reitor;
22,10 — Disciplina, seguida do grande silêncio e recolhimento noturno.

Nunca saberei dizer até que ponto fui fiel às prescrições deste regulamento e quase todos os exercícios aí discriminados permanecem para mim envoltos numa onda de badaladas, detrás de um muro sonoro de sinos e sinetas. Até o

momento em que me encontrei no cemitério, ao fundo do jardim, tudo foi nítido e sucessivo. A partir daí, o próprio cemitério, com suas cruzes, os nomes de seus habitantes, datas, salgueiros rescendendo, sombras pesadas, tudo principia a ficar envolto em brumas e trevas. Foi assim naquele dia. Ainda hoje é assim. Talvez eu tenha desmaiado e perdido a noção das coisas. Mas não. Não, porque recordo perfeitamente a figura do Mestre de Noviços, com seu barrete poliédrico e o nariz longo e pálido, falando à cabeceira da mesa:

— Vistes o cemitério onde alguns de nossos irmãos repousam. Eles estão vivos, nós não. Ainda não.

Estas suas palavras emergiram do silêncio como traços de giz num quadro-negro. A impressão que se apoderou de mim foi a de estar ouvindo pela primeira vez a voz humana. De resto, talvez não tenha sido tanto a visão do cemitério como o som destas palavras, que me arrancou de repente do seio do dia. Pode ser que as duas coisas tenham sido simultâneas, não sabeis como.

Era uma conferência. Fiz menção de falar, creio mesmo que cheguei a me levantar para proferir palavras tempestuosas, mas o Padre Mestre impôs silêncio com a mão. Provavelmente sentei-me, confuso e desarmado.

Também não ouvi mais nada do que ele continuou dizendo, e me parecia vão e ridículo que ele continuasse falando, que ele julgasse poder dizer alguma coisa ainda, depois daquilo:

— Eles estão vivos, nós não.

Finalmente parece que ele terminou sua alocução, porque eu o vi tirar cavalheirescamente o barrete e acenar com sua vigorosa cabeça para o meu lado, dizendo:

— Agora pode falar, Frater Gonçalo!

Convite ou ordem, sua palavra foi tão inesperada, que perdi a voz. Finalmente consegui ajeitar-me na cadeira,

esmagado de emoção e certo de que aquela era a hora, a minha hora de perguntar e de aprender.

Comecei a gritar:

— Meus amados irmãos! Meu venerável Padre! Vós todos sois homens santos, que conheceis os caminhos da alma e o trato dos mistérios. Eu não sei de nada! Dizei-me quem sou eu, que caí nas mãos do Incompreensível, do Inexplicável e não sei de onde venho e não sei onde estou e não sei para onde partirei!

O Padre Mestre, com um gesto de infinita serenidade, contrastando com minha atitude tempestuosa, impôs silêncio. Fiquei tanto mais admirado, pois meu estranho caso era para deixar atônita toda aquela piedosa assembléia. Mas em vez disso, ouvi apenas sua voz macia e séria:

— O altitude! ó profundeza dos designios de Deus! Quem de nós poderá dizer onde está, donde veio e para onde se dirige?

— Mas Padre, eu absolutamente não estou falando em sentido figurado. — E ajuntei com escárnio: — Não sou desses que passam a vida jogando com símbolos e figuras, discutindo com anjos e demônios e falando parábolas. Sou realmente — realmente, sabeis? — um homem a quem aconteceu uma aventura singular. Uma aventura apocalíptica, — já que com certeza preferis os adjetivos sobrenaturais. Eu estava em minha casa, ao lado de minha mulher, e na manhã seguinte acordei num hotel estrangeiro, depois num navio, depois num prostíbulo e... não vedes que apenas a partir da manhã de hoje me encontrastes entre os vossos? Não, venerável Padre, não sou sujeito de símbolos e figurações.

Sua voz continuou, imperturbável, como se eu não o tivesse interrompido:

— Onde estou eu? Donde venho? Para onde vou? São perguntas que todos os homens se podem fazer, desde

o princípio dos tempos. Eu não vos conto uma parábola, quando digo que não sei nada do que me diz respeito. Os que não se deram conta desta condição humana, ainda sabem menos. Não sabem que não sabem. Alguns se tornam sensíveis à realidade, mas não têm a humildade de render-se. E se espantam e se julgam vítima e centro de terremotos particulares. As "aventuras singulares" ou "apocalípticas" de que falais, oh! elas são muito mais freqüentes do que podeis supor. O Apocalipse acontece diariamente. A cada um de nós, a todas as horas. Nada menos extraordinário que estar ontem num navio, depois num prostíbulo e em seguida num convento. Quem de nós poderá dizer onde esteve, não ontem, mas há 30 minutos?

E voltando-se para um noviço de olhos castanhos e mãos morenas:

— Quantos de nós que estamos aqui, não estivemos há cinco minutos no prostíbulo? E quem poderá dizer como chegamos ali e como saímos?

Interrompi com rancor:

— Insisto em que o meu não é um problema de videntes ou visionários. Sou homem de carne e osso, com um problema de verdade.

— E eu vos pergunto — tornou o padre — quando estáveis naquela que chamastes de *vossa* casa, ao lado da que chamastes de *vossa* mulher — sabíeis acaso donde havíeis vindo? Se aquela fosse a *vossa* casa, seria possível perdê-la assim como a perdestes? Apenas hoje chegastes a êste convento? Sabeis mais do que eu: em verdade vos digo que não sei há quanto tempo estou nesta casa e tampouco sei por quantos lugares hei andado. Esperáveis que eu ficasse estupefato com a narrativa de vossa história. Ainda há pouco, ao falar do cemitério, disse, a respeito dos que ali repousam que "eles estão vivos, nós não. Ainda não." Com isso, o que digo é que aqueles sabem alguma

coisa. E possuem e conhecem as suas residências. Talvez só agora tenham noção da vida.

Suas últimas palavras foram estas e eu as ouvi saltando das trombetas em forma de punhais, rasgando o horizonte e fitei apavorado os olhos agonizantes do padre. E suas pupilas azuis repetiam a palavra dos poetas antigos:

Τίς δ' οἶδεν εἰ τὸ ζῆν
μέν ἐστι κατ θανεῖν,
τὸ κατ θανεῖν δὲ ζῆν.*

Foi como se de repente eu tivesse morrido e segundos após ressuscitado. E assim, em alguns segundos morri e ressuscitei umas três vezes.

De súbito me levantei, abandonei a reunião, que me pareceu então bizantina e pueril e comecei a caminhar. Tinha o corpo pesado e os ombros curvos. Envelheci duzentos anos e meus cabelos estão grisalhos. Olhei para todos aqueles homens — noviços e Mestre — e me pareceram fracos e estéreis. Avancei até à porta, que puxei violentamente para sair. E parece que não estranharam minha atitude brutal, pois pude ainda ouvir que todos me saudaram gravemente:

— Pax tecum!

Não. Não fugi do convento, como fora talvez meu impulso imediato. Tranquei-me na cela. Várias vezes a sineta encheu o ar com sua chamada para diversos exercícios do horário. A um deles atendi, e não sei porque precisamente a este.

(*) Talvez viver seja morrer e morrer seja viver.

O certo é que às 11,40 constatei minha presença na Capela para o que ali se chamava de "Oração da Tarde".

> Vinde, Santo Espírito, enchei os corações de vossos fiéis e neles acendei o fogo de vosso amor. Enviai o vosso sopro e as coisas serão criadas — e renovareis a face da terra. — Ó Deus, que informastes os corações de vossos fiéis com a ilustração do Espírito Santo, fazei com que à luz do mesmo Espírito saibamos nossos caminhos e desfrutemos sempre da sua consolação. Por Cristo Senhor Nosso, Amém

De repente produziu-se um silêncio. E no silêncio, a voz impessoal do corista anunciou novo silêncio:

— Examinemos nossas consciências.

Um rumor de sarcófagos se abrindo. A consciência. Pegá-la na palma da mão, com requintes de médico e pinças e bisturis, reativos e microscópios, tê-la nossa, em nossas mãos e examiná-la. Mas para o exame de consciência só uma coisa me falta. Não é a vontade. Nem a competência de examinar. Pelo contrário. Sinto mesmo um grande desejo e uma confiança bem fundada nos métodos que adotaria para o exame.

Sei da história de um modesto amanuense florentino que durante anos se requintou, num recanto do Palazzo della Signoria, para aprender o papel de príncipe e a arte de governar um reino. Garanto que se tornou mestre na matéria e até hoje nem reis nem ministros o igualaram na arte, apesar de se porfiarem todos na assiduidade ao seu manual famoso. Só uma coisa faltou ao sagaz amanuense de Florença para fazer um bom governo: ser príncipe e ter um reino. É o que me falta para um bom exame de minha consciência: a consciência. Não a consigo encontrar. E

mesmo que a encontrasse, estou certo de que me restaria ainda uma terrível dúvida sobre sua posse. Seria de fato minha, plenamente minha, uma voz contra a qual eu me ergueria e que se ergueria contra mim? Como posso então proceder ao exame de uma coisa cuja existência não encontro? Como iria combater inimigos imaginários? E não é tanto a inexistência do objeto que me importa. É que não o posso conceber. Pois até já li sobre um cavaleiro espanhol que se empenhou em mortal duelo contra gigantes infiéis que seu escudeiro dizia não existirem e serem apenas moinhos de vento. Não posso garantir qual dos dois tinha razão, mesmo porque em disputas de espanhóis é difícil fazer-se um juízo certo. Pois, via de regra, ou os dois têm razão, ou nenhum. Além disso, a história é um tanto controversa ao transmitir fatos capitais como este, do qual podia depender não só a vida de dois homens, como a de todas as Espanhas, e então talvez até a da Europa e do mundo. Mas apesar das omissões da história, posso assegurar que um fato é um fato e se o cavaleiro lutou, então houve uma luta e houve inimigo. De resto, os que quiserem ficar com a palavra dos escudeiros e dos peões — gente em geral mentirosa e covarde como um garçom de prostíbulo — pode ficar. Quanto a mim, dou mais fé à palavra de um único cavaleiro armado, que a de todos os escudeiros do mundo.

Mas meu caso é bem outro. Aquele cavaleiro via os seus inimigos. Até o caso do escriba florentino se justifica, e agora mesmo descubro nele a mesma linhagem do fidalgo espanhol. Afinal, tantas coisas que nos têm parecido moinhos de vento, bem podem ser repúblicas e reinos florescentes nas mãos de um político toscano.

Mas o meu caso é bem outro. Eu não a vejo, a minha consciência, não a constato sequer, como não constato nem mesmo a sua ausência.

Nem sei de litanias transcorrendo, Domus aurea. Foederis Arca, Janua Caeli, Regina Confessorum, nem de ora pro nobis e sinetas, vejo-me à mesa do almoço e me lembro que outrora alguns senhores de arco e flecha quando saíam para aventuras no país de São Paulo, costumavam deixar a consciência na ilha de Matapá. Alguns às vezes até voltavam para apanhá-la depois de anos, segundo conta o cronista que escreveu a fiel história dum desses heróis sem nenhum caráter. Mas quanto a mim, nunca estive na ilha de Matapá, e nos lugares por onde andei não me lembro de ter perdido qualquer objeto.

De súbito, ao cortar uma almôndega de carne, vem-me a impressão de que alguns senhores, sobretudo certos lords ingleses de educação puritana, nalgum remoto breakfast em Oxford, comeram a própria consciência com bacon e ovos mexidos. Não posso dizer que tenha comido também a minha. Mas também não tenho elementos para afirmar o contrário. É verdade que alguns senhores são capazes de comê-la e devolvê-la do estômago à boca, com inegável eficiência e assiduidade, como certo engenhoso abade francês, que a ruminava entre os assados da Rôtisserie de la Reine Pédauque, e pereceu ferido por malas artes dum hebreu ciumento na estrada de Lyon, antes de terminar sua famosa tradução de Zózimo Panopolitano.

De qualquer forma, porém, não me lembro em hipótese alguma, ter comido ou ruminado jamais minha consciência. Mesmo porque nunca reparei nas coisas que como. O ato de comer não chega a ser um mistério — quotidiano aviso das humilhantes condições da espécie. Nem mesmo uma função biológica consciente. Trata-se do almoço e do jantar, o cumprimento de uma rotina. Ó formosos dias em que passei fome pelas ruas da cidade! Então a vergonhosa necessidade animal se refina em hálitos voluptuosos de cozinhas babilônicas e perdizes douradas à sombra de faisões

literários. Pois, afinal, as coisas da vida não se perderam. O que se perdeu foi o sentimento de beleza e dignidade das coisas. A religiosa economia dos atos, dentro da qual é tão belo o gesto de comer, como o puro gesto de dançar. Os autores dos compêndios escolares de história escarnecem e condenam Vitéllio ou Domiciano. Mas se quereis justificar a vossa vida, tendes que justificar cada ato e respeitar a gravidade do menor de todos. Se não cai um cabelo de vossa cabeça sem a anuência de desígnios eternos, que dizer de vossos alimentos? Quando o imperador convocou o senado de Roma para decidir sobre um molho de peixe, estava praticando um ato tão ontológico como quando o convocou para a declaração de guerra. Tão ontológico e mais moral, não há dúvida. Pois, com que direito podiam os senadores romanos resolver o destino de povos inocentes e longínquos? E dentro da moral dos séculos o ato de alimentar as lampreias nas piscinas de César com carne de escravos vivos, é mais belo, mais humano e mais humilde que a preocupação do cientifismo moderno à busca de fórmulas cômodas, como esta de concentrar numa pílula a alimentação dos homens. Os que cevavam lampreias com escravos aceitavam humildemente a necessidade de comer, e em vez do soberbo desejo de fugir a esta condição humana ou aviltá-la com artifícios, procuravam requintes para a tornar mais bela, mais elegante, mais saborosa. Quanto a mim, preferiria tomar parte nas expedições de Vitéllio para trazer da Síria a receita das passas de figo, a incorporar-me às esquadrilhas que vão despejar bombas atômicas sobre as cidades alheias.

Infelizmente não sou um "gourmet" e me parece que a virtude de comer devia ser cultivada por estes frades. Não se trata, é claro, de uma satisfação dos instintos. Mas de uma alegre submissão aos tributos da espécie. Comer com

a mesma alegria com que cantamos, dormimos, adoecemos, dançamos ou rezamos.

Certos cônegos se escandalizaram com o bailarino russo que dançava no ballet de Sergei Pavlovitch para dar glória a Deus. Este estendera sua corda ininterrupta sobre o abismo. Não oferecia ao seu Deus apenas macerações e amarguras. Mas compartilhava com Ele, além do suor e das lágrimas, o pão e o vinho, o regalo de sua mesa, a beleza de sua dança e a delícia de sua mulher em seu leito. Era um amigo de seu Deus. O verdadeiro amigo não reparte sofrimentos ou migalhas. O poeta quer para seu amigo aquele que reparta a sua mesa e a sua mulher. Oh! os homens que se abraçam e terminam as cartas com o lugar comum do "amigo certo"! Raríssimos vos estenderão sua bolsa e ainda não sei daquele que, ao suspeitar a amorosa inclinação do amigo, o tenha chamado à sua alcova e com satisfação pura e fraterna lhe haja dito:

"deita-te na minha cama e experimenta a minha mulher."

Verdade que há a lenda do rei Candaulo. Mas, além de ser apenas uma lenda, é também uma solução incompleta e cruel. Falam da existência de certas tribos da Ásia, em que os maridos se regozijam com servir a própria esposa aos hóspedes e aos conhecidos. Mas isto ainda está longe de ser o amor, a comunhão dos seres na posse comum de um bem comum e um júbilo comum. Esses maridos se comprazem no gabo que lhes fazem os outros das qualidades físicas e da arte sexual de suas mulheres. Sentem assim elogiado o seu próprio gosto, o refinamento de sua escolha e a sua capacidade de adquirir uma boa fêmea. Não é, portanto, o impulso do amor, mas a soberba e o egoísmo que os movem. Talvez se trate mesmo dum complexo freudiano, ou, pior ainda, uma tradição que se fez rotina naquelas tribos indolentes. Tomai o que tendes de mais caro, e dizei ao amigo: "é vosso". Isto é o amor. Onde estou?

Do alto de uma cátedra um noviço, em recto tono, recitava na grande língua os capítulos da Bíblia:

— Parce mihi, Domine, nihil enim sunt dies mei. Quid est homo quia magnificas eum?...

...visitas eum diluculo et subito probas illum...

...quare posuisti me contrarium tibi, et factus sum mihimetipsi gravis?

...ecce nunc in pulvere dormiam et si mane me quaesieris, non subsistam...

Devo ter causado uma situação embaraçosa na disciplinada comunidade, pois no momento em que o leitor pronunciou estas palavras, ferido de inesperado pânico fechei os olhos e gritei-lhe:

— Repita estas palavras, irmão, pelo amor de Deus, repita estas palavras.

Não sei bem, mas creio que ele não me atendeu e continuou sua plácida leitura como se nada neste mundo o tivesse interrompido. Mas para mim, a coisa estava dita:

— Eis que agora mesmo vou dormir na poeira, e se amanhã me procurares, já não subsistirei.

De forma que não sou o único protagonista da aventura da irresidência. O outro ainda foi além. No dia seguinte, não era apenas o seu lar, a sua mulher, a efêmera residência do hotel ou do navio que faltavam. Era ele mesmo que já não subsistia. Si mane me quaesieris, non subsistam.

De repente começam a me procurar, e eu já não existo. Oh! a terrível impressão de estar sendo procurado por alguém. É. Alguém está me procurando como nos jornais. "Desapareceu Guiomar de Oliveira, de 22 anos. Trajava na ocasião vestido de organdi azul. Telefonai para seus aflitos pais dando notícia." Ninguém sabe de Guiomar, apesar do rádio e do jornal, com seu retratinho de uma

coluna, o sorriso triste e a pergunta para sempre de seu destino.

Estão me procurando e deve haver bilhetes nos postes e retratos meus nos vespertinos. E não consigo encontrar Aquele que me procura. Ele não morreu, não se jogou no mar, não está ausente. Ele desapareceu, como eu mesmo desapareci. Vou pregar um aviso nos muros, procurando por Ele.

À entrada de Atenas os gregos puseram também um anúncio à sua procura. E um dia apareceu entre eles um forasteiro de barbas negras que lhes discursou em pleno Areópago, dizendo:

— Homens de Atenas! Em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Pois, passando e vendo objetos de vosso culto, encontrei também um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. O que, pois, adorais sem O conhecer, eu vo-lo anuncio.

Apesar de certa demagogia nas palavras do orador, sei que ele falou de coisas tão claras e tocantes, que, por alguns momentos, o Deus desconhecido, o que há séculos desaparecera, baixou sobre a multidão sua face resplandescente. Sei mesmo de Dionísio, o Areopagita e de uma mulher chamada Dâmaris e de muitos outros que se prosternaram aos seus pés e o reconheceram e se foram com Ele.

Quanto a mim, não resisto. Ouço que alguém me chama e eu também o procuro. Não resisto, mas não encontro e permanece a tristeza dos informes no jornal da tarde. E mais do que isso. Uma tragédia. Pois, além do desaparecimento, somos vítimas do desencontro. Será possível ainda esperar?

E estes plácidos monges? Me veio uma súbita onda de revolta contra a serena felicidade de todos eles, sujeitos com alma de faquir, deitados sobre espinhentas perguntas com um sorriso de oásis no rosto...

O leitor continuava sua Bíblia sob um abafado rumor de garfos e colheres. Não me pude mais conter. Então aqueles indivíduos sentiam a terra fugindo debaixo dos pés e continuavam ali, comendo velhas comidas e ouvindo velhas palavras, como se estivessem assistindo um inofensivo teatro? Levantei-me enfurecido e gritei-lhes com todos os pulmões:

— Idiotas! Bando de idiotas!

Minha palavra era para ter estourado como uma bomba na sala. Em vez disso, o Padre Reitor bateu suavemente uma sineta minúscula, limpou os lábios no guardanapo e, nem se defendendo nem recriminando, disse:

— Ainda não, irmãos, ainda não. No dia em que de fato nos tivermos tornado idiotas, a missão estará cumprida.

A atitude do Reitor me pareceu repugnante. Ou não tinha brio, ou era de uma humildade inhumana e vil. Mas podia tratar-se também de um homem astuto ou de um perverso humorista que se divertia à minha custa. Por não identificá-lo bem, eu o fitava melhor. E tive então a idéia de que a dúvida é uma luz ainda mais clara que a certeza. Como eu o via apenas à luz da dúvida, resolvi apresentar-me a ele sob o mesmo clarão. Se em vez de abrir brutalmente o jogo, eu me apresentasse na dubiedade dum claro-escuro, eles forçosamente se interessariam mais sobre a minha presença.

Quebrando, quem sabe pela primeira vez, os velhos hábitos rituais daquele refeitório, ergui-me e com um extravagante discurso já na ponta da língua, como se o tivesse ensaiado, comecei:

— Meus senhores, peço a palavra!

Com esta frase vulgar, tão digna das casas do Parlamento ou dos almoços de aniversário, calculei produzir um efeito esdrúxulo. E calculei bem. Todos soltaram de repente os talheres e me olharam estupefatos. Até o Padre Mestre, o mesmo que na sala do Capítulo reputara banal a

minha misteriosa história e ingênua a minha pergunta trágica, os mesmos noviços que ao meu dramático desabafo apenas murmuraram despreocupadamente um "Pax Tecum", —o Reitor, os velhos monges, clérigos e leigos, incorporados em suas batinas escuras, boquiabertos e imóveis me fitavam. Causei um efeito tão inesperado, que quase me desconserto. Mas logo me recomponho. Não perderei o momento em que todas as atenções estão ocupadas comigo, e vou propor a minha história. Como tive sucesso ao por em dúvida o sentido das palavras do Reitor, vou deixá-los em dúvida também sobre o sentido das minhas. Avanço para o meio do salão e começo:

— Não sei se sou um embusteiro. Não sei se vou contar a verdade ou se apenas pretendo tapeá-los, reverendos senhores. Ficastes atônitos quando eu pedi a palavra. Esqueci-me que nesta casa não se deve pedir nada, porque ninguém possui nada. Nem mesmo uma palavra.

Um velho monge enrugado interrompeu-me, persignando-se e dizendo:

— Hay que abandonarlo todo.

Tive um ímpeto de cólera, mas me contive. Que tinha eu ainda para abandonar, depois de ter perdido até os caminhos? E foi o que lhes disse, com estas palavras:

— Venerandos Padres: talvez não seja assim como dizeis. Pois em verdade, em verdade vos digo que eu abandonei todas as coisas. Já não tenho casa nem parentes nem um antigo cachimbo que costumava fumar na poltrona do salão. Nem tenho mais o meu emprego no banco nem os caminhos da vida. Despacham-me para onde querem. E eu nem sei quem se diverte comigo e não sou senhor de minhas pernas. Em minha terra diz-se de um homem, que é o senhor de seu nariz. Se valem os silogismos, senhores, direi que nem homem sou. Pois já não sou dono de meu nariz. De fato: ontem eram perfumes de mulher e hoje

vossos olores, a sacristia e a cera. É um silogismo, Venerandos Padres, mas perdoai-me, em nenhum outro assento eu me sentiria firme. Conheci mesmo certo cavalheiro que costumava dizer: "vá para o inferno, mas vá a cavalo num silogismo". O que acontece, porém, comigo, senhores, é que estou sem montaria. Porque afora este, sobre o domínio do próprio nariz, nenhum outro me é possível. Não ligo coisa com coisa na história que me está acontecendo. Pelo amor de Deus, reverendos padres, escutai-me: sou o mais simples dos homens.

E passei a resumir o meu caso, adotando de propósito certos detalhes picantes e palavras pouco recatadas, para ver se com elas provocava ao menos uma reação violenta daquela casta assembléia, pois o que mais me descorçoava era a imperturbável quietude dos padres. Tudo lhes parecia natural. Afetavam já saber tudo. Pois não estranhavam nada. De forma que falei mais ou menos assim:

— Reverenda gente. Sou casado. Não vos direi o nome de minha mulher. Pois as mulheres — tenho alguma prática, senhores — as mulheres se conhecem pelo nome. Se me disserdes Tita, Fausta, Rita ou Araci, é como se me mostrardes nuas essas criaturas. Pois Tita é pálida e castanha e com os bicos dos seios se confundem as amêndoas dos olhos. Mas não penseis que é das que cobrem o sexo com as mãos, como faz Araci, para melhor mostrar os meneios do umbigo. Fausta é uma grande cadela branca e em seus dentes e em seus olhos todos morreriam. Ao passo que da cintura de Rita, a úmida de aromas, tiraríamos forças de esmagá-la. Como se esmaga a flor, entre o nariz e os lábios. Pensai o que quiserdes, senhores, mas não vos direi o nome de minha mulher. O fato é que eu sempre acordava com o nariz embriagado sobre sua nuca adormecida, as mãos perdidas em mornas ilhas de palpitante maciez, os pés brincando nos seios. Este era um fato. Outro fato é que num

dia seguinte qualquer acordei num quarto de hotel, e por seus seios azuis fiquei sabendo que a arrumadeira se chamava Ginette. O que nunca soube é como se chamava a cidade onde estava esse hotel, nem como nem porque amanheci ali. No dia seguinte, da mesma forma inexplicável acordei num navio e lembro um tombo de que trago talvez a cicatriz na testa, e lembro o médico bêbado e brutal e os gestos doces do enfermeiro. Depois, sem desembarcar e sem perceber, dei comigo, reverendos padres, num bordel. Não é exatamente um mosteiro. Mas que tinha certo ar litúrgico, eu vos garanto. Era uma puta, nome que se dá vulgarmente àquelas que um cronista holandês da Renascença chamava de sacerdotisas do amor horizontal. E eram delícias e mortes em meus ossos, quando hoje descubro minha chegada a este convento. Digo-vos estas coisas, porque na verdade me espantam. Nunca ouvi de alguém a quem tais coisas acontecessem. E porque sei que sois homens de sabedoria e luz e me podeis informar alguma coisa. Pois vejo-vos serenos e beatos, com o ar de quem encontrou o objeto procurado. Ainda há pouco um de vós me disse que é preciso abandonar tudo, dando a entender que nisto estava a chave. Pois bem, reverendos padres. Aqui estou eu que abandonei tudo. Mais do que vós mesmos, porque já nada possuo, nem sequer a noção dos movimentos e dos dias. Tenho dito.

Falei e sentei-me exausto. Com a convicção de que meu conto os esmagara de surpresa. Mas em vez disso, o que ouvi foi a voz ruminada do Reitor, que me deu a impressão de continuar mastigando enquanto respondia, como se fosse a coisa mais banal do mundo e não precisasse sequer interromper a comida para falar. Disse:

— Ainda há pouco o senhor nos deixou estarrecidos. Foi quando pediu a palavra. Ora, um pedido só se faz a quem tem. E nós não temos nada, irmão. Nem mesmo

uma palavra. As que nos haviam sido dadas, devolvemos em tempo a seu dono. De maneira que seu pedido nos desnorteou. Como o de um ladrão que pedisse a bolsa ou a vida a um cadáver nu. Um dos nossos lhe disse que é preciso abandonar tudo. O senhor, entretanto, perde tempo em narrar uma história trivialíssima que cada um de nós conhece de sobra. E alega que abandonou também. O senhor ainda não abandonou coisa alguma. As coisas é que o abandonaram. Continue o leitor e tenho dito.

Nem sei dizer se o leitor continuou nem o que passou daí por diante no salão do refeitório, do qual aliás meus olhos guardam raras lembranças. Recordo apenas os vultos de alguns padres ajoelhados no centro, de braços abertos, dois ou três comendo sentados no chão, quando havia tantas cadeiras vazias e um que me veio mendigar uma colher de sopa, quando a mesa estava cheia de comida. Este ainda me pareceu mais ridículo que outros deitados no pavimento, beijando os ladrilhos. Ou um corpulento noviço que se ajoelhava sobre os dedos das mãos, esmagando-os. Particularmente esquisito era um velho missionário que se aproximava de rastros para beijar os pés de todos. Senti-me terrìvelmente humilhado quando ele me beijou os sapatos e vagamente me lembro que passei o resto do dia com a impressão de um peso no pé. Talvez o seu beijo.

Disseram-me que era o recreio e achei boa a idéia. Tinha a cabeça cansada de bíblias e orações. O jardim rescendia ao cheiro resinoso dos ciprestes. A sua escura sombra era pacífica e sem volúpia a beleza das rosas. Em grupos de três se repartiam e em sonoras gargalhadas passeavam ao longo das alamedas. Eu, que não conhecia ninguém ali, retirei-me sozinho para um canto do jardim. O

que mais me preocupava era o fato de aqueles homens me encontrarem tão misteriosamente caído entre eles, e não se incomodarem com isso. Aceitavam-me como um acontecimento absolutamente banal. Não me estranhavam.

Mas talvez fosse bom distrair-me um pouco. Os lírios pendiam a cabeça ao vento. Sobre um deles me detive e sobre a sua corola pousei os dedos.

Nem o vi aproximar-se. Senti foi sua mão sobre o meu ombro. E no seu rosto quase imberbe a boca infantil e os olhos negros sorrindo. Debaixo dos cílios longos e pesados vinham as bochechas morenas e o veludo da voz:

— Boa tarde, Gonçalo.

Foi quase de revolta a minha reação:

— Você também — respondi — acha muito natural a minha situação, não é?

Ele alargou o sorriso e concordou:

— Perfeitamente. Nem mesmo *eu* estranho a sua história. — A frase pareceu-me imprópria. Dizendo "nem mesmo eu", dava a impressão de assumir, em relação a mim, uma posição especial, um compromisso qualquer, que eu não podia admitir. Pois era apenas um noviço, como os demais, a quem eu via pela primeira vez. Mas não tive tempo para protestar, pois ele prosseguiu:

— Não se trata de estranhar a sua história. São coisas. Podem acontecer a qualquer um. O que é preciso estranhar, não é a aventura. Mas o herói da aventura.

E acrescentou:

— É o seu erro.

De fato. Percebi subitamente o grotesco da colocação. Eu me preocupava com minha aventura, mas nem me lembrava de mim mesmo. Do herói da aventura, como ele

pitorescamente me denominara. Sim. Um herói. E eu nem tinha percebido. Mas era difícil resolver. Difícil até armar o problema. E foi o que lhe disse, já em tom de inesperada simpatia:

— Olhe, Frater...

— Rafael.

— Olhe, Frater Rafael. A minha aventura está tão cruelmente confundida comigo mesmo, que é impossível separar-me dela. Minha existência é apenas o que me acontece e fora desses acontecimentos já não existo. Eles me envolvem como uma casca. E não posso chegar a mim mesmo, antes de romper a casca.

— Não, Gonçalo — e sua cabeça balançava no pescoço — não. Você não tem nada com isso. Você não está do lado de fora da casca e não precisa rompê-la para nada. Você está do lado de dentro. E antes de encontrá-la, tem de encontrar-se a si mesmo.

Havia uma imensa fé na sua voz. E como se quisesse encontrar-me concretamente, começou a passear as mãos pelo meu rosto. E descendo-me aos ombros e aos braços, apertava-me as mãos, limitando-me a figura.

Afastei-o espantado e comecei a caminhar. Ele me seguia silencioso. E enquanto andávamos, uma doçura desconhecida ia nascendo dentro de mim. Afinal, era a primeira vez que alguém se interessava por mim. Desde o dia em que começara a minha irresidência, a primeira pessoa que se aproximara de mim. E me dissera uma palavra de carinho. Ao seu lado, eu já agora não estava só.

E pela primeira vez desejei não partir nunca mais. Nunca mais me afastar de Rafael, que roçava com a sua a minha batina de sarja e dizia:

— O terrível, Gonçalo, é a gente andar sozinho.

Voltei-me para ele. Rafael tinha a boca do anjo e a voz do irmão.

— É engraçado — disse-lhe. — Este lugar me agrada. Mesmo em minha terra, em minha casa, lembro-me que tinha sempre umas idéias extravagantes de partir. Aqui não. Quero ficar. De minha própria mulher, muitas vezes, entre beijo e beijo, desejei despedir-me. Mas você... seria tão bom se ficássemos sempre juntos!

Ele corou. Claro. Os noviços têm sempre muito pudor. E a palavra "beijo" lhe haverá despertado sementes desconhecidas.

— Por que se casou? — perguntou como se estivesse magoado. — Não sabe que São Paulo disse que o melhor era o homem não tocar em mulher?

— Que tenho eu a ver com São Paulo e suas esdrúxulas idéias — respondi meio irritado. — Aliás, esse mesmo São Paulo, que, parece, tinha o mau gosto dos trocadilhos, escreveu também por aí que era melhor casar-se do que queimar-se.

Como se não tivesse notado minha irritação, agarrou-me repentinamente pelo braço e disse:

— Gonçalo, você quer ficar aqui? Neste convento?

Eu pisava firme no chão. E respondi:

— Quero.

— Até o fim?

— Até o fim.

Não sabia bem que significava esta palavra "até o fim" — mas o certo é que senti uma resolução profunda de permanecer. Com uma voz que não sei de onde me vinha, repeti:

— Até o fim.

Mas de repente, como se acordasse de um sonho, lembrei-me de minha instável e aventurosa condição. E foi o que lhe expliquei:

— Mas como poderia ficar, se amanna com certeza vai se repetir a minha aventura? Da mesma forma que amanheci um dia no hotel e depois no prostíbulo, no navio e neste convento, quem sabe a que praias hei de dar amanhã?

Ele tornou-se um instante grave e perguntou:

— Como se realiza em geral sua curiosa viagem?

— Não sei. Mas acontece sempre quando estou dormindo. Pela noite.

— Pela noite — emendou ele — acontecem sempre muitas coisas.

E como eu começasse a explicar que nunca tinha assistido a nenhuma de minhas singulares mudanças e que tinha mesmo a impressão de que jamais me ocorreriam de dia, quando eu estivesse acordado, ele interrompeu:

— Tenho uma idéia. É uma necessidade para mim. Se você permitisse...

— Diga.

— Vou passar a noite ao seu lado. Tomarei conta de você e não o deixarei sumir-se. Consente?

E com a mesma voz que lhe dissera há pouco aquele "até o fim" — com a mesma voz que não sei de onde vinha, baixando a cabeça respondi:

— Consinto.

Quando levantei os olhos, já não estava ao meu lado. Olhei em redor, e entre os troncos das árvores vi desaparecer um vulto escuro. Não sei se era ele ou se eram as sombras dos ciprestes. Pois numa brisa quase silenciosa, as ramagens bailavam o bailado das sombras pelo chão.

E de repente tive medo de sua companhia. Para que diabo ia eu ficar com este sujeito ao meu lado? E por

quanto tempo? Duplicar o meu problema. O melhor que podia fazer era fugir ali mesmo, antes que êle me visse.

Mas inútil. Sua presença já não me abandonaria. Eu mesmo tinha medo de perdê-lo. Recordo que ele me ocupava todo. Na capela, em vez das orações, buscava-o com os olhos. E o encontrava e sentia-me seguro. Da leitura espiritual ou da oração, se alguma coisa me chegava, era por via de sua pessoa.

Era a hora da leitura e eu percorria as histórias dos anacoretas da Tebaida. A todos emprestava seu rosto imberbe, a boca infantil e os olhos negros sorrindo.

E era uma vez um eremita. Vivia há trinta anos numa gruta, no alto dum despenhadeiro, ao pé dum coqueiro selvagem. Coberto de trapos, os cabelos enormes, dia e noite ajoelhado na pedra, de braços estendidos, macerava-se e rezava. Nunca tinha tomado um banho. Porque de água não havia mais que a da chuva, aqui e ali encacimbada num pilão de pedra. E na tarefa de assear a alma, não lhe sobejava tempo para asseio do corpo. Os ossos apontavam na pele sem carne. Porque de comida, há trinta anos não sabia e não queria saber mais que uns magros coquinhos fornecidos pela palmeira. Comia-lhes a polpa escassa e atirava as cascas pelo despenhadeiro. Nada mais rigoroso que a mortificação de seu jejum. E foi pela porta do jejum que um dia lhe chegou o Tentador. Chegou sob a forma de uma voz que lhe dizia:

— Ora, idiota. Nem só com jejum se salva a alma. Nem de tanto jejum se precisa para a santidade. Afinal, de barriga cheia também se vai para o céu. Outros, que passam menos fome do que tu, e apenas jejuam, se jejuam, nos dias de preceito, estão mais altos do que tu na hierarquia da igreja e mais alto irão, provavelmente, no reino do céu. Porque, para dizer a verdade, nem só no estômago está a virtude. Ficaste tão magro, que poderias ajeitar a própria

pele como as dobras de uma túnica. Enquanto isto, os nédios abades devoram perdizes, os cônegos almoçam, forram a tripa os cardeais, os bispos empinam copázios, e o próprio Santo Padre gargareja o vinho mosto com que rega as coxas de faisão de sua ceia e tempera a garganta para o Prefácio da Missa e o Te Deum da Basílica. Não me venhas a dizer que todos esses virtuosos dignitários não são sacerdotes e santos de Deus — mais santos do que tu, que não pregas a palavra do Senhor e nunca chegaste às pompas da sagrada liturgia. Afinal de contas, a quem aproveita a tua vida ermitã e que te lucram os andrajos e o jejum?

Assim falou o Tentador. Falou e calou-se. Quem não se calou foi o anacoreta, que, pela primeira vez, depois de trinta anos, se contemplou, espantado da própria esqualidez e exclamou:

— É verdade. Perdi trinta anos nestas asperezas, inutilmente. Devo é voltar para a cidade, para o convento. Comendo e vestindo como gente, posso muito bem praticar a virtude e ser tão santo como o Senhor Bispo.

Seu dito, seu feito. E começou a descer as escarpas por onde subira com tão penitente fervor, trinta anos antes.

Ao chegar embaixo do despenhadeiro onde vivera encarapitado, viu qualquer coisa movimentar-se entre as pedras. Mas afastou a idéia de que pudesse ser um semelhante, pois, como poderia viver um ser humano naquelas áridas asperezas, onde não havia sequer um pé de mato com que se alimentar?

Mas ouviu uma voz e aproximou-se. E foi então que viu. Era um velho eremita, completamente nu, seco de magreza, ajoelhado, de braços erguidos, os olhos fulgurantes.

— Sou anacoreta — respondeu o outro — e vivo na oração e na penitência, contemplando o Senhor.

— Mas como pode viver aqui? Pois não vejo nada de que se possa alimentar na redondeza.

— É — informou o anacoreta — nos primeiros quinze anos, foi um pouco duro e eu perdia muito tempo caçando grilos e besouros. Mas a misericórdia de Deus — louvado seja Deus! — é infinita. Pois há trinta anos, irmão, a vida tornou-se fácil e cômoda. Tão cômoda e farta, que até me envergonho e não encontro mérito em minha penitência.

O outro já pensava, com certa ponta de inveja, que o eremita dispusesse de algum anjo para fornecer-lhe almoço e jantar, com milagrosas iguarias à hora certa, quando ele continuou:

— Ora, a misericórdia do Senhor, que veste os pássaros e os lírios do campo, que distribuiu maná ao povo de Israel no deserto e enviou corvos para alimentar o profeta — a misericórdia do Senhor fez vir residir, há trinta anos, no alto deste despenhadeiro, um santo anacoreta. Todos os dias ele me lança de lá umas casquinhas de coco, muito nutritivas. De forma que há trinta anos venho almoçando e jantando regularmente.

Disse e calou-se. A história não prossegue. Mas eu tenho para mim que o eremita desertor deu meia-volta, envergonhado, galgou de novo a escarpa e tornou à sua gruta, onde passou o resto da vida em redobrada penitência. Pois há de ter percebido não somente o grau de seu jejum, mas sobretudo o sentido de sua missão até aquele momento insuspeitada.

A piedosa anedota despertou-me. Quem sabe que secretas comunicações existiriam entre mim e Rafael? Ele mesmo se referira a uma *necessidade*. Talvez até ele vivesse há anos e anos esperando apenas a minha chegada...

E durante o resto do dia não fiz outra coisa senão buscá-lo com os olhos e com o pensamento, em todos os

exercícios espirituais, na capela, no jardim ou no refeitório, na visita ao Santíssimo, no Breviário ou no Terço. Até mesmo na meditação que fiz de joelhos na cela solitária, não pude pensar senão em seus olhos e sua voz. Parecia-me vê-lo, a um canto do quarto, perguntando com doçura:

— "Consente?"

6 horas

Terminara o Angelus Domini. Estávamos todos — padres, noviços e leigos — em torno de uma longa mesa. Era a sala do Capítulo. Um depois do outro, levantavam-se compungidos, ajoelhavam-se no meio da peça e em voz alta anunciavam as suas faltas, pedindo perdão. De coisas tão miúdas se acusavam, que me pareciam ridículos e dignos de lástima. Ora era um velho padre que se julgava um monstro por ter batido com alguma violência a porta da cela, ora outro que se acusava de ter-se permitido desbragadas sensualidades. Esperava seu relato com certa curiosidade fescenina, quando ele explicou que sua indecência consistira em relaxar com prazer os músculos das pernas, ao sentar-se numa cadeira, cedendo ao cansaço, com perversa lassidão.

Soltei uma gargalhada. Mas nesse momento Rafael incorporou-se de seu canto. Cortei ao meio a minha gargalhada com tanta rapidez, que até o som, já disparado no ar, me voltou ao peito como uma onda sobre o coração.

Não sei se era o pudor ou o peso dos cílios que lhe baixava as pálpebras. Era formoso demais com seu passo imperial. E como suspenso de seu vulto, ergui-me da cadeira para vê-lo melhor. Tanto era bela em seu rosto infantil a gravidade adulta.

Minha curiosidade era enorme. De que faltas se iria acusar Rafael? Que mancha poderia existir naquela alma,

tão pura na transparência de seus olhos, na inocência daquela boca apenas desabrochada? Já estava ajoelhado no meio da sala. Ungida como seus lábios e como a pele de seu rosto, a voz de Rafael desceu como um perfume de óleo:

— Tende piedade de mim, tende piedade de mim — dizia ele — porque a mão do Senhor me tocou.

E diante dos padres que se mexiam espantados, porque o toque da mão de Deus, longe de ser uma falta, era uma graça inapreciável, o noviço prosseguiu:

— Reverendos Irmãos e Venerandos Padres! Eu me acuso de até hoje ter sido um cego. Foi a chegada de nosso irmão, Frater Gonçalo, que me abriu os olhos. Porque eu percebi a sua solidão. A Escritura diz que "ai do só!" Eu também estava só, venerandos padres, profundamente só. Eu tinha abandonado tudo, como vós também abandonastes. Mas eu buscava a minha santificação e a minha salvação. Como todos vós. De forma que uma coisa eu ainda não tinha abandonado: o caminho da salvação, a minha alma. Ai de mim! Pois o Senhor não disse que aquele que quiser salvar a sua alma, há de perdê-la e o que a perder salvá-la-á? Eu queria salvar a minha alma, irmãos, e a estava perdendo, e ainda não sei se a perdi de todo.

E de repente levantou-se e começou a bradar. E seus olhos estavam agonizantes como os do Padre Mestre na conferência da manhã. A mão pálida apontava para os confrades. E dizia:

— Eu vos acuso a todos. A todos vós, cegos e surdos. Quereis santificar-vos e salvar a vossa alma. Ai de vós! Ai de mim! Ninguém se santifica sozinho. Ninguém se salva sozinho.

Nesse momento saltei fora de mim e comecei a gritar:

— É isto, senhores! É isto! Eu sei de um velho russo que dizia que um é responsável por todos e todos são responsáveis por um.

Êle interrompeu com um gesto:

— Não é apenas isto. Quero dizer que na hora do naufrágio, irmãos, o grito de "salve-se quem puder" — é uma blasfêmia e um desespero. A palavra de amor é apenas esta: "salve a quem puder." Porque naquele momento, os que quiserem salvar a sua vida, hão de perdê-la. E os que a perderem, a terão salvo. Por outro lado, irmãos, nós que não temos forças para nos salvar — como poderemos tê-la para salvar os outros? Quanto a mim, não sei responder. Apenas sei que não posso mais ficar sozinho e tudo farei para que nenhum de nós esteja só. Especialmente junto de nosso irmão, Frater Gonçalo, o mais só dentre os homens, hei de ficar. Amém.

E ali mesmo, em plena sala do Capítulo, tomado de uma alegria exorbitante, avançou para mim, abraçou-me e deu-me um beijo. Houve um rumor de desaprovação na assembléia. Mas eu não vi mais nada. Na capela como no jantar, só a sua sombra morena e doce me limitava por todos os lados. As 8,15 encontrei-me passeando com os noviços e o Padre Mestre por um corredor semi-iluminado. Íamos em grupos de seis, mas andando assim que três iam de frente e três caminhavam de costas. E ao terminar o corredor, tornávamos sem dar meia-volta, de forma que os que tinham andado de frente, agora vinham de costas. O processo, além de engenhoso, era muito cômodo, pois de outra maneira não se poderiam locomover no estreito corredor tantos e tão grandes grupos de interlocutores.

É a única lembrança que me resta daquele peripatético recreio noturno, onde todos diziam frases devotas, falavam das vidas dos santos ou debatiam problemas ascéticos, sempre no meio de uma ruidosa alegria. Parece-me até que cultivavam de propósito todo um repertório de anedotas piedosas, com que ilustravam as disputas teológicas e alimentavam suaves humores e saudáveis gargalhadas.

Mas quanto a mim, via apenas sua figura, que caminhava diante de mim, silenciosamente. Fitando-nos um ao outro, como se tivéssemos medo de nos perder de vista. Silenciosamente.

10,10

Terminara a oração da noite, com o exame de consciência e as infindáveis ladainhas. Eu estava ausente a tudo, presente apenas ao seu vulto ajoelhado à minha direita e que parecia olhar-me também com ininterrupta vigilância. De repente produz-se uma tropelia, e os padres, tão serenos e ordeiros no andar, sairam da capela correndo. E eu com eles. E fui de tal forma arrastado na precipitação, que os acontecimentos me embriagaram, a ponto de eu esquecer-me de Rafael.

Era o último exercício do dia, e este sim, tenho consciência de havê-lo cumprido com minuciosa precisão. Não sei se me tinham instruido antes. Haviam-me falado vagamente sobre os cilícios que os noviços e os frades usavam e até me tinham oferecido um daqueles pequenos instrumentos que eu guardara medrosamente no bolso. E que consistia numa cadeia de ferro, eriçada de unhas pontiagudas, com que se cingia o antebraço, ou a coxa, ou o ventre.

Mas agora era a *disciplina*. Cada um entrava correndo em sua cela, de onde trazia, escondido na manga, o pequeno chicote de cordas, com as pontas endurecidas de breu. As portas se abriam e fechavam violentamente, e em um minuto estava cada um diante de sua porta, com os braços cruzados e a cabeça baixa.

Minha cela ficava no andar térreo. A voz do Padre Reitor veio do pavimento superior, com seu ondulante registro de barítono, entoando a invocação poderosa:

— Veni, Sancte Spiritus.

E o coro unissono pelos dois andares, como subindo e descendo em lenta procissão as escadas noturnas, respondia com plangente unção os versículos sagrados.

Um sopro de heroísmo entrava-me pelas narinas e eu apalpava-me ansioso buscando o adversário, que o duelo ia começar.

De repente apagam-se as luzes e é a certeza de que o combate se travará nas trevas. Rolando pela escada vem a voz do corista na doce gravidade do contralto:

— Recordemini, fratres carissimi...

— Lembrai-vos, irmãos queridos, de como nosso amigo Jesus foi despido e atado a uma coluna e chicoteado. Em solidariedade com seu suplício, em penitência pelos nossos pecados e pelos dos que não a fazem, vamos nós também agora, irmãos queridos, chicotear nossas carnes.

Entra então o barítono do Reitor e o salmo penitencial ondula na escuridão:

— Miserere...

Versículo a versículo o coro dialoga, o pavimento superior contra o térreo. E enquanto as vozes plangem, todos, padres e noviços, estão nus, açoitando-se e gemendo. Canta o látego nas carnes embravecidas e no dia seguinte as portas das celas estarão salpicadas de sangue. No sangue e nos gemidos, alternam-se as estrofes:

— Amplius lava me ab iniquitate mea: — et a peccato meo munda me.

— Et peccatum meum contra me est semper...

E sempre estará contra mim o meu pecado:

— Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: — et in peccatis concepit me mater mea.

Fui concebido nas iniqüidades e nos pecados me concebeu minha mãe e meu pecado está sempre contra mim. De forma que todo eu sou uma coluna de pecado e é preciso açoitar-me até à destruição. Mas não é possível. Trata-se de tarefa que só um Deus. Ele poderia:

— Asperges me hyssopo et mundabor: —
lavabis me et super nivem dealbabor.
Se me lavares, serei mais claro do que a neve.

E é como se uma coluna de neve, mais cândida, mais limpa do que a neve se erguesse na escuridão. E esta coluna sou eu. Meu corpo, banhado de sangue, banhado, puro, numa alegria repentina. Nem sei onde começa o salmo e onde termina a oração, no mesmo tom plangente repetida de Inácio de Loyola:

— Aqua lateris Christi purissima, lava me.
Ó água puríssima do flanco de Cristo, lava-me!
Ó sangue preciosíssimo de Cristo,
embriaga-me!
Corpo de Cristo, salva-me!
Dentro de tuas chagas, esconde-me!

E termina a flagelação e num canto de alegria dançam as paredes na jubilação da Salve Regina e no vale de lágrimas desabrocham rosas e barcos de rosas passeiam e partem para a pátria dos degredados, ó clemente, ó piedosa, ó doce!

Estão todos vestidos e acendem-se de novo as luzes e cada um com seu sorriso e sua paz recolhe-se à cela. E o fim do dia repete o começo, como na jaculatória. Pelo sinal da Santa Cruz. Três Ave-Marias em honra da Imaculada Conceição. Agora tenho os braços abertos em cruz, vida, doçura, esperança nossa, salve! Deito-me sobre o chão frio e com o rosto nos ladrilhos rezo ao Sangue de Jesus um Padre-Nosso. Aperto nas mãos, na boca, o crucifixo gelado e juro com fervor três vezes: "morrerei, Senhor, pelo amor de teu amor, porque pelo amor de meu amor te dignaste morrer". E já por baixo dos lençóis, apago a luz, dispo as minhas calças pretas e com a grande cruz de madeira sobre o peito fecho os braços e preparo-me para dormir. A pequena cela está toda envolvida pelo silêncio, pela treva e pelo desejo de nunca mais sair daquela casa.

Já tinha as pálpebras cerradas e talvez estivesse começando a dormir. Senti foi sua mão procurando a minha, entre o cobertor e a cruz. Não tive tempo de espantar-me. Ele já tinha a boca junto ao meu ouvido, tão junto que seu hálito me arrepiava a pele e cochichou com doçura:

— Sou eu, Gonçalo. Não se assuste. Não faça barulho. Podem nos surpreender.

— Mas que veio fazer? — perguntei inquieto.

— Apenas o que combinamos — respondeu — preciso ficar ao seu lado.

— Mas fazendo o que, Rafael?

— Vigiando. Vigiando e orando. Para que você não desapareça durante a noite.

— Mas não é possível. Você terá de dormir.

— Não, não. É preciso não dormir.

— Está louco, Rafael. Você teria de ficar acordado todas as noites e não dormir nunca mais.

— É isto mesmo. É preciso não dormir nunca.

— Mas eu não posso permitir este sacrifício de sua parte — ajuntei debilmente, quase sem convicção. Porque no fundo tudo me parecia lícito, contanto que eu permanecesse no convento. De forma que sua voz tinha a dormência dum embalo. Não. Eu não queria sair mais nunca daquele lugar. Era, afinal, a residência.

— Rafael — chamei-o comovido.

— Diga — e acariciava-me a mão com ternura infantil.

— Você leu muitos filósofos?

— Tolices, Gonçalo. Não sabem de nada, e eles mesmos o confessam. E quando não confessam, é que sua própria charlatanice os ludibria.

— Sim, pode ser. Mas é que eu, antigamente, apesar de nunca têr sido mais que um correto funcionário de Banco tive minhas veleidades de pensamento. Em minha cidade até me consideravam um intelectual; só porque recebia livros

pelo correio. E acontece que um dia li um filósofo alemão, que dizia que "ser é ser em alguma parte". Pois bem, agora aqui contigo vem-me a certeza de que ser é ser no tempo em alguma parte com alguém. Esta noite, por exemplo. Neste quarto, nós dois.

Ele, que estava sentado à beira de minha cama, curvou-se sobre a minha cabeça, quase me tocando os ouvidos com a boca. Senti que ia cochichar alguma coisa de muito importante e meu corpo estremeceu de ansiedade.

— Gonçalo — murmurou. Nem sei se chegou a pronunciar meu nome completo, pois nesse momento a porta se abriu violentamente e um jato de luz desceu sobre nossas cabeças quase unidas. De um salto incorporei-me no leito, enquanto Rafael permanecia placidamente sentado, como se nada houvesse acontecido.

À porta da cela, erguendo um enorme lampião, à frente de dois velhos padres, provavelmente o Reitor e o Ministro, estava o Padre Mestre, com sua vigorosa cabeça, seu barrete poliédrico e o nariz pálido e comprido. Num acesso de cólera, entre imprecações latinas, esconjuros e exorcismos, gritou:

— Sacrilégio! Sacrilégio!

A atitude de Rafael, que permanecia impassível, fitando-me o rosto e segurando-me a mão, redobrou sua fúria:

— Frater Rafael, retire-se! O senhor enlouqueceu!

Mas Rafael não se movia. Senti que sua mão estava fria, o braço hirto, os olhos à luz do lampião esgazeados. Enchi-me de furor e comecei a explicar a situação ao Padre Mestre, pois não podia sequer compreender o motivo de seu escândalo. Ia verberar-lhe a precipitação e a estupidez, quando se aproximaram de mim e exclamaram em coro, com toda a força dos pulmões:

— Vade retro, Satana!

Ia dar uma gargalhada. Mas nesse instante, o mais velho dos três colocou a mão na fronte de Rafael e recuou, dizendo:

— Está morto!

Puxei rapidamente a mão que ele ainda me segurava. Tive a nítida impressão de que minha mão estava para lá dos limites do mundo, em regiões de espanto e mistério e que voltava a mim como objeto estranho e cheio de sortilégio. Um amuleto na extremidade do braço.

— Vade retro, Satana — repetiram-me. Comecei a gritar:

— Não, Reverendos Padres! Eu não posso sair deste convento. E não posso abandonar este irmão. Aqui é que tenho de ficar. Ainda que seja preciso ficar acordado para sempre. Ainda que seja necessário não dormir nunca, nunca mais. Pois é preciso não dormir, reverendos padres. Não dormir nunca. E Rafael sabia disso.

A essa altura, despertada sem dúvida pelo barulho, já toda a comunidade invadira a minha cela, os mais retardatários aglomerando-se no corredor.

Um noviço que se aproximara de Rafael, exclamou:

— Não. Não morreu. Está apenas desacordado.

Um outro que lhe baixara com o dedo a pálpebra inferior, examinando-lhe a pupila esverdeada, contestou:

— Nem louco nem desacordado nem morto. Um colapso passageiro, ou um acesso de delírio.

Percebi que todos o amavam e nenhum o entendia.

De repente, numa convulsão que fazia tremerem as próprias paredes do quarto, deu um profundo suspiro, um arquejo e bradou com voz rouça:

— Morrer, dormir, sonhar... Enlouquecer, enlouquecer...

E ficou de novo insensível e imóvel.

— Está louco!

— Está desacordado!

— Está morto!

— É um delírio!

E nem mesmo eu. Só a minha mão, pálida e solene, como um rastro do último passo de Rafael, poderia dizer em que mundos se refugiara ele.

Talvez no êxtase.

Curvaram-se para apanhar seu corpo, que iam retirar para alguma parte. Lancei-me à frente, disposto a impedir. Ninguém me roubaria o que ainda restava da presença de Rafael. Abracei-me ao seu corpo, cobrindo-lhe de beijos o moreno rosto lívido. Seu contato dava-me forças e com gesto decidido e fanfarrão os enfrentei:

— Será preciso que passem primeiro por cima de meu cadáver!

A frase não os convenceu, pois cresceram ferozes sobre mim, não já apenas os três, mas todos, a comunidade inteira, esconjurando e bradando com duzentas vozes a palavra do exorcismo:

— Vade retro, Satana!

Tive medo. Comecei a suplicar, a implorar, a chorar. Voltei às ameaças. Que por bem ou por mal não me expulsariam, pois naquele convento e só nele, estava meu primeiro e último desejo de residência. Minha única esperança de salvação.

Parece que minhas palavras tiveram efeito. Pois afastaram-se um pouco e até notei vários olhares compassivos sobre mim. Mas de repente o Padre Mestre produziu-se à frente e me apontando, disse:

— Àquele que der escândalo, merece ser amarrado com uma pedra de moinho ao pescoço e assim lançado ao fundo do mar. Já não está em nossas mãos perdoar. Amarrai-o e lançai-o fora!

E com voz terrível bradou:

— Gonçalo Falcão de Val-de-Cães está expulso do lugar aonde o trouxera a clemência de Deus! Lançai-o fora!

E num momento caíram sobre mim duzentas mãos. Já nem me defendia. Admiravam-me apenas a força, a eficiência e os processos de beleguins que os pacíficos religiosos revelavam afinal. Assim, imobilizado por braços vigorosos, amarrado com lençóis e com tiras de batina dilacerada, fui transportado ao longo dos corredores. Todos queriam ajudar e cooperar em minha defenestração. De forma que passei de mão em mão, como uma peteca, até o grande portão do vestíbulo, de onde afinal me jogaram como um objeto imundo. Rolei pela enorme escadaria e caí em plena calçada. Notei que abriram mais uma vez a porta e pedaços de frases me chegavam:

— Desacordado.

— Morto.

— Louco.

A última coisa que percebi, foi que estava nu e não podia levantar-me. E que ao abrirem a porta, arremessaram um objeto que caiu ao meu lado como um pássaro morto: meu chapéu de largas abas amarelas e amarga copa amarrotada. E não sei mais nada.

# V

# JEZEBEL

QUANDO percebi, já conhecia Jezebel. Todos jogavam. E Jezebel com eles. Não se davam conta exatamente do que faziam. E Jezebel com eles. Olhavam as raquetes de cabo longo, capinando as fichas. Olhavam os croupiers de alpaca, a roleta colorida, a bola de marfim e a palavra de mármore na boca do boleiro: Vermelho, 32! E Jezebel com eles. Lembro a mesa cheia de mãos. Mas só Jezebel me acompanhou. Parece-me até que era a única que jogava na sala. Porque era uma sala, com quinhentas ou mil pessoas, uma algazarra monótona chilreando entre objetos de jogo e a sombra de alguma voz: "façam jogo — a dama de copas — ponto e banca — bacará — feito — vermelho, dezenove!"

Só Jezebel jogava, agora não tenho dúvida. Foi o que percebi quando enfiou a mão na bolsa e num gesto de surpresa verificou não ter mais dinheiro e com sábia decepção me falou:

— Afinal, não sei o que vim fazer aqui.

E mais do que sua voz, um contato me despertou. Era seu braço, uma penugem morna roçando sobre o meu, que

olhei com certo delicioso arrepio e encontrei arregaçado, num hábito de jogador, para não bulir nas fichas com a manga do casaco. De forma que estou numa casa de jogo e o mais surpreendente é que me encontro como velho conhecedor das práticas, manobrando fichas e distribuindo paradas.

Seu braço roçou de novo. A princípio me pareceu muito séria para que o tivesse feito com malícia. Se bem que não se deva nunca pôr a mão no fogo por essas mulheres de cassino. Estão dispostas a todos os jogos. E Jezebel estava. Pois com olhos azuis emergindo dos cabelos vermelhos, roçou de novo o meu braço e repetiu:

— Afinal, não sei o que vim fazer aqui. E você?

A pergunta foi tanto mais espantosa, porque era a primeira pessoa que espontaneamente se preocupava comigo, numa indagação tão direta sobre a minha vida. E respondi com ênfase:

— Eu também não.

Recuei um pouco o braço, que ela já quase cinicamente acomodava ao seu. Que então me pareceu um longo pêssego cilíndrico e dourado. Interrompi o jogo para fitá-la. Mas ela voltou com o frisson de seu gesto, para dizer:

— Continue jogando. Um jogador não suspende as paradas por causa duma estranha.

Mostrei-lhe as mãos cheias de fichas e expliquei com inteligência:

— Mas estou jogando da mesma forma.

— Já sei, já sei. Quer dizer que se der um dos números em que teria jogado, perdeu sua parada, e caso contrário ganhou.

— Exatamente — respondi, admirado de sua argúcia.

— Engana-se, rapaz. Desta forma, além de não estar jogando, pode apenas perder. E perder pela metade, pois não despende nada. Se ganhar, ganhará apenas uma coisa que já possui e convenhamos que isto não é um ganho. O jogo é um trabalho em que se deve ganhar ou perder. Deve-se ganhar de fato, isto é, ganhar uma coisa nova. Ou perder de fato, isto é, perder o que se possuía. Continue jogando.

Olhei para a sua bolsa vazia e pensei prudentemente que também eu podia perder todo o meu dinheiro. Seria um inconveniente, numa noite daquelas, com a perspectiva já aberta de uma aventura de amor. E respondi com fingido sarcasmo:

— Você quer consolar-se de sua desgraça, ou será sócia do cassino?

Ela sorriu:

— Sou apenas jogadora, meu amigo. Jogadora profissional, se quiser.

— Pelo que vejo, não me parece muito rendosa sua profissão.

— Ao contrário. Ganho sempre. Quando jogo, bem entendido. Enquanto se joga, mesmo as perdas são uma espécie de lucro. Porque trazem consigo o estímulo e a possibilidade de recuperação. Na verdade, só tenho prejuízo quando não estou jogando, como agora. Pois perco o essencial: a oportunidade de ganhar. Lembra-se do Barão de Cotegipe?

Eu me lembrava, mas não sabia porque.

— Vivia jogando o voltarete — informou-me. A tal ponto, que um dia o Imperador o censurou. Que os negócios do Estado eram prejudicados com tanto tempo perdido no jogo. — Vossa Majestade se engana, respondeu-lhe o barão. No jogo perde-se apenas o tempo de dar cartas.

— De forma que...

— ...os jogadores ganham sempre. Sobretudo tempo. E os que não jogam, sempre perdem.

Ia lançar-lhe em rosto o cinismo e a perversidade de sua doutrina, contar-lhe mesmo uma dezena de histórias que sei, de honrados pais de família arruinados pelo jogo, quando ela continuou:

— Veja os banqueiros do Cassino. Eles ganham sempre, porque não param de jogar. E é isto apenas o que é preciso: não parar. Não deter o movimento contínuo, que traz consigo as possibilidades contínuas.

Pareceu-me tão perfeito este raciocínio, que nem vi mais a necessidade de ouvi-la e curvei-me sobre a mesa, disposto a jogar sem cessar.

Mas quando estendi a mão para cobrir os plenos, senti, mais insinuante que das vezes anteriores, a suave carícia de sua pele passeando nos pêlos de meu braço. O seu estava granulado, como se um sopro frio lhe levantasse a penugem de ouro. E como uma penugem soprava a sua voz:

— Mas vem comigo. Não é só com fichas que se joga. Vem comigo e continuaremos jogando. O tempo, por exemplo.

E com certo despudor amargurado:

— Além disso, não tenho mais dinheiro para jogar aqui. E preciso conseguir. Vem comigo.

Era todo um sortilégio iminente nos seus olhos e nas asas palpitantes das narinas, que eu fui com Jezebel.

Ora, que já não duvido da história de certo marquês de França. Contam que um dia esse fidalgo, para demonstrar suas artes de cavaleiro, montou um corcel e conduziu-o, do Bois de Boulogne ao Palácio de Versailles, usando apenas um fio de seda por cabresto.

Até agora o destino ainda não me transportou a Paris, assim que não sei se é grande essa distância. Pena também que eu tenha esquecido o nome de tão habilidoso marquês, senão poderia averiguar melhor sua façanha.

O que não esqueço é que apenas com a penugem de seu braço roçando a minha, Jezebel me conduziu através de muitas gentes e mesas a um recanto do salão.

Afundei-me com ela no divã e pensava em dizer-lhe alguma coisa distraida e meiga, quando ele passou diante de nós. Sinistramente em seu terno negro, tinha um cravo morto na lapela e um jasmim no rosto. Carregava uma pilha de livros embaixo do braço. Tão bela era a sua tristeza, que me veio imediatamente ao coração a lembrança de Rafael. Mas seria inútil romancear a idéia de Rafael. É um caso perdido. Na loucura, no sono ou na morte — perdido para sempre.

De qualquer forma, tão vivamente o acompanhei com os olhos, que Jezebel notou meu interesse e perguntou:

— Quer conhecê-lo?

E antes mesmo que eu respondesse, estava em minha presença, estendendo-me com encantadora humildade a mais orgulhosa mão que me foi dado apertar. Era branca e seca e parecia rir-se com desdém de meu cumprimento. E sem esperar qualquer convite, o curioso personagem sentou-se à minha direita, tão à vontade, que, irritado por sua sem-cerimônia e pela maneira importuna com que ia interromper minha possível aventura com Jezebel, perguntei-lhe bruscamente:

— Quem é o senhor?

— Conde de Santa Clara — apresentou-se ele com certo pedantismo.

— Isto não me diz nada, cavalheiro —respondi. — Meus avós já eram republicanos e esse título de conde não significa para mim senão que o senhor é um indivíduo obsoleto, com o sangue e as idéias pouco em dia.

— Não se moleste, senhor Gonçalo Falcão de Val-de-Cães.

Estremeci ao ouvi-lo pronunciar meu nome e perguntei atônito:

— Mas como é possível? Como pode saber?

Ele não me deixou terminar:

— Não se moleste, senhor. Há muitas outras coisas que eu sei, sem que o senhor possa explicar como.

— Mas quem é o senhor?

— O Conde de Santa Clara — repetiu — e creio já lhe ter dito.

— Condes... condes... — volvi com desprezo. — Não há mais condes, senhor. Pergunto-lhe quem é, que faz, onde mora — fatos, senhor!

— Não se aflija, amigo. Não tenho culpa alguma de ser conde. Nem meus pais. A culpa, com certeza, é dos antepassados do senhor. De resto, pouco interessa, e eu mesmo não dou a isso a mínima importância. Se quer saber mais alguma coisa, informo-lhe que me chamo Crispim, sou jogador profissional, teórico e prático e resido na roleta número 7, à esquerda, salão *A*, com alguns estágios na mesa 3, bacará, ângulo *D*, do mesmo salão.

A informação, embora minuciosa e completa, parecia-me esdrúxula e irrazoável. Por outro lado, tomei-me de instintiva simpatia por Crispim. Simpatia, admiração e inveja. Este, pelo menos sabia onde morava. E foi com visível humildade que lhe perguntei:

— Mas como é que o senhor se decidiu a residir numa roleta?

— Muito simples, amigo. Eu sou um homem, compreende? O espaço natural do homem é a surpresa. E foi no jogo que encontrei o clima de supresa contínua. Asseguro-lhe que minha residência é tão cômoda e saudável, que o convido a hospedar-se comigo. Tenho feito este convite a muita gente. Talvez o senhor se decida.

Quanto a mim, não sabia se devia levar Crispim a sério. Porque, com toda a seriedade de suas palavras, lia em seu rosto um indisfarçável ar de charlatanice. Perguntei-lhe se era filósofo. Ele sorriu com indulgência:

— Filósofo? Não, senhor. Teria sido um poeta. Mas sou apenas um jogador profissional. Não vê que sou estrangeiro? Isto que nota em meu semblante como se fosse uma falsificação, é apenas um caráter. Sou de outro país. Estrangeiro.

E olhando melhor, tive a súbita impressão de estar falando com um defunto. Tinha feições de cadáver. Era de fato um homem de para lá das fronteiras. Um estrangeiro.

— Talvez o senhor seja o homem que espero. Mas como tenho dificuldade em conversar, por falta de hábito, pois em geral não falo com ninguém, resolvi escrever minhas idéias.

E mostrou-me um pequeno livro em oitavo, elegantemente impresso.

— Neste livrinho, continuou, achará o senhor a chave da sabedoria da residência. Além disso, é a maneira de sustentar meu jogo, pois o senhor há de compreender que eu não jogo apenas teorias. Jogo com fichas. Ofereço-lhe um exemplar. Custa cinqüenta fichas cada um.

Dei-lhe a quantia e ele desapareceu num torvelinho de jogadores, deixando-me nas mãos o folheto.

Jezebel olhava-me exaltada.

— Leia! Leia! — dizia-me. — Eu o sei de cor, palavra por palavra.

Agarrei o folheto com sofreguidão. Era o seguinte:

Crispim. CONDE DE SANTA CLARA

# ELOGIO DA SURPRESA

ao qual se segue

*a verdadeira história do Conde de Santa Clara. contada por ele mesmo*

EDIÇAO DO AUTOR

"Este fato de surpreender-se, de compreender acima e além do mundo e de sua estrutura, de saber em si mesmo, em lato e cabal entendimento, o hermético acontecer que nos referem os sentidos superficiais e profundos, de sobrepor ao demoroso raciocínio a vertiginosa inteligência do instante que confere exato conhecimento e dá justo valor aos sucessos, é matéria — matéria pura — da ontologia humana, daquela que classifica e qualifica o ser na relação existencial com seu mundo e circunstância.

A supresa é fonte lícita de conhecimento; suas verdades são inapeláveis diante da razão; os fatos da surpresa encarnam um justo sentido axiológico que a razão confirma com posterioridade; a estética provê os dados da surpresa e a poesia tem sua preciosa fonte nesta faculdade privativa diante da visão sensorial e mágica do mistério.

## ESTRANHO, EXTERIOR E PROBLEMÁTICO

Em um belo ensaio, Xavier Zubiri detinha-se nas palavras "estranho" e "estranheza", significantes da relação de conhecimento entre o homem (sujeito) e seus arredores (objeto). As coisas estão fora — externas — de nós. Esta dupla circunstância — exterior e problemática — resume-se nos termos "estranho" (substantivo do fato) e "estranheza" (forma existencial do conhecimento).

A possibilidade de estranheza — em mero sentido — nos redime da condição de natureza, põe uma cesura entre o mundo íntimo que o espírito governa e a suma de fatos e fenômenos que se sucedem na periferia de nossos sentidos. A estranheza e somente a estranheza — nos dá o conhecimento. Quando entramos num aposento desconhecido, nossos

olhos vão descobrindo, com pausa compreensiva, as dimenções, os adornos, os móveis, o uso de cada um deles, as decorações, as cores e a suma de noções que nos dará a idéia total do novo recinto. Poderemos dizer a mesma coisa a respeito de nosso quarto? A familiaridade de nossos sentidos com os objetos que vemos quotidianamente impede-nos o conhecimento de nosso quarto. As coisas ocultam-se atrás da familiaridade e da repetição. O ruido do mar que entra por nossa janela, o tremor das paredes com a passagem do trem de ferro, os pregoeiros da manhã não ferem nossa sensibilidade e muito menos chegam a ser inteligíveis. O descobrir do oculto, a comoção que suspende a maravilha — a surpresa, em suma — é o veículo que nos faz estranhos aos fenômenos que nos rodeiam e que nos manifesta sua complicação e significado.

## MANEIRAS DE SURPRESA

A manifestação da surpresa no homem tem forma e conteúdo classificados na conduta e no temperamento. A estranheza — prenhe de significado — é a forma, a convexidade, o perímetro tangível, a apreensão imediata, o plano visível do fantástico, que é o conteúdo homogêneo e a substância real da surpresa. O fantástico se revela — no dizer de Joyce — por morte, ausência, ou mudança de costumes; aproxima-se ao entendimento por sua forma, que é a estranheza. O surpreender-se, em categoria reflexiva, é a introdução dessa estrutura complexa (estranheza e fantasma) nas zonas firmes da consciência e da memória. A surpresa reside nos limites, nas linhas divisórias da alma e do espírito, da imaginação e da inteligência; manifesta-se sem a mecânica da vontade ou da inspiração e em parentesco íntimo com a angústia, com o milagre, a aventura, o divino e com a transparência límpida do sobrenatural.

## A SARÇA ARDENTE E DAMASCO

A tremenda presença de Deus vivo coloca pânico no timorato Moisés. Inclina os olhos e os ouvidos até os anular no descobrimento da sarça que arde sem se consumir. A surpresa, que não é vontade, que não é inspiração nem tampouco imaginação — abate seus sentidos para apoderar-se de seu ser profundo, para dar-lhe o pleno saber da ordem divina. Moisés sabe com saber de verdade profunda — por surpresa — da vontade de Deus. Neste instante, o homem Moisés é — menos que nunca — natureza, é o homem completo de corpo e alma em tensão e com virtude divina, que a surpresa lhe revelou.

Paulo encaminha-se a Damasco cheio de vontade na perseguição dos discípulos do Galileu. No caminho, uma força estranha, inesperada, que opera fisicamente sobre seus sentidos, cega-o e derruba-o. O Deus vivo toma a Paulo na surpresa e na angústia para obrar sua conversão. Não é a razão nem a reflexão e menos ainda a consciência, o espetáculo de Paulo na eleição do caminho, da senda da revelação. Pela surpresa, por esta qualidade intimamente humana do homem, o homem Paulo recebe a divina missão apostólica.

No ciclo litúrgico repete-se quotidianamente o mistério eucarístico. Deus se nos oferece sob as espécies de pão e vinho. Cai o sacerdote na anáfora e diz: "Este é verdadeiramente o meu corpo" — e tombamos de joelhos ante a surpresa da presença divina.

Neste momento da Missa — é o Cânon — o homem não está emocionado; tampouco comove sua alma a inspiração e menos ainda se poderia dizer que o espírito raciocina e compreende. Está simplesmente surpreendido; a consciência tomou e apreendeu o mistério por cima das faculdades usuais. A matéria da surpresa se desvanece até

tornar-se impalpável no discurso breve da presença e fica o espírito em plenitude de manifestação.

É preciso, por conseguinte, separar da contextura elementar da surpresa, a emoção, a inspiração e a intuição, sentimentos não duráveis e alheios ao próprio fato de surpreender-se.

## A SURPRESA E O TÉDIO

Na linguagem polida das horas bòia o espírito em angustiosa suspensão sobre o nada. O tédio esconde-se nos interstícios mais ocultos do pensamento e fortifica o desequilíbrio do próprio fato de viver. O tédio é o agente imediato do nada total, metafísico, que rodeia e prostra a alma do homem no pecado, em seu melancólico regresso ao lodo e ao pó.

A surpresa da fé, a misteriosa qualidade reflexiva de surpreender-se (surpreender a si mesmo), é o equilíbrio, o retorno exato do homem natureza ao homem pessoa. O tédio e a surpresa contrapõem-se, tornam-se antinômicos no jogo cenestésico do homem. Na vertigem do tédio o ser dissolve a substância íntima que o identifica entre todas as coisas para obscurecer-se no vazio, para ser opaco e desvanecer-se num niilismo ontológico. A surpresa o resgata, o reelege nìtidamente humano na estranheza que opera a justa cesura entre natureza e pessoa. A transcendência é a manifestação da surpresa e é o elemento subsistente de suas obras sobre o espírito.

## A SURPRESA NA ARTE E NO AMOR

O achado na criação, a fina motivação do encontro poético, produto de inumeráveis estímulos obrando sobre os sentidos, sobre a memória e a inte-

ligência — é expressado ao artista em transe e atitude de surpresa. Serão porventura um mensurado raciocínio, ou um ato de surpresa o tema e o fundo da obra de arte? É preciso separar, identificar e classificar os estímulos sensoriais e intelectuais que concorrem para o estado de criação.

Empírica e posteriormente podemos reconstruir os graus e passos que levam à criação propriamente dita. A memória obra sobre as sensações; a inteligência analisa e separa os estímulos; os arredores do artista tornam-se estranhos, torna-se fantástica sua própria existência e ele recolhe-se em si mesmo cheio de surpresa, surpreende-se em grau reflexivo, com um obrar transitivo para o seu próprio existir.

Quando pode o homem dizer que está enamorado? Quando se fundiu o objeto amado em seu pensamento? A memória pode conduzir-nos até o instante justo em que a razão adquire a noção de seu novo estado. Lembro-me de uma clara meia-noite sobre o mar e a figura de Pichin recortada sobre a espuma. A surpresa moveu à busca do objeto surpreendente e amado e todos os atos seguintes condicionam-se pela primeira surpresa que fez o conhecimento.

## A SURPRESA E O AZAR

A alma funde-se e afoga-se na densidade gelatinosa do tédio. Seus passos breves não têm o cabo sólido que a recolha do afogamento sem pausa nem as braçadas encontram o ponto de apoio e a flutuação que redimem o espírito do fastio. A tristeza é o predicado natural do tédio.

Como opera a surpresa neste resgate da alma? Precisamos estabelecer seu vínculo com o azar à luz da própria estrutura e intimidade do azar? Quando é que o aconteci-

mento azar tem por acréscimo o acontecimento surpresa e como irrompe a violência do azar no conteúdo da alma?

O azar opõe-se e faz-se antípoda da certeza, como o frio do gelo ao calor da chama, a verdade à mentira e a liberdade ao cárcere. A existência da certeza anula a esperança do azar que se transforma numa tentação, em anti-alma e em vale da surpresa. O azar — um azar de vida orgânica, que nasce, cresce e morre — torna-se substância da alma com esperança. Nada, nem o lance de dados, abolirá o azar erigido em suporte da alma possuida pela esperança."

A minha própria história, que passarei a contar, decorre e transcorre nesta tentação e violência que o azar — em oposição e luta indivisível com a certeza — provoca na alma do homem cingido à esperança.

## A VERDADEIRA HISTÓRIA DO CONDE DE SANTA CLARA

Todos os freqüentadores do Cassino me conhecem de vista e sabem que sou o Conde de Santa Clara. Olham-me com curiosidade, com desprezo ou com piedade, porque sabem todos que resido na roleta número 7. O que ninguém sabe é de como cheguei a adotar meu atual endereço. Pois antes vivia numa antiga casa senhorial, rodeado de parentes e amigos, de livros e criados e um enorme cão dinamarquês, tão belo como a minha noiva. Chamava-se Gabriela e a elegância de seu andar não perdia para as éguas de minha estribaria. Delas, como de Gabriela, não tenho saudade alguma e são lembranças apenas de meus olhos. Aliás, mesmo em casa eu vivia mais com minhas álgebras e meus cálculos que com qualquer outra coisa. Uma noite, por desfastio, talvez por fruto de minhas matemáticas, fui parar num Cassino.

Era uma chuva de luzes. Tapete macio, bom de pisar. Gostoso. Mulheres de costas nuas e douradas. Deliciosa idéia de passar os dedos naquelas costas esplêndidas. E os homens elegantes e as mulheres que dançavam na surdina alisando-lhes o rosto com o peso macio dos cabelos. Mas o que me prende finalmente a atenção é a sala de jogo. O barulho das fichas, os croupiers reluzentes, "façam jogo, preto — quinze!"

De forma que me coloco na sala e os contemplo.

Acotovelam-se. A mesa está cheia de gente e o pano cheio de fichas. Um sujeito gordo, de pele avermelhada e gordurosa, queixa-se de que perdeu quarenta mil fichas perseguindo o 8, e o 8 não deu. Não joga mais no 8. Olho a roleta e apreendo rapidamente a sua ciência. As chances simples, as duplas, os plenos. Uma loura de longas unhas vermelhas jogou tudo no 27. Parece que até as compridas unhas de sangue ficaram no 27. Todos os plenos estavam carregados. Apenas o 8 continuava vazio. De repente, como se uma luz fosforescesse no algarismo, vi que ia dar o 8. Não era palpite. Era uma certeza absoluta e completa. Ia dar o 8. E ninguém jogava. Agarrei nervoso o homem gordo: "Cavalheiro, justamente agora vai dar o 8!" — O homem granhiu num sotaque estrangeiro: — "Deixe-me em paz!" — Fechei os olhos para não ver, e o croupier cantou: — "Preto, 8!" — O gordo me lançou um olhar furioso, engoliu um palavrão e mudou de mesa. Bem feito!

Tive pena da loura de unhas vermelhas. Olhei o pano. Enchiam todos os números, todos menos o 7, que estava lá no alto, à esquerda, brilhando. Ia dar o 7. Eu tinha certeza.

— Senhorita, vai dar o 7!

Nem me ligou. Insisti. Com um muxoxo, como se me estivesse fazendo um favor, jogou uma pequena ficha no 7 e me olhou:

— Para lhe fazer a vontade — disse.

E o croupier já gritava:

— Feito — vermelho, 7!

Agradeci à mocinha, como se fosse ela que me tivesse feito um favor, acreditando no que eu dizia. Ela quis me dar algumas fichas.

— Não, senhora, muito obrigado.

Fiquei com vergonha. — Façam jogo! — E claramente vi que ia dar o 25. Tentei avisar a várias pessoas, mas nem a mocinha de unhas compridas me deu atenção. Um sujeito moreno, magro, cheio de tiques chegou até a me dar um empurrão e mudou de mesa. Gozei ainda, porque apertou os dedos e mordeu o lábio inferior, quando o croupier anunciou:

— Feito — vermelho, 25!

Seria um dom especial? Um mistério? O fato é que eu sabia com matemática certeza os números que iam dar. Funcionava a minha álgebra. Estudando demoradamente a teoria das probabilidades, tornei-me sábio do rítmo das repetições numa roletá e logrei possuir, em minhas anotações mentais, o número suficiente dessas repetições para adquirir a lei da certeza, a infalível ciência do número em que deve cair a bolinha da certeza na próxima jogada.

Assim, constatei, na boca do croupier, o 15, o 20, o 33. Poderiam pensar que era um fenômeno. Um dom, desses que a gente tem sem saber e só descobre num momento inesperado e providencial. Mas minha certeza não é intuitiva. É lógica, evidente, algébrica. Agora, por exemplo, depois do 33, só pode dar o 5. A voz do croupier já é apenas um eco de minha certeza:

— Vermelho, 5!

Mas que bobagem estou fazendo! Em vez de aconselhar e pedir aos outros que joguem, devo é jogar eu mesmo. Claro. Recebi as fichas. Olhei para os parceiros e para o pano com um sorriso de orgulho. Lá estava o *dezessete* no meio da mesa, brilhando sobre um fundo preto. Os vizinhos e o setor inteiro estavam cheios, mas no 17 mesmo, só dois ou três semiplenos. Todos me olharam quando descarreguei completa minha bagagem de placas no pleno, nas quadras, nas ruas e esguichos do 17. Esperei com um olhar de desafio e o boleiro anunciou: "preto, 17!" Depois o 9. O 23. O 12. O 36. Corriam torrentes de fichas para as minhas mãos, mas ninguém acompanhava o meu jogo. Tinham inveja. Esperavam que a cada momento talhasse a minha sorte. E paravam contra. Trocaram duas vezes o boleiro e o ficheiro. E eu continuava, impassível. As pilhas cresciam na minha frente, quadradas, redondas, ovais, brancas, vermelhas, amarelas. Uma fortuna. E todos esperando inutilmente que parasse a minha sorte. Mas não era sorte. Era certeza. E as fichas multiplicavam-se em assombrosa progressão, a cada rodada da roleta. Estava comigo a ciência infalível que não alterava sua vigência.

De repente me dei conta que não estava jogando. Era um roubo. Afinal, aquilo era uma casa de jogo, onde só se devia contar com a sorte e a incerteza. Jogo é isto. E a rigor, eu não estava jogando. Plantava na certa. Era uma deslealdade, uma desonestidade, uma imoralidade, um roubo. Um tremor de culpa apoderou-se de minha consciência de homem das probabilidades absolutas. Não era lícito. Era uma chantagem. Roubava aos banqueiros e anulava as esperanças dos parceiros que não apostavam no meu número por lei de supersticiosas probabilidades. Vou-me embora.

Recolhi rapidamente as fichas.

— Não vá embora, senhor conde. O senhor hoje está com sorte.

O homem do guichêt me cumprimenta amável e conta centenas de milhares de fichas. Recebo, mas subitamente o contato das notas enche-me os dedos de repugnância. Não posso aceitar este dinheiro. Não é meu. Foi um roubo. Volto ao guichêt:

— Cavalheiro, faça o favor de guardar este dinheiro. Não tenho direito.

O homem olhou estupefato. Que eu estava doido. Que o dinheiro era meu. Indiscutivelmente. Que eu tinha ganho honestamente no pano verde. Que era difícil ganhar e que em geral a gente até perdia. Não houve jeito de devolver o dinheiro. O remédio foi voltar à mesa e jogar de novo. Lancei todas as notas sobre o pano e recebi as fichas. Olhei os números. Ia dar o 20. Mas eu não podia jogar no 20. Seria desonesto. Era preciso subtrair-me à certeza, a esta certeza que me aferrolhava a alma, fechando-a para a esperança e para a surpresa.

Enchi o pano. Figurei quase todos os números. Podia ser que, apesar de minha certeza, a fatalidade interviesse, a bolinha desse um salto e caísse no setor, num vizinho, no 1, por exemplo. Fechei os olhos para não ver, e o boleiro cantou, implacável como a minha certeza:

— Preto, 20!

Depois era o 7. O 7 estava aceso à esquerda, no alto da mesa. Não havia dúvida. Enchi ruas, quadras e plenos. Afinal, eu gostaria de ganhar. Mas honestamente, jogando. E acumulei os vizinhos do 7, o 28 e o 29. Um escorregão da bola me salvaria. Apoiei os dedos suados na ponta da mesa e esperei:

— Vermelho, 7!

E fui perdendo. Contra todos os números que eu sabia. Quando reparei, não tinha mais de trinta fichas na mão. Meu último dinheiro. Mas não era possível roubar. Olhei o pano com olhos amargos e desejosos. Lá em cima fulgurava o *zero*. Ia dar o *zero*. Com os dedos trêmulos agarrei as fichas. As últimas. E joguei. Contra a minha certeza. Contra o *zero*. No 26 e no 32. Eram vizinhos e podia ser...

Fúnebre e imperturbável, o boleiro anunciou:

— Zero!

Contra a minha certeza, na defesa da esperança, perdera tudo. Porque minha alma estava endemoniada pela certeza, alheia à muito humana alternativa do ser e do não ser, do poder e não poder.

## ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

E aí pode-se dizer que termina a minha história. Ou melhor, começa. Porque no dia seguinte retirei todos os meus haveres do Banco, reduzi a dinheiro todos os bens da família e vim residir, cheio de esperança, na roleta número 7. Pode ser que um dia eu recupere, multiplicadas, as fortunas perdidas. A simples existência desta esperança é suficiente para reduzir ao ridículo todos os que escarnecem hoje do Conde de Santa Clara.

### A CERTEZA DEMONÍACA

A certeza é predicado do demônio. Ele não tem eleição em sua conduta, porque é sujeito do mal. Ele mesmo o disse a Faust, que foi dono do primeiro ato, mas escravo dos seguintes. A certeza, que é determinismo, que é sina,

opõe-se à liberdade alimentada pela esperança. O clima da certeza é a tristeza e o tédio, é a queda no nada, é o vazio tenebroso onde a alma se torna natureza.

Eu disse que o acontecimento azar tem por acréscimo o acontecimento surpresa. Este parentesco se faz mais íntimo e coexistente na interdependência de seus elementos.

A estranheza é a forma e o fantástico é o conteúdo da surpresa. Para que a estranheza fira as faculdades da alma, precisa da vigência do azar, da irrupção violenta do azar no acontecer. O movimento do azar está alheio — como a surpresa — à vontade, à inspiração e ao raciocínio. Um jogador sábio de cassino disse uma vez esta sábia frase, numa disputa com o banqueiro:

— Jogo com fichas e não com intenções.

Há uma estrutura material — e somente uma — nos mais finos estímulos do azar e da surpresa.

## A SURPRESA NA CRIAÇÃO

Quis explicar, no princípio deste "Elogio", o fato da surpresa na criação e no amor. Minha explicação foi curta de exemplos, por não ter ainda elaborado a conjunção natural do azar e da surpresa. O azar é a solidificação, a transubstanciação da pluralidade em um, a elemental textura de vários estímulos que por maravilhosa química entrelaçam e dissolvem seus particulares significados para operar a surpresa. O azar não é sem o risco da surpresa e a surpresa careceria de atmosfera e de mecânica sem o azar.

A criação propriamente dita é a elaboração dos estímulos para a expressão. Acaso, quando a obra se desprende do artista, como o fruto da árvore, quando está para lá da ponta de seus dedos — não se ergue ela, objetiva e estranha ao seu próprio ser? Não é a surpresa em sentido lato, a primeira noção depois do alumbramento? Existe também a

criação inversa — obediente às mesmas leis — que acontece quando a expressão é dada e temos de separar seus elementos na síntese reflexiva. Criador e espectador são sujeitos da obra de arte simultaneamente concebidos e em função com a mesma existência do fato estético. A surpresa — e somente a surpresa — exige a capacidade crítica e compreensiva do homem diante da expressão realizada. O azar colocou em evidência a criação e a surpresa, assimilou-as, deu-lhes categoria ontológica no conhecimento".

Mal terminei a leitura do estranho opúsculo, lembrei-me do convite de Crispim e veio-me a idéia de pedir-lhe hospedagem em sua residência. Procurei-o com os olhos e distingui-o entre figuras pretas e vermelhas, com seu cravo morto na lapela e seu jasmim no rosto. Levantei-me. Mas neste momento, nas costas de minha mão roçava a flor da pele de Jezebel. Sentei-me de novo e percorri-lhe o corpo descobridoramente.

Ah! se tivésseis visto Jezebel! Se eu a tivesse encontrado mais cedo, anos ao longe!

Sei de um fidalgo alemão a quem às vezes aparecia a amada morta. Não ela, propriamente, que estava morta e muito morta e que, de resto, segundas as vagas informações de seu amante, parece que nunca chegara a viver. Coisas de poetas, enfim, e só as recordo para dizer que, rigorosamente falando, o único pedaço que aparecia de sua amada era a voz. Sem dúvida por ser a única coisa que existira realmente. Porque se o resto de sua pessoa tivesse existido também, por certo que apareceria igualmente, cada vez que se reproduzisse o fantasma da voz. Sobre a qual insisto tanto, afinal, porque era como a sua, a voz de Jezebel: "se é verdade que os anjos são machos, pode-se dizer que tinha um acento macho na voz." Uma virilidade tenebrosa, talvez

mais de anjo mau que de anjo bom, pois numa deliciosa e longínqua rouquidão se embriagava. Realmente, era um pouco bêbada a voz de Jezebel. Mas ao contrário daquela duvidosa amada dum incerto castelo de Boussac, Jezebel não era apenas uma voz. Era um corpo inteiro, olhos, cabelos, vestido esticado nos seios e um braço roçando cìnicamente de vez em quando. E foi tanto com a voz como com a penugem do braço e o corpo inteiro que ela me acariciou e falou:

— Gosta de jogar?

Fiquei espantado, pois nunca havia pensado nisso. O que me ocorreu foi dizer-lhe que eu nem sabia de que gostava. E era uma verdade. Claro que em todas as coisas que tenho dito e feito, ponho sempre certa dose maior ou menor de prazer. Mas dizer de que coisas gosto, sincera e verdadeiramente — não sei e não posso. Foi o que lhe expliquei e ela achou muito justo.

— Então — respondeu-me — é um bom jogador.

Não compreendi bem o nexo de sua conclusão, e por outro lado já me enfadava o ter de fazer confidências a uma suspeita mulher de cassino. Nem me impressionavam suas palavras inteligentes e agudas. Devia ser uma facilidade superficial de conversa, adquirida no trato diário do jogo, que era seu assunto e ofício. Pois ela mesma dissera ser uma jogadora profissional. Além disso, o suave movimento roçagante do braço já lhe descera à perna, que ela alisava agora de encontro à minha.

— Onde podemos ir esta noite?

— Quem sabe? — contestou. — Em todo caso, o melhor é sairmos e já veremos. Você é solteiro?

— Não, — respondi meio confuso — mas acontece que não sei onde está minha mulher. Ou melhor, sei muito bem. Ela é que não sabe onde eu ando.

Deu uma gargalhada:

— Ótimo! Sabe mais do que eu, que também sou casada, mas nem meu marido sabe onde estou nem eu imagino onde ele anda.

Atravessamos o enorme salão e apenas recordo o verde profundo e largo dos tapetes acolhendo a monotonia dos fregueses, de seus movimentos e de seu barulho. E aquele braço, que com maciez de seda me arrastava. Já estávamos no hall e entre duas colunas encontrei-me diante de um balcão, atendido por uma sonolenta senhorita de cabelos platinados. Com habituada sabedoria Jezebel estendeu-lhe duas fichas. E com a maior sem-cerimônia extraiu de meu bolso uma nota que deu de gorjeta. A moça restituiu-lhe um casaco de peles. Voltei-me para colocá-lo em seus ombros. O que cumpri com tanta elegância, que me deu certo prazer. E de repente me ocorreu que era esta uma coisa que eu podia dizer com segurança: — gosto de ajudar mulheres de raça a vestir e tirar casacos e com uma ligeira inclinação de cabeça, um gesto curvo da mão esquerda, preparar-lhes uma cadeira. Certo sangue fraco de cronista mundano que me corre nas veias. Era o que ia dizer a Jezebel, quando, voltando-me, dei com os olhos no balcão. E vi, não mais a senhorita platinada, mas uma branca mão, talvez a sua, muito branca e muito triste, que se estendia para mim. Tive a impressão que eram mãos de uma defunta, da morte ou do passado levantando-se e com dedos imóveis e gelados segurando e oferecendo o meu chapéu de largas abas amarelas. Era ele, com sua amarga copa amarrotada. Enterrei-o na cabeça, disposto de súbito a não me deixar mais arrastar por Jezebel. Agarrei-a com violência pelo braço e saimos do cassino em passo tempestuoso. Só depois de termos virado uma esquina, lembrei-me de que à saída um lacaio ou porteiro se curvara à nossa passagem e com falsa gravidade me saudara:

— Bon soir, Monsieur.

Estaquei assombrado. Não há dúvida. Era a mesma voz que eu já ouvira uma vez na portaria dum hotel. informando maquinalmente:

— Monsieur Gonçalo Falcão de Val-de-Cães, hora de entrada — 0,00.

Neste momento derriou-se um pouco o seu casaco e a penugem dourada do braço de Jezebel me perpassou pelas costas das mãos, pelas gemas dos dedos. E já não era possível voltar.

## PELA LADEIRA

Foi me levando.

— "Jezebel, para onde vamos?"

Ela dava uma gargalhada clara e seus olhos ao luar se tornavam mais azuis. E a sua gargalhada mais de prata. Para fazer-me no rosto, com a ponta do chicote, uma carícia selvagem, aproximava tanto do meu o seu cavalo baio. que os animais se empinavam rinchando ao sentirem no pêlo as ancas se esfregando. Excitavam-se.

E Jezebel com eles.

Pois estávamos a cavalo e seguíamos por uma fantástica ladeira. Sobre as pedras úmidas e lisas, ora verdes, ora azuis, debruçavam-se palmeiras e crótons bravos entre moitas de taquaras e manchas de luar desmanchado. Nas avencas e musgos desmanchando. Não existia um caminho. E ao murmurante fantasma de um fio de água que descia da serra enluarada, os cavalos, que à lua pareciam de prata, tremiam enfeitiçados.

E Jezebel com eles.

Eu não podia imaginar para onde estava indo, nem pensava nisso. Porque viajávamos sem rumo, ao sabor da ladeira. Mas ainda assim, tinha a impressão de reencontrar

uma coisa qualquer. O sentimento perdido de transportar-me a alguma parte acordado e por minhas próprias forças. O que, de resto, não era verdade. Pois era Jezebel, a sua embriaguez, que me transportava. De qualquer forma eu seguia. E a cada volta parecia que a ladeira se ia renovando. Das bananeiras frescas os mangarás pendiam. E a brisa era tão doce, que nem os balouçava. Mas em sua própria sombra pareciam mais novos. E rejuvenesciam as curvas da ladeira, as palmas da carnaúba, a cantiga da água, os bambuzais e os cascos dos cavalos nas pedras.

E Jezebel com eles.

Numa nesga de luz pude contemplá-la. Ia dizer-lhe surpreso a mudança de seu rosto, os cabelos quase verdes e a beleza infantil de sua boca, quando a ponta de seu chicote levantou-me o queixo, e num riso de covas nas bochechas ela disse:

— És uma criança, Gonçalo!

E meu nome em seus lábios era novo e puro.

Quanto tempo teríamos andado por ali? É impossível dizer. Pois na verdade decorreram muitos anos. Como a corda desandada de um relógio, voltáramos aos anos perdidos e no lugar das árvores cansadas eram as plantas da primavera e a manhã das adolescências em flor.

De um salto sobre a última laje alisada pela lua, os cavalos começaram a trotar na estrada branca e aberta. Desabrochava a madrugada e seu rosto cantava um canto de matina na planície. Entre a Estrela d'Alva e o chão orvalhado da estrada real, onde os cavalos agora galopavam, Jezebel sorria. Fitei o seu semblante ao compasso do galope e entre os cabelos que voavam, ela me dizia num grito alegre:

— Tenho agora quatorze anos. E tu?

Cortei-lhe audaciosamente a carreira e segurando a brida de sua montaria, dei-lhe um beijo na boca. Mas os cavalos dispararam espantados.

E Jezebel com eles.

Ao galope, cada vez mais violento, ela ora se adiantava, ora se atrasava de mim, gritando-me de longe frases que me chegavam aos pedaços. Mas pude entender muito bem quando ela disse:

— Aposto que também tens quatorze anos!

E eu sabia que era verdade. E não me preocupava mais a minha aventura de irresidência, já agora não apenas no espaço, mas também no tempo. Em todo caso perguntei:

— Até onde iremos, Jezebel?

— Já estamos chegando — disse ela.

E distingui, como se tivesse surgido de repente sobre a relva, à larga margem da estrada, um enorme casarão branco, acachapado, entre cercas e tronqueiras e rodeado de alpendres.

## A CASA DA INFÂNCIA

Diante das varandas silenciosas, a primeira idéia foi de não saltar. Não apenas pela delícia de continuar galopando, entre o cheiro selvagem do suor dos cavalos e a carícia rude do chicote de Jezebel no queixo. Mas sobretudo pelo terror que escorria das paredes brancas. Pois a casa surgiu como um fantasma. Aparição de alguma coisa que eu conhecera e dera por morta há muitos anos.

Entre indeciso e assustado, alisava as crinas avermelhadas do cavalo, quando, a um grito de Jezebel, ele apareceu na moldura da porta. Não sei se contive uma exclamação de surpresa e espanto, porque, assim como a casa, a figura de Gamaliel ergueu-se como uma aparição. Eu, que o sabia morto e enterrado há tantos anos, podia vê-lo agora

ali, com seus olhos muito negros, sua bengala, o eterno chapéu coco e o sorriso cínico de sempre entre o bigode e os dentes.

Voltei-me para Jezebel:

— Não me apeio aqui. Já vi este homem e não tenho coragem. Vamos continuar nossa viagem, Jezebel.

Mas Gamaliel já se aproximara dela, perguntando:

— Quem é este rapaz? — e apontava para mim com a bengala preta.

— É um peregrino — informou ela. — Peregrino das próprias entranhas.

E deu uma gargalhada, porque a frase lhe pareceu pitoresca.

Num gesto de cortesia cínica, ele, tomando as rédeas do animal e segurando um estribo, convidou:

— Eu já o conheço. Tenha a bondade de apear-se.

Continuei montado e encarei-o com rancor:

— Eu também o conheço. E conheço esta casa. É verdade que está tudo um pouco escurecido. E justamente por isso, não quero. Tenho medo de avivar sua figura e esta casa na memória escurecida.

— Mas talvez — disse ele com diabólica sabedoria — talvez na memória escurecida você venha encontrar o nó de seu mistério. Estas coisas acontecem assim: "numa pesca, numa investida de mineiro, num poço de amor e de dor, num descender de forma no pião, num agudo funil, num florete que vai por sua alma aos depósitos de ferro do centro da terra."

Por estranho que me parecesse o discurso, havia em seus olhos a centelha de uma tenebrosa sedução.

Os cabelos soltos e a cabeça erguida, Jezebel acariciava-me a perna com mãos infantis. E mostrando-me uma pequenina cicatriz na testa, apontou para a janela, dizendo:

— Eu tinha cinco anos quando caí daquele peitoril.

E neste instante, como se um sopro muito antigo, um gole de vento há tanto respirado me voltasse às narinas, ao pulmão, saltei do cavalo, na agilidade das calças curtas, num salto para a respiração levíssima do lírico.

— Olha aquelas rosas — disse ela.

As rosas estavam abrindo se ao sol. Sei que à tarde se fecham e ficam de novo em botão, durante toda a noite, até à manhã seguinte.

Gamaliel murmurava com um sorriso insinuante:

— Por que não? Porque não se atrever à viagem, às lágrimas e ao grave pensamento do ser inconsolável, o que queira esmiuçar aquela paragem dos anos abotoados?

Não sei que poderosa infiltração saía daquela voz. O fato é que quando percebi, já tínhamos atravessado a varanda e estávamos de mãos dadas como duas crianças, Jezebel e eu, à boca dum corredor escuro e abobadado, que parecia perder-se na enormidade do casarão. Avancei meticulosamente alguns passos, mas logo estaquei com o súbito terror de quem entra num cemitério.

Perfidamente, deliciosamente, um arrepio me encolheu os músculos. Era o braço de Jezebel, mais insinuante do que nunca, perpassando no meu. O corredor tornara-se mais escuro. Com apavorada paixão apertei-a de encontro ao peito, senti a maciez da boca, a dureza apalpada dos seios, os cabelos frescos e o hálito morno das narinas. Neste momento, como de um gato fosforescendo no meio da escuridão, vi o brilho verde de dois olhos sobre nós. Era Gamaliel esgueirando-se no corredor. E iluminado apenas pelo clarão sinistro e diabólico daquelas pupilas, o rosto de Jezebel me apareceu. Era de novo a experiente mulher do Cassino, com seus olhos azuis emergindo dos cabelos vermelhos, aquela voz de contralto, de anjo macho, que numa longínqua rouquidão começou a falar. E à medida que ia falando, sobre seu rosto iam-se lentamente

desmaiando as orquídeas e os olhos perigosos, para desabrochar de novo o lírio, que afinal se ergueu, vertical e puro, à sombra infantil de seus cabelos. Como um álbum de retratos de traz para diante percorrido, e a cada folha e a cada palavra, aparecia mais criança. E assim ia dizendo:

— Também sabemos que é perigosa a gruta e o tempo precipitado de ir a ela. Mas não sabemos que misterioso daimon nos trouxe agora mesmo para cá, para despedir muitas sombras insistentes que não se desapegariam da terra dos nossos primeiros passos, se não fosse ao comando de nossa própria voz — a única que eles reconheceriam. Uma sensação irrevelável de angústia e de despedida ao colher (— como dizia o poeta — "con la mano en concha atesora nieve nocturna") — colher neve noturna, certos de que o sol de amanhã a despediria em outra forma e misturada já às cores do mundo; mas porque somos daqui, porque temos aqui filiação e paternidade, temos de dizer e ouvir das formas, muitas delas já desfeitas, procurar entre os perfis dos antepassados os lugares de nossos pés junto às terras vivas do cemitério, junto aos álbuns de família, junto às árvores dos frutos míticos, junto às tranças em forma de coroa, junto aos rios moles e junto a todos os que puseram seu sangue nos nossos lábios quando eles se aprestavam para a palavra. Há também qualquer coisa de devolução numa viagem à casa da infância, uma devolução de ar. Se os sentidos, e apenas eles, pedissem alimentos tão trabalhosamente conquistados, talvez o que acontecesse fosse apenas uma desordem do sentimento. Mas o matrimônio do tempo irreversível com a criação do tempo permanente da poesia é copioso, mas discreto: vivo, mas coberto de pudor — "una soledad sonora, una música callada". Coletânea gotejada, soma do próprio coração que abre sua memória para contar-se. Este e aquele lado chamei norte e sul, neste e naquele ouvido meus prantos

se afundaram e desta ou daquela voz tirei forças para dizer ou para calar. Mas ainda há mais. Há a nuvem contínua, a matriz da solidão, o fechamento dos quartos, as noites diurnas, as noturnas claridades, o vozerio dos castigos, os açoites das asas misturados ao límpido gorgulhar dos pombos jovens e das maternas carícias sob as telhas, sob as frágeis madeiras onde pusemos dois golpes de coração sobre os pregos de seu fundamento. O sol talvez, talvez a febre, assim chamam os médicos e os homens em geral a essa olimpíada do sangue — a febre deposita suas escrituras, queima a pele, inscreve os delírios que vão dialogar com os delírios do tempo que aparenta dar-se a conhecer. Esta ou aquela parte do corpo ainda não feita para o uso pleno, ainda não posta nas balanças assombrosas dos dias plenamente crescidos, ali, ver nossas raízes entre a matéria incerta, incerta pela vida cortada, pelos dedos mortais e amarelos que nos levaram ao susto e à surpresa de não nos vermos quando nos separam milímetros de carne. Assim também o desmaio no combate, a primeira reconstrução de rebeliões, a espada de dois mil anos, os gritos e os galopes centauros através de pátios extensamente abertos, a covardia, os nomes inventados, nunca ouvidos antes em forma deletreável, a desculpa, a queda dos olhos, a lágrima para a lã do travesseiro entre as largas filas brancas de outros cavaleiros irremediavelmente mortos. As explosões, ninguém as poderia acompanhar, ninguém de outra esfera e dificilmente os do mesmo clã, ninguém pode vir até ali, quando no peito se racha uma rosa e mostra as dobras finas, o sexo, a paz, o túmulo do mel mais atraente.

Uma e outra esquina, uma e outra pedra, um e outro leito, uma e outra anestesia cravam apressadamente os seus distintivos, os seus brasões, como se estivessem dispostos a ir de novo para o caminho que ninguém sabe nem quando

nem como acaba. É preciso recolher cuidadosamente e até alegremente essas coisas temporais, porque há uma despedida que permanece como para esculpir as linhas projetivas da mesma morte. É essa proximidade que leva sempre à confissão. Os homens fazem assim, chamam o sacerdote, tomados misericordiosamente do temor de Deus. Os meninos correm e se escondem no colo da mãe ou da amiga, que eles vêem materna, ou do sangue que com mais presteza e com melhor palavra os arrasta inexoravelmente. Quem tem que cantar, ordena as penas, procura com o bico as suas raízes, corre o rosto sobre elas, suga e levanta para o tope onde estão as suas correspondências, a comunicação do que encontrou dentro de si mesmo. As penas são comuns umas às outras, estão filiadas, irmanadas, soldadas e não crescem senão depois de um concílio e uma reabertura promíscua das chagas. Daí a energia do delírio — sua seqüência, sua ordenada desordem, sua vitalidade morbosa e o perder-se seguido e responsável do olhar para a própria medula do corpo. Daí o parentesco do sonho com essa vigília dos anos, daí essa indiferenciação entre o discurso e o silêncio dos trabalhos feitos ali na mesma oficina, sob o peso das mesmas horas. Curvados sobre essa âncora, vê-se melhor, já não diremos o fundo do mar, rasa profundidade ao lado deste abrigo das asas de Deus. Vê-se melhor o rosto do cego que se encontra, está-se mais perto dos que morreram depois de viver com o mesmo numérico ser dos nossos números de horas, de dias, de anos e de raízes seculares. O espelho empurra com mentirosas maneiras essas estradas. As rugas, essas estrias de minúsculas forjas, não sabem falar, como tampouco sabem os que se conhecem. Os espelhos podem voltar a ser o que eram e quando eles começaram a deslizar pelas águas dos parques públicos, sobretudo os que nos viram diversas vezes com diversas estaturas, então, talvez,

as lágrimas passem a ser alguma coisa mais do que bandeiras oficiais para os dias ditos feriados. E as lágrimas nascem todas do mesmo seio de milagre e obedecem à mesma lei de ser arrastadas a uma queda primorosa. É pânica a circunstância de ver-se. É escandalosa a postura contemplativa. É patética como a calmaria a conversação conseqüente. Suspendam-se, pois, ali, como um ascendente enforcado, todos os possíveis tamanhos já vencidos e unam-se toda a roupagem e todas as máscaras e todos os disfarces e renove-se o tato com todas as variantes fisicamente conhecidas, sem forçar os olhos nem os condutos secretos dos sentidos de mais freqüente uso, posto o próprio passado, especialmente o remoto, na medida em que o revemos e renascemos, crescendo simultaneamente para morrer em cada uma dessas fases. Não é uma experiência das indigestões com tijolos à altura do estômago, mas é um passeio perigoso de quem se restitui à convivência dos homens sob a bússola amorosa dos anjos e de um modo essencialmente íntimo, sob os afagos de extremos e medida de que só é capaz, em toda a sua perfeição, o nosso próprio anjo da guarda."

Calou-se. No silêncio do corredor só o rumor da penugem de seu braço sobre os pelos do meu. E uma brisa débil que se coava pelos desvãos, trazendo do alpendre um murmúrio de pétalas de rosas entreabrindo-se.

Fosforeciam na meia-escuridão as pupilas de Gamaliel. De novo à sua luz fitei a amiga e seu rosto acabava de desabrochar. Voltavam os cabelos quase verdes e a beleza infantil de sua boca.

Como duas crianças avançamos. Na dúvida dos passos a curiosidade e o medo desenhavam a dança. Mas com

apertos de mão e risos abafados reconhecíamos o terreno Num perigoso silêncio de violinos os nervos caminhavam. Íamos penetrando.

O corredor silencioso e longo desenvolvia-se em ângulos e labirintos. Mais quartos e mais corredores e mais penumbra. De vez em quando um rumor abafado estremecia a surdez da escuridão. Eram as velhas tias solteironas, amortalhadas nos tristes vestidos, as camadas de saias espanando pesadamente o chão. Moviam-se como aranhas no labirinto crepuscular. Aqui e ali, de uma porta cautelosamente entreaberta perpassava um vulto, velhas bocas murchas murmurando jaculatórias, o rosário balançando uma penca de medalhas. Aconteciam cochichos e as velhas resmungonas passavam suspirando: "Jesus, misericórdia!" De vez em quando gritavam um grito rápido e colérico contra pessoas que não podíamos ver.

Apesar de tudo, não nos pareciam estranhas e havia certa fascinação na aspereza de sua hostilidade. Sobretudo faziam parte da casa e eram como peças das velhas paredes e dos velhos móveis. Creio que depois de mortas, suas sombras familiares permaneçam naquele mundo. Continuaram a mover-se como aranhas fantasticamente emaranhadas nas camarinhas sombrias.

Não nos inspiravam medo algum. Queríamos aproximar-nos delas e tocá-las com o carinho doméstico com que se reconhecem os cantos da casa da infância e se acaricia a pele das poltronas e das cômodas.

Mas elas nos repeliam sempre. Uma nos afugentou com um piparote, outra me torceu a orelha e uma terceira chegou a golpear-me a cabeça com uma chave das que trazia na cintura. Ainda assim, qualquer coisa de inexplicável nos convidava a tentar sempre uma aproximação.

Talvez a atmosfera de algum terreno profundo em que as raízes se perdiam e confundiam.

O certo é que o primeiro dia dorme ainda em regiões muito fechadas. Dói muito e os dedos se paralisam de medo sobre a pele fina da cicatriz. Só os estremecimentos da primeira noite surgem agora à flor da epiderme.

No vasto dormitório as crianças pulavam de cama em cama ou se escondiam nas cobertas, como gnomos noturnos à quase escuridão da pequenina lâmpada verde. Num clarão de esmeralda agonizante, moviam-se as pequenas figuras e até os risos abafados traziam a cor verde sombria das paredes, dos rostos, dos lençóis e dos cabelos, confundidos nas longas camisolas preguiçosas.

Eram seis meninas, e entre elas Jezebel. Entretanto, não me senti acanhado nem diferente no meio delas. Antes, pelo contrário. Reinávamos sobre as camas, rolávamos no chão com naturalidade infantil, e sobretudo Jezebel saltava comigo num jogo de alegrias violentas. De repente, o grande relógio do salão bateu as dez. Todos entreolharam-se assustados e as meninas começaram a andar nas pontas dos pés, cochichando e olhando com olhos suspeitosos. Só de longe em longe, num último arrastar de chinelos, na secura de um pigarro mal comprimido, as solteironas interrompiam o silêncio melodioso dos cabelos ondulando nos ombros das crianças.

A onda de uma espectativa avolumava-se no dormitório. E todas colocavam-se à espera, enfiadas agora nos cobertores, de fora apenas os ouvidos e os olhos, ouvindo o esperado rumor. Vinha subindo. Os corações tornavam-se pequeninos e os olhos grandes. Vinha subindo. Torcia-se,

rangendo, o caracol da escada de peroba, os sapatos pisavam leves, mas a bengala firme — toc-toc, de degrau em degrau.

Tão plástico e tão vivo era o seu caminhar, que todos já viam a escada trazida para dentro do quarto e seus ombros subindo, ondeando, subindo no meio do corrimão. Todas o viam e o temiam, subindo. O eterno chapéu coco reluzente, a bengala de castão de ouro, o terno prêto e o cravo branco à botoeira, mais o sorriso cínico de sempre entre o bigode e os dentes.

De fato, já estava à porta. Elas sabiam, e Jezebel de um salto apagou a luz para mergulhar como as outras sob as cobertas, tapando-se até à cabeça. E de repente o aposento, as crianças e os móveis, silenciosos como pedras, pareciam ouvir, pelas frestas da porta, um rumor escondido e fremissante. Eram suas pálpebras bulindo-se nos olhos que davam busca no aposento. De vez em quando um guincho, o estrilo agudo do mico desejoso na floresta. Só eu tinha a cabeça de fora.

Restituira-se tudo novamente ao silêncio. As crianças continuavam imóveis e do lado de fora não vinha nada. Mas longe de imaginá-lo ausente, adivinhei-o agachado, os olhos acesos, os músculos esticados, todo ele um arco, um gato ou uma serpente, armando o bote. De súbito, um clarão insinuou-se pelo orifício, passou como um pálido relâmpago e morreu. Era ele. Acendera sem dúvida um fósforo para localizar a fechadura. E de repente, do pequeno buraco da fechadura, como de um foco, um clarão sinistro despediu-se e inundou o dormitório. Uma luz verde e lívida, como dos olhos de um gato acesos na escuridão. Aquela diabólica luz, gelada e fúnebre, de incestuosa fosforescência, divisei os leitos das crianças que tremiam enroladas.

Tive um arrepio na pele e me lembrei: a mesma luz já nos iluminara, a Jezebel e a mim, no corredor. E só então o reconheci: era Gamaliel que espiava.

E não era sonho e ninguém podia fugir.

Tiritávamos de medo debaixo das cobertas e o clarão doentio insinuava-se sob os lençóis, coava-se nas camisolas e gelava-nos os corpos, lambendo-os libidinosamente com sua língua fria. E queríamos gritar e a voz não saía da garganta. E queríamos correr e as pernas estavam paralíticas, embaraçadas como a voz, pelas espirais de lesma fosfórea. E não era sonho. Uma luz de pus de estrelas podres afagando-nos. Um poço de lepra. As crianças encolhiam-se, no próprio corpo o corpo recolhiam, como se o quisessem ocultar e salvar de algum contágio. Como se em suas dobras escondessem um tesouro, à meticulosa espera de um roubo.

Pouco a pouco foi-se extinguindo a claridade. Percebemos que ele se afastava. De fato, a escada de madeira rangeu de novo e o toc-toc da bengala começou a descer os degraus.

Produziu-se depois sobre o salão, repousou a lanterna a um canto e de uma em uma curvou-se sobre as camas, as mãos peludas e longas apalpando e conhecendo os corpos enrolados. Também sobre a minha se deteve e com seus dedos percorreu-me um arrepio, um caminho de gelo que tivesse atravessado os cobertores, entre a pele e a espinha perpassando. Ninguém se mexia e ele voltou ao exercício, as mãos já sábias sobre a terceira cama.

De repente, o bote elástico de um tigre, um salto para a porta, e antes que desaparecesse, vi ainda, despenteada e branca sobre as costas vermelhas do roupão, a presa moribunda com os grandes olhos verdes debatendo-se. E com o golpe da porta, um grito de horror estremeceu:

— "Misericórdia!"

Levantamo-nos todos de um pulo, brilhavam gotas de sangue sobre um lençol e um grito uníssono sacudiu o pânico:

— Jezebel!

E numa tempestade, desabalando pela escada, despertávamos as luzes e os móveis num único clamor:

— Jezebel! Jezebel!

E todos farejávamos o chão dos corredores, chorando e gritando por Jezebel. No meio do tumulto, de vez em quando entreabriam-se as camarinhas e as velhas solteironas apareciam, movendo os lábios, desfiando o rosário e sacudindo as cabeças resmungonas.

Afinal paramos numa porta e entrecortados de soluços vinham de dentro os seus gemidos:

— Não! Não!

Era a sua voz de lírio e de cristal. Depois era uma angústia de lírio machucado, o som de cristal partido, aquela voz de anjo macho numa longínqua rouquidão embriagada:

— Não! Não!

Com toda a força de uma vingança apavorada investíamos contra a porta, que afinal cedeu num baque milagroso.

Quando entramos estava ainda no ar o rastro de seu salto pela janela, a branca figura de Jezebel sobre os ombros de seu roupão vermelho. Não me escaparia. Saltei também. Mas no jardim deserto era apenas o rumor das rosas da madrugada desabrochando. Investiguei pelos recantos, andei, apalpei os ramos e os canteiros, insinuei-me pelos arbustos. Foi quando ouvi um soluço e tropecei num corpo, ao pé de uma roseira. Inclinei-me. O rosto estava coberto de pétalas vermelhas que afastei com um sopro, chorando o seu nome:

— Jezebel!

Mas recuei apavorado e uma face desconhecida me fitou com indiferença, movendo os lábios descoloridos. Não era Jezebel.

Do lado de fora do jardim. uma tremenda gargalhada reboou, com o relincho de um cavalo confundida. A garga-

lhada lasciva do fauno e a figura do centauro — era Gamaliel em seu cavalo baio. Transpus de um salto o gradil de ferro e parti sobre ele. Com uma nova gargalhada, saiu a galope e os cascos do animal me salpicaram o rosto de lama. Ainda assim, por muito tempo o persegui ao longo da estrada. Até que, exausto, caí num poço do caminho e sem forças para levantar-me senti o frio da noite penetrar-me pelos cabelos.

Procurei instintivamente o meu chapéu amarelo. Mas não o encontrei. Olhei para trás e meus olhos também não encontraram o velho casarão acachapado com suas crianças e suas velhas. À frente não via mais Gamaliel em seu cavalo baio. Tinham todos desaparecido.

E Jezebel com eles

# VI

# A CONSPIRAÇÃO

Aí foi que apareceu Saul. O catalão descera as portas de aço do botequim e só os daquela mesa tinham ficado. Percebi como pararam com os dados e o vinho e olhavam silenciosos para os pontos que o longo dedo de Saul apontava no mapa. Ficaram perplexos quando esse mesmo dedo apontou para mim e com a cabeça voltada perguntavam-se espantados como era possível aquilo. Pois só fechavam as portas para o início do conciliábulo quando o último cliente se retirava. Minha presença lhes causava medo e não a sabiam explicar. Eu muito menos.

Cochicharam qualquer coisa entre si, mas Saul levantou-se e fez um sinal, convidando-me. Aproximei-me com certo receio e todos me saudaram com a cabeça, alguns mesmo com um pequeno gesto do cachimbo na mão esquerda. Senti-me no dever de explicar minha presença e fui dizendo:

— Perdão, cavalheiros, mas eu não tinha a menor intenção de vigiá-los...

Saul interrompeu asperamente:

— E porque nos havia de vigiar?

Realmente, percebi o alcance de minha indelicadeza e tentei corrigir:

— De fato, senhores . Eu é que estava assustado. Pois na verdade, beber vinho, fumar cachimbo e jogar dados são coisas inocentes e nem sei porque...

Mas Saul não me deixou determinar:

— Compreenda ou não, o senhor farejou perfeitamente a verdade. Mas nós não temos nada que temer. Além disso, somos doze homens e seria facílimo liquidar um policial que se aventurasse sozinho...

— Mas não sou policial — respondi com certa ênfase e receio.

Ele riu cruelmente:

— Suas confissões ou negativas não adiantam nada. De resto, matá-lo ou deixá-lo viver, é indiferente para nós. E as conseqüências também. Pois afinal, que diferença faz se vamos para a cadeia ou para o triunfo? O que estamos fazendo é apenas uma aventura e não importa que a aventura saia bem ou mal. De forma que não há bem nem mal em nossa aventura. Somos aventureiros e nada mais.

— Mas eu também sou um aventureiro, amigos. Há muito tempo mesmo não passo de um objeto da aventura.

E diante da impermeável assembléia não hesitei em contar minha história. Em todo caso, uma coisa é certo que consegui: estabeleceu-se entre nós certa atmosfera de comunicação e afastaram a desagradável idéia de que eu fosse algum agente policial. Na verdade, só hoje avalio a humilhação daquela suspeita. Pois nenhuma profissão é mais indigna que a dos policiais. Nem é propriamente uma profissão. É um caráter. Ou melhor, uma falta de caráter. Prefiro os cães. Constitui mesmo um insulto contra aqueles famosos espécimes da raça dos "pastores alsacianos" o apelido que às vezes lhes dão de "cachorros policiais". Serão sentinelas, guerreiros, militares, defensores de lares

e jardins, tudo o que quiserem, menos polícia. Não espionam nem relatam sem saber o que fazem. Apenas defendem seus senhores e seus domínios com a lealdade dos cavaleiros que se batem em duelo.

Policiais e alcaguetes são imunda cáfila e, positivamente não perdôo me confundam com eles, que afinal não têm sequer aquela humana e trágica grandeza dos criminosos. Depois, com que direito põem-se eles a vigiar, julgar e castigar nossas idéias, nossos passos, nossos vícios, nossos amores e nossos ódios? São da mesma laia dos juízes. De resto, têm dignos patronos na história. Pois Caim, antes de ser o primeiro criminoso, foi o primeiro policial e o primeiro juiz, o primeiro sujeito que se atreveu a seqüestrar e julgar seu irmão e condená-lo à morte. O inocente Abel foi o primeiro sentenciado, a primeira vítima do tribunal de um homem. E que exemplar de polícia, que tipo acabado de alcaguete aquele pérfido Judas Iscariotes!

Para essa canalha só mesmo aquele senhor da Mancha que os escorraçou certa vez numa estrada de Espanha, arrebatando-lhes os pobres galeotes que levavam acorrentados. Aliás, a um desses presos os companheiros haviam arrancado a língua, explicando ao fidalgo que os libertara tratar-se dum alcaguete, que tivera a baixeza de abrir a boca para denunciar um amigo. Coisa que não precisaria ter feito, porque tantas letras tem um "sim" como um "não". De forma que por isso lhe extorquiram a língua, para que de futuro não viesse a dar com a dita nos dentes. E foi motivo suficiente para que o fidalgo justificasse a represália, expulsando os alguazis da Santa Hermandad e doutrinando, dentro dos perfeitos códigos da Cavalaria Andante, que cada um com suas mãos desfizesse os seus agravos, assinando responsabilidade diante de si e diante de Deus.

O diabo é que os homens têm horror à responsabilidade. Têm medo, e nem por si mesmo querem responder. Foi

dessa vergonhosa poltroneria que nasceu o Estado — o Rei, de cuja poltroneria nasceu o Ministro, de cuja poltroneria nasceu o Secretário, de cuja poltroneria nasceu a Polícia.

De forma que a Polícia é a última flor da poltroneria social.

Para certo solitário dinamarquês, a coisa tem o aspecto de uma comédia, digna de Aristófanes. Mas nada é mais trágico do que esta covardia de escamotear-se o sujeito à responsabilidade. É o aniquilamento. A esterilidade. A história do gato perseguindo a própria cauda.

O solitário Kierkegaard lembra justamente o caso dum estadista francês, que só queria aceitar a chefia do Gabinete se o Secretário de Estado assumisse a responsabilidade de sua gestão. O Rei transfere a responsabilidade ao Ministro, que quer ser Ministro, mas não responsável: o Secretário que se arranje. E deste jeito, a responsabilidade acaba por cair unicamente sobre os guardas-noturnos e os agentes de polícia.

Daí certa beleza humana no gesto do Ditador que aparece à sacada do Palácio para anunciar ao povo que assume espontaneamente toda a responsabilidade moral e histórica pelo assassinato político que uns desconhecidos praticaram na rua.

A tentação de descarregar a responsabilidade tornou-se já uma verdadeira mania, que os homens a executam tanto para consigo mesmo, como para com os outros. Veja-se na política. Enquanto as figuras do governo se descartam, do presidente da República ao guarda-noturno, a oposição faz o contrário, de degrau em degrau: pelos erros do varredor de ruas, acusa-se o Diretor da Limpesa Pública, o Prefeito, o Ministro, o líder da maioria e o Presidente. E de toda essa tragédia, como expressão suprema, flor da irresponsabilidade, da covardia e da indignidade humana, aparece a Polícia.

Com certa premeditação tática disse estas coisas aos inconfidentes, pois sem dúvida alguma deviam ser anarquistas ou coisa parecida. O que eram propriamente, ainda hoje não sei. Sei que minhas palavras, ditas em tom inflamado e convicto, compraram logo a confiança do grupo e afastaram todas as suspeitas. Vários deles me apertaram a mão e apresentaram-se com nomes que, aliás, muito provavelmente, deviam ser pseudônimos. Seja como for, fiquei conhecendo dois italianos, Marco Sciarra e Pietro Bandiera. Apresentaram-se Hermann e Rolf, Dmitri e Kiril, Norman, Nicópolos, D. Ramón e Jacques.

Bandiera estava particularmente entusiasmado com meu discurso e falava, com certa ferocidade infantil, de assaltos com punhais nos dentes, enquanto Rolf acariciava com uma das mãos o bigode amarelo, e com outra o cabo de madrepérola da pistola. Ramón acabava de informar a Kiril sobre a potência de uma bomba, quando Saul, com sua mão ossuda, impôs silêncio e fixou em mim seus olhos pardos e frios, perguntando:

— Como quer que o chame?

Lembrei-me de repente dum apelido de infância, quando brincávamos de bandidos, e veio-me a idéia de que aqueles homens apenas brincavam de conspiradores. Respondi:

— El Moro.

— Muito bem — prosseguiu friamente Saul. — Tudo o que você disse sobre a organização do Estado, é, pelo menos, muito brilhante. Pode até ser que seja razoável e justo. Mas não nos interessa. Não somos anarquistas nem mesmo políticos de qualquer espécie. Também não estamos brincando de conspiração. Somos realmente, compreende, realmente aventureiros.

— Mas eu também...

— Não, não. Pelo que nos contou, você nunca buscou a aventura. Não a dirige nem engendra. Talvez até a

deteste. Em todo caso, não a construiu. Não faz dela sua obra e sua razão em si mesma.

— Mas se vivo de sua ininterrupta atmosfera — respondi — se sou eu mesmo seu jogo e objeto de todas as horas.

— É isso mesmo. Você não é um aventureiro. Sua aventura é apenas uma circunstância. Confesse que nunca a teria buscado com a força de suas próprias pernas. Permanece dentro dela como um molusco em sua casca.

Subiu-me uma onda de indignação. Reviveu em meus pés a dor cansada daquela primeira cidade, pedra a pedra caminhada no desejo da decifração. O duelo surdo com o garçom as coisas penetradas, o médico de bordo, a prostituta inventada, a luta contra o Padre Mestre, a confidência dramática a Rafael e Jezebel e Gamaliel.

Falei-lhe exaltadamente de tudo isso e protestei eriçado:

— Não sou um cretino, de braços cruzados no meio de um acontecimento. Aconteço também eu, caro senhor. Gostaria de ver como se comportariam outros, caso os envolvesse a extraordinária contingência que me tocou. É verdade que sou muito distraído, e às vêzes me esqueço. Mas tanto quanto posso, procuro a minha chave e uso minha aventura em proveito de objetivos seguros. É o tempo e o caminho de uma solução. E embora não lhes pareça, deste caminho vou tirando os meus lucros.

— Aí está — tornou Saul; — nas flores buscamos flores e frutos nos frutos. Nas sementes buscamos sementes e na aventura a aventura. Sem a remuneração ou o prejuízo das conseqüências.

Desta vez foi Norman que acendendo o cachimbo interrompeu:

— Basta de teorias e literaturas. A viagem dura tres dias e três noites, é meia-noite e trinta, os homens estão

esperando, o navio parte dentro de tres horas e às 2 começarão a estourar as bombas.

— Às 2,15 — corrigiu Dmitri.

— É o que importa, emendou Saul. Apesar de tudo El Moro está convidado. Aceita?

No íntimo talvez me fosse indiferente. Em todo caso respondi que aceitava.

Saul então prosseguiu, dirigindo-se a mim:

— Antes de tudo, fique certo de que se trata de um ato inteiramente gratuito. Não visamos a substituição de nenhum regime político por outro qualquer. Não temos interesse de espécie alguma, a não ser no ato em si. Na mera aventura. Todos aqui pensam assim. Bandiera é o executor do golpe. Trata-se de um conde romanhol que perdeu no jogo o dinheiro e o nome. De forma que lhe fica muito bem o papel de calculada ousadia com que executa o puro jogo de nossas perigosas combinações.

Bandiera sorriu, e um ar de tigre lhe brilhou sob as emaranhadas sobrancelhas.

E Saul continuou:

— Vamos provavelmente livrar o povo de um tirano. Aliás, isto não tem para nós o mínimo interesse. Tiranos e canalhas equivalem-se. De resto, nenhum de nós é homem do povo. Hermann, que foi oficial de dois Serviços de Inteligência simultaneamente, traz as teses da maquinação. É muito importante: a localização das vigilâncias, a carga dos navios, o passeio de um político. Hoje, por exemplo...

— Hoje — interrompeu Hermann — o Grande Chanceler irá ao Baile da Ópera. A 1,30 encerrará o baile, dançando a última valsa com a jovem Marechala. É a primeira vez que se apresenta em público nos últimos cinco anos, desde o complô de Maio.

Informou e calou-se. As palavras foram ditas no tom exausto e glacial de quem lê um relatório. Calou-se e com

a cabeça baixa desenvolveu sôbre os circunstantes a inquisição de seus velhos olhos de aço. Vi-lhe tremerem e logo em seguida repousaram as asas das narinas, no gesto do cão sagaz que recolheu e conheceu pelo faro

E novamente Saul:

— Que lhe parece, Nicópolos?

Era moreno e mergulhava sonhadoramente os dedos nos cabelos negros. Começou a falar e eu tinha a impressão de que ao movimento de suas longas pestanas escuras e da boca varonil todos viam modelar-se, cada vez mais vivo, o perfil do Chanceler.

— Diante do relatório de Hermann — dizia Nicópolos — é preciso adiar o embarque. Pois o plano tem de ser ligeiramente alterado. Antes dos fuzis e das pistolas, necessitamos algumas dezenas de chibancas, pás, cavadeiras e enxadões.

A idéia de tão bucólica ferramenta em tal circunstância pareceu-me exótica, e cheguei a sorrir. Mas ao ar seguro de Nicópolos e à respeitosa gravidade dos outros, seguramente já afeitos à mecânica de seu raciocínio, logo me recompus. Êle apenas fizera uma pausa e já continuava:

— D. Ramon e Kiril providenciarão os explosivos, e combinarão com Rolf, que calculará a superfície do paralelogramo a ser minado. A 1 hora e 32 minutos, deverão ser apagadas as luzes da Ópera e o escolhido estará dançando ao lado do Chanceler, que deve cair morto. Ao meio-dia, amanhã, estará pronta a mina sob o túmulo. O Generalíssimo, o Marechal, o Ministério, o Parlamento, o Corpo Diplomático, o Estado-Maior e o Almirantado estarão presentes ao enterro. Quanto ao mais, o cemitério é ali mesmo.

Calou-se. Ninguém discutiu sua proposição. Na fronte pálida e nos olhos matreiros, a inteligência cultivada e a natural astúcia indicavam perfeitamente o intelectual, o

antigo estudante, cujo papel era o de teorizador das maquinações. A um sinal de Saul, levantamo-nos todos e mergulhamos por uma escura escada de pedra.

Era uma sala baixa, larga, abobadada. Rodeávamos uma grande mesa de pedra, e Jacques, que me tomara pelo braço, falava dos vinhos a que rescendia, quando Saul entrou. Vinha acompanhado por vários serviçais, que traziam nos braços pilhas de trajes de rigor:

— Vistam estas roupas — ordenou — que não há tempo a perder. No bolso de uma destas casacas há um punhal de prata. Talvez seja na minha. — E com um sorriso friamente cínico: — Talvez na de El Moro.

Estremeci um segundo, mas creio que ninguém notou minha emoção. Pois tratei logo de agradecer com uma inclinação de cabeça a menção de meu nome.

— O punhal — prosseguiu Saul — tem a lâmina envenenada. De forma que qualquer golpe será infalível. Quanto às decisões anteriores, os homens ficarão esperando até amanhã, e os navios e as bombas também. Dentro de alguns minutos os guardas do cemitério estarão mortos e substituídos por gente nossa e os rapazes estarão cavando a mina. Agora, todos para a Ópera e *bonne chance!*

Na verdade as coisas eram ditas com tanta naturalidade e rapidez, que eu não tinha tempo de ponderá-las e dar-me conta de seu horror. Sòmente no meio do baile, comecei verdadeiramente a inquietar-me. Passavam junto de mim os pares dançando, mas as mulheres, talvez formosas e pálidas, na ondulação dos vestidos e das serpentinas, eram distantes e imprecisas. Ora era um clarão de frouxo cor-de-rosa, ora uma luz de verde-fresco inundando, dos lustres,

o piso reluzente, a música ebriosa e os vultos ondulantes. Mas eu só via recortarem-se, em plena nitidez, as figuras dos inconfidentes. Nem sei dizer das que conduziam no baile. Eram brancas e transparentes. Talvez Jacques e D. Ramon, Marcos Sciarra e todos os outros nem estivessem dançando com mulheres reais e apenas levassem nos braços, à cadência da valsa, um fantasma qualquer de bailarina. Pois na verdade, as únicas pessoas que eu via, presentes e vivas no salão, eram os companheiros. Nem sei mesmo das que dançaram comigo, talvez quatro ou cinco, talvez uma apenas. O fato é que para onde eu me voltasse, um deles me aparecia, friamente trágico, no rigor da casaca preta, dançando em passo de funeral uma dança patética.

A coisa era tanto mais excitante, pois nenhum dos inconfidentes sabia a qual dos companheiros tocara o punhal de prata da missão. Apenas aquele que o recebera conhecia nos dedos o mistério de seu corpo duro, venenoso e frio. Mas este guardara no bolso e no plano do gesto a figura do segredo. E como todos os outros, lívido e imperturbável dançava no meio da música.

Cruzavam-se nossos olhos e nossa expectativa. Como se nos estivéssemos vigiando mutuamente, e a tal ponto, que, se fosse necessário, cada um de nós poderia ter localizado na sala, a qualquer momento, um por um dos companheiros.

Eu fitava justamente os negros olhos de Marco Sciarra, quando alguém me tocou no ombro e voltei-me rapidamente. Era Saul. Disse apenas :

— "Depois desta dança, no terraço à direita. Chegou Antônio Guiteras."

E desapareceu num torvelinho de casacas e saias brilhantes.

Era talvez o vento marinho que ao morrer no terraço lhe despenteava os ralos cabelos grisalhos, quando, apre-

sentado por Saul, estendeu-me a mão pequenina e seca resmungando:

— Antônio Guiteras.

Nem tive tempo de contestar, pois Saul já estava falando:

— Antônio Guiteras é o cabeça. Todos os planos são dele. Antes de minhas ordens, antes das informações de Hermann e das combinações e teorias de Nicópolos, já todos os passos existiam, inventados pela imaginação de Guiteras. Antes de nos reunirmos neste canto do mundo, já êle se ocupava em sua aventura no fundo de uma botica provinciana. Não lhe é possível saber mais nada sobre ele. Guiteras está em toda parte e em nenhuma o conseguem ver. Muita gente gostaria disso. Mas Guiteras é mais forte do que todos eles. Para você é uma grande honra conhecê-lo. E não se esqueça de que ele sabe tudo. Sabe inclusive o nome do que vai cumprir a missão neste baile. Coisa que, de resto, só ele e o escolhido conhecem. E só aos dois compete.

Estas palavras provocaram-me um ligeiro tremor. Mas limitei-me a fitar o estranho, guardando para sempre a memória de sua face. Eram particularmente impressionantes seus olhos amarelos e vesgos, como se estivessem olhando continuamente para o nariz astucioso e amargo. A pele, de velha cor cinzenta e terrosa parecia conter continuamente um rictus íntimo de sofrimento e decisão. Uma nobreza valente e boa, abafada pelo ar cruel dos dentes cheios de tártaro, esfiapando-se do bigode ralo.

Encaramo-nos assim um minuto, alguns segundos talvez. Foi quase em movimento militar que girei nos calcanhares para tornar ao salão, pois a voz de Guiteras tinha um tom de sargento, quando ordenou:

— Volte para onde estava.

Em outras ocasiões eu teria consumido horas para imaginar se é possível a um homem voltar para onde estava.

Sobretudo quando o indivíduo não sabe ao certo onde estava e tem cegos os caminhos da volta. Mas naquele momento não hesitei: eu estava num salão de baile, na fonte de um acontecimento, num território de aventura.

Dançavam como antes. Mas de repente, foi como se um relâmpago surgisse e demorasse na sala. Afastaram-se os pares, abriu-se um grande círculo e no círculo um pressuroso silêncio e do silêncio jorrou mais deslumbrante o imenso clarão. E como se esse clarão fosse ferido com a ponta de uma batuta, a música apareceu. Ao compasso da valsa, era ele, avançando soberbo e solene ao centro do salão. O ritmo fez-se alegre, e dezenas, centenas de pares espalharam-se no recinto, sob uma chuva de pétalas. Entre a luz e a dança estremeci olhando o relógio. Era 1 hora e 31 minutos.

Num segundo, aproximei-me dele. Na volta rápida da valsa, as abas de sua casaca me tocaram e num relâmpago guardei seu grande rosto viril, o sereno fogo de seus olhos castanhos e o segredo maduro e triste de sua boca em silêncio. Levava-a nos braços como se leva um gesto e dela pude ver apenas os cabelos erguidos sobre a nuca num penteado de fogo, um instante vermelho, um instante verde, ao fulgor dos lustres.

E de repente, ao meu lado e ao seu lado, como se o cercassem todos, como um bando de mariposas em torno à lâmpada, dançando vertiginosamente, os olhos fixos no mesmo ponto, um por um me apareceram: Nicópolos e Hermann, D. Ramon e Bandiera, Sciarra e Rolf, Dmitri, Kiril, Norman e Jacques. Talvez também Saul. Mas, não pude ver mais nada, porque nesse momento as luzes se apagaram. E ao emudecer da orquestra, no mesmo instante do silêncio,

ergueu-se na treva, agudo e doloroso, um grito de mulher, logo abafado por um rugido terrível de homem. E simultaneamente, a queda de um corpo leve e frágil e o baque pesado de um homem tombado sobre os joelhos com o fragor de uma árvore abatida.

Na rua por onde corríamos, chegava-nos ainda o pânico da treva e da confusão reinantes nas galerias do Teatro da Ópera. A mim me acompanhava, nítido e penetrante, aquele grito de mulher. E seu vulto fantástico e ignorado perseguia-me como uma aparição subitamente amada, que se ia contornando à luz de uns cabelos erguidos sobre a nuca, num penteado de fogo, ora vermelho, ora verde, ao fulgor dos lustres agora apagados para sempre.

Quando dei por mim, era de novo a baixa sala abobadada e todos em torno à mesa de pedra. Silenciosamente o catalão enchia de vinho as canecas.

Saul voltou-se tranqüilamente para Bandiera e perguntou:

— Que tal o vinho, Pietro?

O conde estalava a língua com volúpia, sem responder, enquanto Norman acendia o cachimbo e Rolf assobiava baixinho a melodia íntima de uma canção de seu país.

Não sei se o vinho ou a música. Mas creio que foi a saudosa canção de Rolf. O fato é que fui inundado pela angústia de minhas lembranças, despertadas com uma força que eu antes talvez não conhecera. Levantei-me exaltado, e dirigindo-me especialmente a Saul exclamei:

— Isto é uma camarilha de desalmados! Antes de mais nada, sou um homem de família, não sei como me meti entre os senhores e mesmo depois do que passou, não sou um assassino. Tenho a minha tarefa e não me distrairão mais nesta ocupação de vadios e criminosos. Vou-me embora.

Avancei para sair. Mas neste momento, no alto da escada de pedra surgiu a figura de Antônio Guiteras, como para barrar-me a fuga. Com sua rude voz de sargento disse apenas:

— El Moro! Tire o chapéu e volte ao seu lugar!

Foi como se uma força hipnótica me dominasse. Recuei, sentei-me de novo e levei a mão à cabeça. Estremeci de espanto, pois os dedos febris conheceram aterrados sua presença: era o meu velho chapéu de largas abas amarelas e copa amarrotada. Era um pedaço tão íntimo de mim mesmo, que procurei, instintivamente, ocultá-lo daqueles olhares profanos e coloquei-o sobre os joelhos.

Guiteras tomou assento à cabeceira da mesa e começou a falar, com seu tom que, apesar de rispido e imperativo, tinha uma raiz de secreta e inexplicável doçura:

— El Moro — disse êle — não precisa esconder o seu chapéu.

— Mas é a última coisa — respondi — talvez a única pista...

— Ora — interrompeu — acontece que às vêzes os bandidos também lêem sermões e confabulam com padres. Foi mesmo pela mão de um dominicano que entrei em minha primeira conspiração. Era um herege talvez, mas de sua boca tirei algumas lições fundamentais. Lutávamos então contra uma ditadura e estudei meu plano. Perguntei certa noite ao reverendo se era pecado assassinar o ditador. — "Esas cosas — disse-me êle — primeiro se las hace, después se las pregunta." Ora, bem; foi daí por diante que aprendi que a primeira coisa é a ação. Fiz minha cartilha, que não sei se é de bom gosto, pois não sou homem de letras, mas de fatos, e que começa assim: "no princípio era a ação, e a ação estava diante do homem e o homem era a ação. Ela estava com o homem no princípio. Tudo foi feito por ela. E nada do que foi feito, foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a ação dos homens."

Não é uma paródia sacrílega. Nem mesmo um plágio, embora eu saiba de um velho professor alemão que também pensava assim. O mal é que o Doutor Faust era apenas escravo de um demônio inteligente. E sendo escravo, pensava apenas. Não podia agir. De mim é que não se rirá a caterva dos Mefistos. Se você precisa buscar alguma coisa, portanto, seu caminho ou sua residência, não perca tempo com pensamentos e palavras. Nem com a esperança do objeto procurado. Só a ação existe. Não é só ilícito, mas sobretudo é vão buscar qualquer outra coisa. É indispensável renunciar a tudo o que não seja ação. Desapegar-se.

E voltando-se para Rolf:

— Rolf traz sempre consigo a cópia de um poema. Foi escrito no país do Chile, aos ventos andinos, por um poeta que buscou sempre o mero limite das coisas e dos gestos. O continente do sangue e da alma, por cujas fronteiras entramos no âmago. Este poema canta um general caído na guerra. Não há dúvida que foi um general vencido. E embora a vitória seja o objetivo da profissão militar, ele, mesmo vencido, foi o maior dos generais. O maior dos guerreiros. Não cultivava a vitória, mas a guerra. Sua tarefa não era vencer, mas guerrear. Leia, Rolf.

O alemão tirou do bolso de seu blusão de couro uma folha de papel amarelado. E começou a recitar:

*"Aún tiembla el agua*
*en cuyo azar se renueva el peregrino*
*y su paso desciende*
*y descubre las tumbas*
*para ayudar a morir*
*a tanta gente olvidada de si misma.*

*Mas ellos saben cuanto las cosas*
*vuelven al corazón del hombre,*
*como el agua*
*que recibe las formas perecederas*
*y las devuelve limpias*
*en sola imagen. ! Y ese es el secreto!*
*la vida asciende para ser imagen*
*y alli, nada más que en lo visible,*
*eterna.*

*El alma*
*se yergue en el error*
*igual que esos dias invariables*
*que emergen de la primavera*
*y andan entre los muertos.*
*Otro sin reparo*
*hila el suceso*
*al mundo hermoso que le sobrepasa;*
*pero Él era pleno,*
*cautivo en su contorno,*
*inasible*
*cual la esfera que es bella*
*y*
*nos recuerda las vidas*
*que no aparecen.*

*Ah! lo que canto*
*es la forma humana*
*que atávica y silenciosa*
*se hiere en mis sentidos.*

*Siempre tras los dioses furtivos*
*dobló las rodillas*
*donde reconocer las hierbas...*
*..... e igual que antaño*
*en torno al sobreviviente*
*los pastores se ciernen en rueda*
*y oran en común*
*y se aprietan por las manos."*

Todos ouviam em silêncio quase ritual, e era como se o poeta e o guerreiro estivessem ali no meio de nós, promovendo e recebendo a celebração. Foi Guiteras quem rompeu o silêncio para dizer:

— Eso es. O ruivo capitão do deserto sabia perfeitamente. Seu coração era a obra de sua tarefa. E era o que estava entre suas mãos. De tudo o mais ele afastou-se, como o poeta que o cantou. E nada mais é preciso senão isso, El Moro — desapegar-se.

— Mas se eu sou o tipo do sujeito desapegado — interrompi. — Pois já nem tenho mesmo a que renunciar.

— Engano, engano. É preciso renunciar à esperança, à possibilidade, às pistas de solução, a tudo. A esperança é uma superstição. Como este chapéu, por exemplo.

— Mas não sou eu que o conservo. Nem tenho forças para isso. Se tivesse, teria conservado outras coisas mais preciosas que perdi. Além disso, um chapéu é apenas um chapéu...

— Nem sempre. Lembra-me outra história daquele frade dominicano. O papa Gregório Magno foi um pontífice poderoso, que viveu numa corte magnífica, cercado de todas as opulências e confortos da terra. Na mesma época vivia um eremita, nas solidões da Tebaida, que por amor de Deus renunciara a todas as coisas da terra: a seu nome aristocrático, sua família, sua fazenda, suas artes e seus

luxos. Durante anos de jejuns e rigores, penitenciou-se naqueles ermos, privado de tudo, sem outra companhia que a de um gato vagabundo ali aparecido, não se sabe como, e com o qual repartia sua mesquinha ração, por uma afeição muito generosa e natural. Ora, acontece que, por capricho da Providência, o magnífico Pontífice e o penitente anacoreta vieram a morrer no mesmo dia. E foram para o céu. O eremita não pode, porém, sopitar sua decepção quando, ao erguer os olhos na Corte celeste, deu com o Papa Gregório instalado acima de sua cabeça, num grau de recompensa bem mais alto que o seu. Não conteve uma piedosa queixa e interpelou diretamente o Padre Eterno:

— "Senhor, como é possível? Onde está vossa justiça? Gregório é, sem dúvida, um grande santo. Mas, afinal, a verdade é que passou a vida em rosas e vinhos, confortos e luxos, atendido por coortes de criados, lacaios, prelados e camareiros, enquanto vosso servo abandonou tudo isso por vosso amor e roeu pedra durante anos no deserto..."

— "E o gato? — perguntou-lhe o Senhor — a verdade é que tinhas mais apego àquele gato, que Gregório a todas as grandezas de sua posição, às quais votava absoluto desprezo." — Pois bem, El Moro: para salvar tudo, é preciso perder tudo. Debaixo de teu chapéu resides. É um gato vagabundo, uma esperança, que conservas e nutres. É uma coisa morta. Só na ação há vida. E sem vida, o homem não existe.

Sua voz era ora cínica, ora terna. Os outros confabulavam e de vez em quando interrompiam o cachimbo e o vinho, para olhar-me ou apontar-me com o queixo.

Senti que aquele homem me esmagava. Mas tentei ainda reagir :

— Já o entendo, Antônio Guiteras. Mas não pense que por causa dessa miséria do baile, vai me ter definitivamente em suas mãos, para transformar-me num objeto de

sua filosofagem pernóstica e cínica e num assassino profissional. Engana-se.

— Não se precipite — tornou. — Você pensa muito e depressa demais. Afinal, que há de reprovável no assassinato?

— Mas é o cúmulo — exclamei. — Com que direito pode um homem tirar a vida de outro?

— Tirar a vida? Não tiramos coisa alguma. O homem não tem o poder de tirar senão aquilo que é capaz de restituir.

Foi como se um horizonte novo desabrochasse diante de mim. Com a súbita alegria de uma esperança nova, com o furor de uma fé repentinamente adquirida e com o medo de ver tudo isso perdido, perguntei-lhe gritando, agarrando-lhe a gola do paletó:

— Diga-me, Antônio Guiteras! Você sabe! Diga-me se é ou não possível a restituição!

Como se zombasse de minha dramática expressão, ele encolheu os ombros e disse, voltando-se para Norman:

— Chi lo sá?

Ainda assim, não o larguei e insisti. Guiteras tomou uma atitude terrivelmente viril e conseguindo, num esforço evidente, fixar nos meus os seus olhos vesgos, respondeu:

— Sou um homem, El Moro. Tanto quanto é capaz de poder um homem, posso eu. Está em suas próprias mãos saber o que me pergunta. Experimente.

E voltando-se de repente para Bandiera:

— Que horas são, Pietro?

Mas o italiano, sem desviar os olhos do caneco de vinho, respondeu cantarolando:

— Chi lo sá?

O enterro estava marcado para as 4 da tarde. Faltavam apenas alguns minutos. Discretamente ocultos à som-

bra dos ciprestes esperávamos. A expectativa da explosão acendia todo o fulgor dos verdes olhos de Kiril.

A paisagem do cemitério era monótona e neutra. A dor dos homens enfileirada, padronizada e incomunicável na estupidez das inscrições e dos mausoléus. Uma coleção de selos não seria menos humana. A terra tragara tudo.

— É nas entranhas da terra — disse Kiril — que as coisas estão fermentando. As vidas palpitando. Nos relógios e nas bombas.

— E nos ossos dos homens — emendou Dmitri.

Entreolhavam-se todos, estranhando a demora do enterro, quando o sino do necrotério começou a dobrar, anunciando a entrada de uma carreta fúnebre. Estremecemos. O féretro avançava por uma alameda de salgueiros. Mas não se via o Almirantado nem os Ministros nem préstito de espécie alguma. Era um coche mortuário, puxado por dois cavalos brancos, trazendo apenas um boleeiro e um caixão de mulher. Dirigiu-se a uma ala na direção norte, onde estava cavada, entre madressilvas, uma simples sepultura. Não sei que pressentimentos me assaltaram, pois acompanhei com os olhos aflitos um caixão azul. O cocheiro, sozinho, o fazia descer da carreta, quando aproximaram-se de nós Antônio Guiteras, Saul e Hermann.

Guiteras sacudiu silenciosamente a cabeça duas ou três vezes e falou:

— Lembro-me também de um rei, sem dúvida o maior de todos, que construiu uma esquadra invencível para invadir o país inimigo. E quando os cortesãos, medrosos de trazer-lhe a má notícia, anunciaram-lhe que um temporal fizera naufragar toda a armada, antes mesmo de chegarem ao destino, o rei sorriu e comentou: — "É verdade que eu a enviei. Mas não contra os elementos." — Seria tolice queixar-se do destino.

Saul concordou com a cabeça e pediu uma informação que Hermann passou a dar, com voz rápida e fria:

— O Chanceler não morreu. Nem mesmo foi ferido. A punhalada atingiu apenas a mulher com quem dançava. Não era a Marechala, e sim uma estrangeira, a mais bela mulher que já se viu neste país e que ninguém conhece nem sabe donde veio nem como entrou no baile. Tinha apenas um anel com duas iniciais. Para evitar escândalo, o Generalíssimo determinou que ninguém acompanhasse o enterro. Foi ela quem chegou naquele caixão azul, trazida por dois cavalos brancos. Quanto ao mais, os homens estão prontos, as bombas e os navios também, temos que embarcar imediatamente e com mil aventureiros que levamos, invadiremos a ilha e derrubaremos o Ditador. Vamos para o cais.

Mal acabou de falar, um estrondo imenso sacudiu o cemitério, túmulos se abriram e da área minada projetaram-se estranhos volumes, como se uma força cósmica ressuscitasse os mortos, atirando aos espaços as peças de seus corpos. Em seguida, entre raízes de ciprestes arrancados, sobre a relva revolta, as lousas quebradas e a superfície rota, começaram a cair, chovendo do céu, cabeças, braços e cabeleiras vivas, caveiras, costelas, fêmures, tíbias, perônios, tarsos, metatarsos, tornozelos. E no firmamento ensanguentado, atirado talvez pela mesma explosão, e iluminado pelo clarão terrorífico da mesma bomba, erguia-se, patético, o portão de ferro do cemitério do convento, com sua arcada e sua inscrição:

— Exultabunt ossa humiliata.

Nos meus próprios ossos fervia um frêmito de recuperação. Da sepultura aberta na ala norte, o cocheiro havia desaparecido com seus cavalos brancos.

Durante tempos que não sei, fiquei por ali, os olhos perdidos entre aquela sepultura e aquela visão que pendia do céu com suas letras sangrentas, anunciando a exultação dos enterrados.

Quando os procurei, tinham desaparecido. Talvez eu me tivesse demorado muito, pois não me ficou a mínima idéia

do tempo. Mas como estávamos combinados para o embarque saí correndo em direção ao cais. Mais para fugir do que para chegar.

Atravessei correndo os longos armazéns, saltando sobre pilhas de caixas e fardos e malas coloridas de etiquetas de barcos e hotéis.

A vozeria dos estivadores, homens da alfândega e do mar — passei por tudo, como impelido por um tufão.

A beira do cais estava deserta. A alguma distância afastando-se lentamente na calma podre da baía, três navios se movimentavam. Tinham partido e eu ficara sozinho.

Com os olhos fixos nas embarcações, senti duas lágrimas rolarem-me no rosto e descerem à boca, com seu gosto de sal. O vento leve do crepúsculo desalinhava-me os cabelos. Uma lua de ouro aparecia na curva marinha, redonda e viva como uma ilha, à flor das águas. E os navios afastavam-se, lentamente rumando para a lua.

Ao luar, amarela e seca, eu conseguia ainda distinguir a mão ossuda de Saul, que do alto do tombadilho me acenava sem parar.

Notei que um outro, no deck inferior, talvez Nicópolos, talvez Marco Sciarra, com as mãos em concha na boca, me gritava qualquer coisa que não pude entender.

Parado, acompanhando-os com os olhos, permaneci no cais. E de repente, como se a cidade inteira estivesse estourando, começou a trovejar de todos os lados uma série de explosões. Continuei no cais, como uma ilha no meio das bombas, talvez um pouco mais pálido e o cabelo mais sacudido pelo vento. Até que também as explosões silenciaram. Começou a cair uma garoa fria e rápida. Encostei-me a um poste de iluminação e num gesto instintivo passei a mão pelos olhos, pelo rosto, como para afastar alguma sombra incômoda. E ao olhar de novo, já tinham desaparecido de

vista e as próprias luzes dos barcos não apareciam mais a distância.

Agitei no ar, com gesto largo e ritual, meu velho chapéu de abas amarelas, numa última despedida à noite e às visagens da noite.

Foi quando duas poderosas mãos me agarraram, com um palavrão e uma exclamação de satisfeita ferocidade:

— Êste não poderá fugir e há de responder por tudo!

# VII

# A RESSURREIÇÃO DE OLÍVIA DE KRÄHENBÜHL

E é de mim mesmo que contam os poetas no bar às raparigas assombradas:

## I

— Nas mãos, nas suas mãos estremeciam os selos amarelos. No envelope azul e na palma das mãos, palpitação de pássaros bulindo e as letras tatalando nos selos amarelos, aquele G batendo as asas desde um céu longínquo sobre um longínquo mar. A carta vive entre seus dedos, peixes e pássaros saltando. E em suas mãos.

Corre uma rosa alcoólica em seus lábios, e um perfume de rosa — ou de vinho? — um perfume estrangeiro, cansado por dez anos de viagem, entra pelos pulmões, sai pela boca e nas asas dos olhos pelos horizontes e nas gemas dos dedos

onde um peixe, um pássaro, bole os pulos dos seios que chegaram:

— Ela está viva!

## II

Olívia de Krähenbühl estava morta. Só morta a relembrava. O horizonte de açucenas de seu corpo jazia sobre a última noite, entre o amor e o punhal. Nas margens invisíveis da noite aquela, o rio de açucenas. Só a morte marulhando. E do murmúrio um hálito — a fragrância, esta de que agora nascem a rosa e a voz: — Ela está viva!

Estava morta. Bem que entrara no calabouço há dez anos, com seu cadáver nos ombros. E durante dez anos a assassinada não lhe dissera uma palavra. Escondera-a em vários recantos: sob as cobertas, sob a esteira, nas dobras da japona azul marinho e no bolso do dólman em que dormia seu último retrato. Não queria ver nem ouvir a sua voz. Mas todas esssa manobras eram insensatas e desnecessárias, por que ela estava realmente morta. E não falava nunca. A não ser quando ele a interrogava, e apenas para responder que estava morta. Bem morta. Mais do que morta: Ausente.

## III

Tinha feito tudo com exatidão e rigor. Calçou as luvas de marroquim vermelho por não perder as rosas e por não se perder com impressões digitais. Por el del corazón soprou sua última flauta, até desmanchá-la em sopro. Antes do assassinato, olhou, com seus mais sábios olhos a porta do calabouço e se disse: — "Eso es. Nosotros, frades, marinheiros e encalabouçados, não podemos ter mulher."

E por isto cravou o punhal. Se não a enterraram, a culpa não foi sua. Antes de professar no navio, bem que andou de porta em porta, oferecendo o seu cadáver formoso às empresas funerárias, aos coveiros e aos estudantes de anatomia. Não recusaram, mas ninguém tomou conhecimento. Então não lhe restou mais que pendurá-lo ao ombro e embarcar com ele no mosteiro. Foi o que fez. Os carcereiros nunca se deram conta, e desde aquela noite — há dez anos — Olívia de Krähenbühl, muito lírio e muito morte, jazia no calabouço com ele... Mas até de seu silêncio estava ausente. Tanta era a sua morte.

## IV

Porque falar dela, se nem sua ausência vivia? Onde estava o cadáver, o frio corpo morto da que fora Olivia? Caddi, come corpo morto cade. Caíra verticalmente no olvido, no nada. Nem se podia mais falar de corpo, vivo ou morto. Não ocupa mais lugar no espaço. Em seu lugar é a grande tatuagem azul no peito do assassino: uma prostituta nua entre duas cartas de baralho. Um ás de paus e uma quina de copas.

Não ocupa lugar no espaço. Em seu lugar desenvolve-se um jogo de ronda. Com olhos de embarcadiços e malandros e padres abrenuntio nos caninos longos finos espreitando Dinorás, Ademildes, Djaniras e Marinas, lasciviando nos bordéis do Mangue.

Por que falar, que falar da que nem pela ausência era presente? Da que era morta?

## V

Nunca falava com ninguém. Quando o juiz proferiu a sentença que o condenou, manteve-se longe. Não chegou a

ouvir se era por um ano ou por uma vida. O tempo não lhe interessava. Estava condenado. E já era saber muito.

Ao sabê-lo, seus olhos, como duas velas se apagando, bruxulearam na sala. E se apagaram. E tudo ficou no escuro, para que aquelas coisas morressem de todo, e a despedida fosse completa. Quem diria se aquele gesto dos olhos foi de alívio ou de agonia?

Uma coisa ele sabia: que era um assassino, que matara, matara muito, matara tudo. E que tudo era agora cheio de morte. E que do ar desta morte respirava e estava vivo. Vivo e só.

## VI

"Mergulhaste no poço do silêncio. Nenhum diálogo. Nem ouvias os salmos dos monges pelos corredores, nem as guitarras dos marinheiros, nem as chaves do calabouço."

Mas consigo mesmo produzia intérminos monólogos. Neles, às vezes, acontecia Olívia de Krähenbühl. Mas acontecia como um morto antigo pode acontecer. Sem voz e sem perfil. Sem forma. Sem existência.

"E não te falava e não ouvias."

## VII

Primeiro, foi a mão do carcereiro. A mão silenciosa e peluda, mão covarde e humilde enfiando-se no bolso como um cão no canil, com a cauda entre as pernas. E que emergiu como uma grande língua satisfeita, acariciando o azul. O azul e o amarelo. Sobre as rubras gengivas, sobre o mar-

tim dos dentes, o azul e o amarelo. Das mãos do carcereiro para as suas. O pássaro era um javali, e a muito custo ele não morreu, e aguentou o bote e o peso e empinou o braço rijo.

E o javali era um pássaro azul, lenço agora de nuvem em sua mão levíssima. Pássaro de águas ocas brilhando a casca cristalina de seu corpo. Que era cheio de sopro. Que se se espedaçasse no chão, encheria o calabouço. De um grito de flauta ou de um aroma?

## VIII

Mas o envelope de suas mãos não cairia mais. Um instante pesado como uma cadáver e uma luta, tinha agora o peso de uma ária.

— Ela está viva! — Como tres raízes rompendo o seu coração, as três palavras tinham vindo.

— Ela está viva! — Era agora um baile de brisa em seus cílios. Um hálito adelgaçando-se em pétalas nos lábios. E a corola na boca:

— Ela está viva!

Os dedos apalpavam no envelope o rítmo das letras e a brancura azulada de suas mãos antigas. De suas mãos de viva.

— Ela está viva!

## IX

E sílaba por sílaba chamou: "Olívia de Krähenbühl". E ao som de sua voz ela foi respondendo com seu corpo vivo. Primeiro apareceram os cabelos matinais e seus. E dos cabelos vieram os olhos e dos olhos o rosto e do rosto os pés de tanta raça e do arroio de seu pescoço numa canção

de seixos na água teus seios para mim
são água limpa nascendo
e sobre o gesto das pernas
compõe-se um rítmo entre a cintura e as ancas
ergue a corola do umbigo
na rosa de verde tato
desabrochando no ventre.

Crescia um hálito e vinha
da branca flor de seus dentes
um presságio de perfume,
uma ameaça de voz.

Está viva e o envolve.
E embora viva, carrega
um punhal no coração.

## X

Há com quem repartir seu ar e sua luz. A lua é menor e a brisa é menos fresca. O coração é mais leve e a vida não pesa tanto. Diminuiu.

De suas veias nasce o sorriso e nasce o gesto e nasce a dança da Amada. Sua beleza de orquidea cobre o peito do amante.

## XI

Orquidea de Krähenbühl.

Moveu-lhe as pálpebras. E ele saltou sobre o capitão, sobre o mastro da mezena e sobre o carcereiro e o muro do presidio. Ganhou a rua. E encheu a rua com um grito:

— Livre!

Ela moveu de novo as pálpebras. Caiu sobre ela. Da ponta dos cabelos até os pés se uniram. Ela lhe disse:

— És meu!

E de fato era seu. Tão seu como o sangue das veias. Como o sorriso que ela faz e desfaz nos lábios. Como o penteado que ela mancha e desmancha nos ombros.

## XII

— És meu! lhe repetiu. E desapareceu na esquina.

Atrás de sua sombra e de seus rastros, atrás de sua vida precipitou-se. Lembrou-se um momento do passado, como quem se lembra de si mesmo. Teve saudade de seu cachimbo, de seu gato e de seu cão. Mas tinha que buscá-la e se deu conta. Que já não podia fazer carícias no lombo de seu gato nem festas ao seu cão nem fumar o seu cachimbo.

Tinha de buscá-la. E nada mais.

## XIII

Perguntava aos guardas-noturnos e às telefonistas:

— Vistes minha amante?

Porque ela o amava e estava viva. Ninguém lhe respondia. Quem pode saber o paradeiro das mulheres que amam?

Andou duzentas casas e duzentas ruas. E não viu as casas nem as ruas. Nem as gentes nas ruas. Só tinha olhos para a sua ausente. Que povoava tudo. Vivia. Ela vivia dentro dele. E uma vida é um corpo. Ocupa um lugar no espaço.

## XIV

Por um momento duvidou. Ela estivera morta. Quem sabe, apenas fantasma se incorporara e fantasma fugira para o cemitério, em busca da sepultura que ele não lhe dera. Como os marinheiros mortos e os enterrados à beira-estrada, que se erguem nas noites de verão, e envoltos em mortalhas verde-frias de fogo se põem a caminhar. Sobre o mar atônito, sobre as estradas espantadas se põem a caminhar, buscando o cemitério do país natal E não chegam nunca, pois a madrugada chega, e com ela retornam aos seus lugares de exilada morte.

Quem sabe também ela erraria para sempre?

Quem sabe, acertando, passearia agora sua inquieta morte entre as aliás de mármore e os salgueiros? E sobre as lousas enluaradas num bailado de sombras rendilhasse o vento a confusão de seus cabelos e o silêncio ondulante das ramagens?

## XV

No cemitério a procurava. Os Cristos de granito e os anjos de asas rotas eram mudos. Até a lua sobre os mausoléus, cadavérica e rígida jazia. Lua também inteiriçada e fria dentro de muitos sepulcros. Não havia senão morte em redor. Da noite pendia a morte, múltipla e una. Como de uma parreira um cacho de uvas.

Respirou-as, levou a mão ao coração e pensou se também não estaria morto. Tinha a noite no pulso. E a morte estava na noite e a morte era ela e ela estava na noite. E nada existia fora dela. E onde estiver a morte, ela estará. Quis chamar o seu nome. Mas qualquer coisa, que não as palavras, se avolumava em sua boca. A maçã? A morte? A vida?

Estaria começando a morrer? Ou teria sido até então um morto e ia começar a viver?

## XVI

Um rumor. Talvez ela entre os ciprestes. Talvez algum anjo de pedra despertasse e descesse de seu pedestal. Disse-lhe uma palavra.

A tampa de um sepulcro arredada. Moreno e magnífico estava sobre o túmulo branco. E tinha um pé para dentro e outro para fora. Moreno e estático. Ninguém saberia onde estavam seus olhos e onde sua voz. Já não precisava disto. Era todo uma coluna de silêncio. Meio para dentro e meio para fora.

## XVII

Viram-no os vigilantes do cemitério e estridularam apitos. Todos corriam. Uns, pensando que se tratava de alguém que perdera o juízo e queria sepultar-se vivo. Outros, que seria um espectro do fundo dos infernos renascendo. E riam e choravam. Mas todos corriam, tomados de pânico. Fugiam.

Ele olhava para baixo e tinha um punhal na mão. Na ponta do punhal, um envelope azul com selos amarelos, olhava fixamente para baixo, como se alguém lhe estivesse falando ou sorrindo do fundo do sarcófago.

Todos fugiam. De forma que ninguém ficou sabendo se ele lhe tirara o punhal do coração para enchê-lo de vida, ou se o cravara de novo, até matar para sempre. Ou contra si mesmo o empunharia?

Ninguém ficou sabendo se estava se sepultando ou renascendo. E Olívia de Krähenbühl estaria lá?

Somente os pássaros, os salgueiros e os mármores do cemitério continuaram imóveis e viram tudo. Mas os pássaros, os salgueiros e os mármores não falam. Sabem silenciosamente. Como os mortos.

# VIII

# INTERMEZZO DO VALETE DE ESPADAS

E doce e flexível em suas mãos passava. De estrangeira fabricação e de papel de linho. De armadura azul e escudo de Borgonha. O valete de espadas — diziam. E era eu. Entre as outras cartas me embaralhavam e jogavam. Às vezes era o aconchego de uma dama de copas, muito séria, deitada sobre mim. Ou um rei de áspera barba e duro olhar, ou a tímida condessa de paus. Frissonant era o contato de uma que eu sabia minha irmã, silenciosamente incestuosa. Embaralhavam de novo e eu era assassino e covarde e apunhalava damas e às mãos dum às de ouros perecia. Particularmente misteriosa era a morte que às vezes me davam um simples sete de ouros ou um dois de paus. Aprendi o amor dos dedos amarelos dos homens e das unhas das mulheres. Manobravam-me. Distribuíam-me sem cerimônia, apesar de certo ritual que eles mesmos não entendiam. Seus hábeis gestos me viajavam ao sabor de movimentos que

eram só deles. Para onde suas mãos queriam. Mas era cega a onipotência de seus dedos, e eu sempre os surpreendia. Tornava-me excepcionalmente espantoso entre o polegar e o indicador de uma irônica mulher, esmagando, no final da partida, um ás de copas e um rei de ouros. Isto, quando muitos já me julgavam morto, e eu aparecia, no sortilégio duma ressurreição.

Pensavam manobrar-me à vontade. Mas a verdade é que nunca sabiam onde eu estava. Só quando eu aparecia. E apenas aparecia, já me rejeitavam para um monte de mortos. De forma que só na hora de minha morte me poderiam conhecer. Nada mais que alguns segundos, insuficientes para fitar e guardar na memória o nome de meu semblante.

Confundiam-se. Mas eu também os deixava confusos. Era sempre um objeto de surpresa do qual não se davam conta. Nunca chegaram a conhecer-me. Muitas vezes tomaram-me por morto quando eu estava vivo, e por vivo quando estava morto.

No fundo, eu também os desprezava sem os conhecer. Isto sucedia sempre que em vez de me encontrar num hotel ou num convento, eu me hospedasse nas cartas de um baralho francês. O que afinal de contas acontecia sempre. E não podia ser de outra forma. Pois o lugar de um valete de espadas é no baralho de naipes. E parece que eu era de fato o valete de espadas, doce e flexível, de papel de linho e estrangeira fabricação. De armadura azul e escudo de Borgonha.

Fecisti nos ad Te, Domine,
et inquietum est cor nostrum,
donec requiescat in Te."

SANTO AGOSTINHO
(Confissões)

# ÍNDICE

I
O HOTEL
*De pág. 11 a 32*

II
O NAVIO
*De pág. 33 a 52*

III
RUA ANGÉLICA DAS DORES
*De pág. 53 a 77*

IV
O CONVENTO
*De pág. 79 a 135*

V
JEZEBEL
*De pág. 137 a 176*

VI
A CONSPIRAÇÃO
*De pág. 177 a 199*

VII
A RESSUREIÇÃO DE OLÍVIA DE KRÄHENBÜHL
*De pág. 201 a 210*

VIII
INTERMEZZO DO VALETE DE ESPADAS
*De pág. 211 e 212*

Editora Brasília/Rio

## Obras publicadas

■ **COLEÇÃO LITERATURA**

SAMBURÁ — Raul Bopp

ENCONTROS — Antonio Carlos Villaça (2.ª edição)

O CHAPÉU DE MEU PAI — Aurélio Buarque de Holanda

O JARDIM DA FADA MANGANA — Roberto Athayde

ZERO — Ignácio de Loyola Brandão (2.ª edição)

OS PLANELÚPEDES — Garcia de Paiva

GENTE BOA — M. Mendes, L.A. Bahia, F. Sabino, O. Lessa, C. Castello Branco, J.J. Veiga, R. Braga, J. Amado, L. Ivo, H. Pólvora, J.C. Carvalho, J.C. Mello Neto, C.D. Andrade, A. Dines, P.M. Campos.

MONSENHOR — Antonio Carlos Villaça

POR TRÁS DOS MUROS — Luiza Lobo

O DUPLO SIGNO DE "ZERO" — Erilde Melillo Reali

AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Lewis Carrol, interpretadas por Fernando de Mello

DENTES AO SOL ou a Destruição da Catedral — Ignácio de Loyola Brandão

A FUGA DO ARCANJO — Walmir Ayala

GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE — Márcio Souza

MILAGRE NA SALINA — Mário Pontes

UM CÃO UIVANDO PARA A LUA — Antônio Torres

AS NOITES DO MORRO DO ENCANTO — Dinah Silveira de Queiroz

■ **COLEÇÃO TEATRO**

APARECEU A MARGARIDA — Roberto Athayde

TEATRO É CULTURA — Luiza Barreto Leite

■ **COLEÇÃO LETRAS**

DAS RAZÕES DO MODERNISMO — Fritz Teixeira de Salles

LEITURA DE INVENÇÃO DE ORFEU — Coordenação de Dirce Côrtes Riedel

GRACILIANO RAMOS — Estrutura e Valores de uma Forma de Narrar — Fernando Alves Cristóvão (2.ª edição revista, no prelo)

■ **COLEÇÃO PEDAGOGIA**

ESTÓRIAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: DE POMBAL A PASSARINHO — Lauro de Oliveira Lima (3.ª edição, ampliada)

■ **COLEÇÃO LINGÜÍSTICA**

LÍNGUA, CULTURA E DESENVOLVIMENTO — Ruth Monserrat e Helena Gryner

■ **COLEÇÃO JURÍDICA**

VADE-MÉCUM FORENSE — Osny Duarte Pereira

DIREITO AGRÁRIO: LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS — Wellington dos Mendes Lopes e Gercino Venâncio da Rosa (com completo índice remissivo)

EQÜIDADE E DISSÍDIOS COLETIVOS — Arion Sayão Romita

DIREITO SINDICAL BRASILEIRO — Arion Sayão Romita

DO INADIMPLEMENTO ANTECIPADO DO CONTRATO — Fortunato Azulay (No prelo)

■ **MANCHETES HISTÓRICAS**

O MONGE FEITICEIRO (2.ª edição)

A MORTE DE KENNEDY (2.ª edição)

ASSIM MORREU LAMPIÃO - Antonio Amaury

---

OS PEDIDOS POR REEMBOLSO POSTAL DEVEM SER ENVIADOS PARA ESTA EDITORA, BASTANDO MENCIONAR O TÍTULO DO LIVRO.

EDITORA BRASÍLIA/RIO
Rua Muniz Barreto, 16, Tels.: 266-3428 e 286-9394
Rio de Janeiro

Impresso nas oficinas de
José Fagundes do Amaral & Cia. Ltda.
*Rua do Livramento, 196 – Tel.: 243-7046*
**CENTRO — RIO**